

Marcelo Vilhena Silva

PEQUENOS JOGOS NO FUTEBOL:

o efeito da utilização de diferentes composições da equipe baseadas no estatuto posicional no
desempenho de jovens atletas

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2017

Marcelo Vilhena Silva

PEQUENOS JOGOS NO FUTEBOL:

o efeito da utilização de diferentes composições da equipe baseadas no estatuto posicional no desempenho de jovens atletas

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Ciências do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências do Esporte

Linha de Pesquisa: Metodologia do Treinamento Esportivo

Área de Concentração: Treinamento Esportivo

Orientador: Prof. Dr. Pablo Juan Greco

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2017

Página destinada à Folha de Aprovação

Dedico esse trabalho à todos amigos, colegas, alunos e atletas que fizeram e ainda fazem parte da minha vida. Aos meus pais, irmãos, esposa, filhos. A todos vocês, o meu muito obrigado!

AGRADECIMENTOS

A Deus que, apesar dos meus momentos de ausência e falta de fé, nunca me abandonou.

Aos meus pais, Fernando e Ivana que, diferentes maneiras, foram e ainda são exemplos para mim e para meus irmãos. Aos meus irmãos, Adriano e Fernanda, e às suas famílias pela amizade e respeito.

À minha querida esposa, Kellen, companheira de longa data que, mesmo diante de todas as adversidades, permaneceu e permanece me dando suporte e apoio. Obrigado por tudo meu amor.

Aos meus amados filhos, Murilo e Manuela, que, ainda inocentes, perderam minutos, horas, dias e meses de convivência em função de minhas escolhas profissionais. Papai ama vocês.

Ao professor Pablo Juan Greco que sempre foi muito mais do que um orientador. Você é um exemplo a ser seguido professor.

À todos os membros do Centro de Estudos em Cognição e Ação (CECA) da UFMG. Ao Pablo de Sousa e a Paula de Paula que, há quase 20 anos atrás, concluíram suas dissertações e se tornaram referências no laboratório. Àqueles que convivi nos tempos do mestrado (Diogo, Cláudio, Cristino, Juan, Santelmo, Siomara, Valmo e Wendel) e que participaram, de maneira especial, do início de minha trajetória acadêmica. Aos membros Gustavo, Fabiola, Henrique, Karen, Layla, Ricardo, Schelyne e Vinícius que, mais recentemente, cruzaram meus caminhos. Aos colegas Pedro e Raphael pela contribuição na coleta e análise dos dados. E ao meu grande amigo Gibson. Esse trabalho não seria concluído sem a sua ajuda.

À todos os profissionais e atletas do Clube Atlético Paranaense, em especial aos amigos André Fornaziero, Felipe Rabelo, Kaio Fonseca, Michael Douglas, Pedro Sotero e Rafael Essenfelder pelo apoio incondicional na realização e análise das coletas. Não há palavras suficientes para agradecer todos vocês.

Aos funcionários da EEFFTO e ao corpo docente do Departamento de Esportes por fazerem parte de quase 25 anos de minha vida.

Aos membros da banca de defesa de doutorado, pelo aceite do convite e pelas contribuições para a melhoria do trabalho.

À todos os pesquisadores que se dedicam a entender e melhorar o processo de treino no futebol.

“De tudo ficarão três coisas: a certeza de que estamos começando, a certeza de que é preciso continuar e a certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar. Fazer da queda um passo de dança. Do medo, uma escada. Do sonho uma ponte. Da procura um encontro”.

Fernando Sabino

RESUMO

Este estudo avaliou a influência da composição das equipes, baseadas no estatuto posicional, no comportamento tático, técnico e nas relações de interação de jogadores de futebol durante a realização de pequenos jogos. Doze atletas, pertencentes a uma agremiação Sub-15 do sul do país, foram inseridos em sete equipes pertencentes a três diferentes grupos. Dois grupos foram compostos por equipes com atletas de diferente estatuto posicional e um grupo foi composto por equipes com atletas de mesmo estatuto posicional. Para a composição dessas equipes, o estudo considerou o estatuto posicional de origem e o comportamento tático dos atletas, obtido por meio do Sistema de Avaliação Tática no Futebol (FUT-SAT). Durante o delineamento experimental os atletas participaram de um pequeno jogo, com duração de 4 minutos, na estrutura de jogo 3vs.3. Por meio das análises das ações realizadas nesse ambiente, foi possível mensurar os comportamentos táticos, técnicos e as relações de interação estabelecidas pelos atletas. Mensurou-se o comportamento tático por meio da avaliação dos princípios táticos fundamentais. Mensurou-se o comportamento técnico por meio da análise das ações técnicas realizadas. Mensurou-se as relações de interações estabelecidas pelos jogadores por meio da análise de interações sociais (Network). Os resultados do estudo, indicam que a composição das equipes, baseadas no estatuto posicional, exerceu influência nos comportamentos táticos e técnicos dos atletas. As relações de interação, por sua vez, não apresentaram alterações significativas. No que diz respeito ao comportamento tático, o estudo concluiu que o percentual de acerto dos princípios táticos ofensivos, defensivos e gerais variaram quando os atletas jogaram em equipes compostas por colegas da mesma posição. Os defensores apresentaram maior percentual de acerto nos princípios defensivos e gerais, os meio-campistas nos princípios ofensivos e os atacantes nos princípios ofensivos e gerais ao jogarem com colegas da mesma posição. Os resultados referentes à incidência dos princípios táticos, verificaram que os defensores apresentaram diferenças no comportamento tático atuando, tanto em equipes formadas por atletas da mesma posição, como em equipes formadas por atletas de posições diferentes. Os meio-campistas apresentaram diferenças ao jogar com colegas da mesma posição e os atacantes ao atuar com atletas de posições diferentes. Em relação às questões técnicas, o estudo verificou que as equipes compostas por atletas de diferentes posições executaram, no campo de ataque, mais interceptações e recepções do que as equipes compostas por atletas da mesma posição. O estudo concluiu que a composição das equipes, baseados no estatuto posicional interferiu no comportamento tático e técnico dos atletas.

Palavras-chave: Futebol. Pequenos Jogos. Avaliação da Performance.

ABSTRACT

This study evaluated the influence of team composition criteria, based on playing position, on tactical, technical, physical behavior and on the network properties of athletes of a soccer team during small-sided games. Twelve athletes belonging to an U-15 team from the south of the country participated in the study. Nine players were distributed into six teams belonging to two groups composed of (a) teams with athletes of the same playing position and (b) by teams with athletes of different playing position. The other three players were part of the Control Group team. In order for these teams to be composed, the study considered the playing position of origin and tactical behavior of the athletes obtained through the System of Tactical Assessment in Soccer. The athletes participated in a small-sided game, held for 4 minutes in the 3vs.3 configuration. Tactical behavior was measured through the evaluation of fundamental tactical principles. The technical behavior was measured by analyzing the technical actions performed. Physical behavior was measured by means of distances, speeds and accelerations. Finally, the interactions among the players were measured through the network analysis. The results of the research indicate that the team composition criteria, based on the positional status, exerted influence on the tactical and technical behavior of the athletes. Physical, physiological and interaction relationships did not change significantly. Regarding tactical behavior, the study showed that the percentage of correctness of offensive, defensive and general tactical principles varied only when the athletes played with colleagues from the same position. The defenders showed a greater percentage of correctness in general and defensive principles, midfielders in offensive principles and forwards in offensive and general principles. The results concerning the incidence of tactical principles found that defenders presented differences in tactical behavior by playing with colleagues from the same position and colleagues from different positions. The midfielders presented differences when playing with colleagues of the same position and the attackers when acting with athletes of different positions. Regarding technical issues, there was a greater number of interceptions and receptions carried out in the field of attack by athletes from different positions. No differences were found in the number of technical actions developed by athletes of the same position. Thus, the study concludes that the composition of the teams, based on positional status only interfered in the athletes' tactical and technical behavior.

Keywords: Small-sided games. Team composition. Playing position.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fases, objetivos e aspectos ofensivos e defensivos presentes nas fases do jogo de futebol.....	18
Figura 2: Determinantes subjetivos e objetivos da ação.....	19
Figura 3: Fases da ação e seus sistemas de controle.....	20
Figura 4: Fases de jogo, objetivos e princípios táticos gerais, operacionais e fundamentais do jogo de Futebol.....	24
Figura 5: Modelo pendular da tomada de decisão.....	31
Figura 6: Campo de Jogo dividido pelos setores ou faixas do campo (Defensivo, Meio de Campo e Ofensivo).....	45
Figura 7: Campo de Jogo dividido pelos corredores (Corredores Laterais e Corredor Central).	46
Figura 8: Delineamento das coletas diárias.....	55
Figura 9: Delineamento do estudo.....	56
Figura 10: Organização estrutural do Sistema de Observação, Análise e Avaliação do Comportamento Tático no Futebol.....	588
Figura 11: Software Soccer Analyzer® e as referências espaciais inseridas no vídeo.....	58
Figura 12: Exemplo de Matriz de Adjacências de duas equipes em confronto.....	61
Figura 13: Representação gráfica da matriz de adjacências.....	62
Quadro 1: Principais resultados acerca do comportamento físico em Pequenos Jogos.....	433
Quadro 2: Ações técnicas realizadas pelos atletas de diferentes posições.....	49
Quadro 3: Distribuição dos sujeitos conforme os critérios de composição das equipes.....	53
Quadro 4: Distribuição dos confrontos entre as equipes ao longo das duas semanas.....	555
Quadro 5: Variáveis dependentes analisadas.....	59
Quadro 6: Variáveis do comportamento tático analisadas no atual estudo.....	60
Quadro 7: Variáveis da análise técnica.....	644

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Qualidade dos dados para variáveis táticas.	65
Tabela 2: Percentual de acerto dos princípios táticos entre defensores nos pequenos jogos ...	66
Tabela 3: Percentual de acerto dos princípios táticos entre meio-campistas nos pequenos jogos	67
Tabela 4: Percentual de acerto dos princípios táticos entre atacantes nos pequenos jogos.....	67
Tabela 5: Incidência dos princípios táticos fundamentais dos defensores nos pequenos jogos	68
Tabela 6: Incidência dos princípios táticos fundamentais dos meio-campistas nos pequenos jogos	68
Tabela 7: Incidência dos princípios táticos fundamentais dos atacantes nos pequenos jogos .	69
Tabela 8: Localização das ações táticas no campo de jogo dos defensores nos pequenos jogos	70
Tabela 9: Localização das ações táticas no campo de jogo dos meio-campistas nos pequenos jogos	70
Tabela 10: localização das ações táticas no campo de jogo dos atacantes nos pequenos jogos	70
Tabela 11: Propriedades da rede nos pequenos jogos orientados por diferentes critérios de composição de equipes	71
Tabela 12: Propriedades da rede das equipes compostas por defensores, meio-campistas ou atacantes.....	72
Tabela 13: Níveis de proeminência de defensores nos pequenos jogos com diferentes critérios de composição das equipes.....	72
Tabela 14: Níveis de proeminência de meio-campistas nos pequenos jogos com diferentes critérios de composição das equipes.....	72
Tabela 15: Níveis de proeminência de atacantes nos pequenos jogos com diferentes critérios de composição das equipes.....	72
Tabela 16: incidência de ações técnicas apresentada pelos atletas nos dois diferentes grupos	73

LISTA DE ABREVIATURAS

JEC: Jogos Esportivos Coletivos

SSG: Small Side Games

SSCG: Small Side Condition Games

JR: Jogos Reduzidos

PJ: Pequenos Jogos

CTD: Conhecimento Tático Declarativo

CTP: Conhecimento Tático Processual

TCTP: OE: Teste de Orientação Esportiva

FUT-SAT: Sistema de Avaliação Tática no Futebol

IPT: Índice de Performance Tática Ofensiva

IPTD: Índice de Performance Tática Defensiva

IPTO: Índice de Performance Tática Ofensiva

GPS: Global Positioning System

[La]: Concentração Sanguínea de Lactato

FC: Frequência Cardíaca

LAL: Limiar Anaeróbico de Lactato (LAL)

FCmax: Frequência Cardíaca Máxima

ARS: Análise de Redes Sociais

Sumário

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Problematização.....	13
1.2 Objetivo Geral.....	15
1.3 Objetivos Específicos	15
1.4 Hipóteses.....	15
2 MARCO TEÓRICO	16
2.1 Os Jogos Esportivos Coletivos e o Futebol	16
2.1.1 O Futebol e os Princípios Táticos	22
2.2 Os Pequenos Jogos.....	26
2.3 Os Pequenos Jogos e os Comportamentos Táticos	29
2.4 Os Pequenos Jogos e os Gestos Técnicos	35
2.5 Os Pequenos Jogos e os Componentes Físicos e Fisiológicos.....	40
2.6 A Composição da Equipe e o Estatuto Posicional	44
3. MÉTODOS.....	51
3.1 Cuidados Éticos	51
3.2 Sujeitos e Cálculo Amostral	51
3.3 Procedimentos.....	52
3.4.1 Variável Independente: Composição das Equipes	57
3.5 Análise dos dados	64
3.6 Qualidade dos Dados	65
4. RESULTADOS	66
4.1 Comportamento Tático	66
4.2 Relações de interação (Network).....	71
4.3 Ações Técnicas	73
5. DISCUSSÃO	74
5.1 Comportamento Tático	74
5.2 Análise de interações (Network).....	80
5.3 Comportamento Técnico.....	83
5.5 Limitações.....	85
5.6 Aplicações Práticas	86
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS	90
ANEXO I: APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	107

ANEXO II: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PAIS E RESPONSÁVEIS).....	108
ANEXO III: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ATLETAS) 110	
ANEXO IV: INDICADORES DE PERFORMANCE FUTSAT (RETIRADO DE COSTA ET AL., 2009).....	112

1 INTRODUÇÃO

1.1 Problematização

Os pequenos jogos são meios utilizados, em diferentes processos de ensino-aprendizagem-treinamento, que contribuem para o desenvolvimento, muitas vezes simultâneo, de diferentes componentes do rendimento esportivo, uma vez que proporcionam, em escalas inferiores de complexidade, a vivência de conteúdos presentes nos jogos oficiais (COSTA *et al.*, 2010b; PRAÇA, 2014).

O emprego desse recurso metodológico, permite reduzir as interações do jogo formal e aumentar, ao mesmo tempo, a proporção de participação dos jogadores (AGUIAR *et al.*, 2012). Por meio da manipulação de variáveis como o tamanho do campo (CASAMICHANA, CASTELLANO, 2010), o número de jogadores (ABRANTES *et al.*, 2012; VILAR *et al.*, 2014), a limitação de toques na bola (CASAMICHANA *et al.*, 2013b; CASAMICHANA *et al.*, 2014), a realização de pequenos jogos com a presença ou não de alvos (SILVA, 2011), de goleiros (KÖKLÜ *et al.*, 2015b) de superioridade numérica (PRAÇA *et al.*, 2016a) e da utilização de diferentes formas de compor as equipes (PRAÇA *et al.*, 2016b), treinadores e preparadores físicos promovem o desenvolvimento, em cada sessão de treinamento, de diferentes conteúdos esportivos (CASAMICHANA; CASTELLANO, 2010; MALLO; NAVARRO, 2008; RAMPININI *et al.*, 2007).

Dentre as possibilidades de manipulação citadas, a forma de compor as equipes se destaca como uma das maneiras de modificar os pequenos jogos que tem despertado, nos dias atuais, interesse no meio científico. Ao compor as equipes que constituem seus estudos, os pesquisadores utilizam diferentes critérios dentre os quais é possível destacar: o nível de potência aeróbica (CASAMICHANA *et al.*, 2013a; HILL-HAAS *et al.*, 2009a); a capacidade técnica (HILL-HAAS *et al.*, 2009b; KÖKLÜ *et al.*, 2012); e o estatuto posicional (FRENCKEN *et al.*, 2011; PADILHA *et al.*, 2013; PRAÇA *et al.*, 2015a; PRAÇA *et al.*, 2016a).

Nessa gama de possibilidades, o chamado estatuto posicional, ou seja, a posição em que os jogadores atuam no jogo formal, se apresenta como uma alternativa de manipulação (BRADLEY *et al.*, 2014; DELLAL *et al.*, 2010). Os recentes estudos de Padilha *et al.*, (2013),

Praça *et al.* (2015b) e Praça *et al.* (2016b), são alguns dos exemplos de estudo que formaram as equipes baseadas na posição de origem dos jogadores (defensores, meio-campistas e atacantes).

A ideia de se estudar esse objeto (composição das equipes), muitas vezes leva em consideração o conceito de que o futebol se assemelha a um “superorganismo vivo”, que apresenta comportamentos de um sistema coletivo, formado pelas interações dos agentes do jogo (organismos menores), no ambiente de jogo. Nessa perspectiva supõem-se que as ações individuais constriam e sejam constriadas pelas ações dos organismos ao seu redor (companheiros e adversários) (DUARTE *et al.*, 2012) gerando diferentes ações.

Por isso, ao considerar que a movimentação desses jogadores, ao longo do campo de jogo, proporciona alta correlação com os padrões comportamentais reproduzidos nos momentos de ataque e de defesa (SILVA *et al.*, 2016) e apresentam relação direta com as ações e movimentos espaciais de companheiros e adversários (SILVA *et al.*, 2016), é de se esperar que a manipulação na composição das equipes, realizadas por meio dos estatutos posicionais, possa gerar novos comportamentos táticos, técnicos e novas relações de interação.

Assim, fundamentados na perspectiva de que ao modificar os agentes do jogo, haverá modificação nas relações estabelecidas e, conseqüentemente, no desenrolar da partida, novos estudos foram desenvolvidos. À luz desse pressuposto, estudos prévios encontraram a existência, por exemplo, de uma exigência específica para cada estatuto posicional em relação: às diferenças antropométricas (GIL *et al.*, 2007; MALINA *et al.*, 2004; WONG *et al.*, 2009); às demandas físicas (BALIKIAN *et al.*, 2002; BANGSBO *et al.*, 2006; BUSH *et al.*, 2015; DI SALVO *et al.*, 2007); às demandas técnicas (DELLAL *et al.*, 2010; TAYLOR *et al.*, 2004) e; aos aspectos referentes às tomadas de decisão e comportamento tático (PADILHA *et al.*, 2013; PRAÇA, 2014, PRAÇA, 2016a).

Contudo, embora alguns estudos já tenham considerado o estatuto posicional na composição das equipes, atribuindo a cada equipe um defensor, um meio-campista e um atacante (PRAÇA, 2014; PRAÇA *et al.*, 2015b, PRAÇA, 2016a), considera-se que a investigação acerca das interações estabelecidas pelos jogadores, no âmbito dos pequenos jogos, ainda seja incipiente.

Mas como exposto, se considerarmos que a composição das equipes, a partir do estatuto posicional, pode influenciar e determinar as ações executadas pelos jogadores nos pequenos

jogos, é de se pensar que essa manipulação não deva ser desprezada pelos treinadores no momento de elaborar seus treinos. Nesse sentido, torna-se relevante responder à seguinte pergunta de estudo: existem diferenças no comportamento tático, técnico, e nas relações de interação quando os jogadores participam de pequenos jogos em equipes formadas por diferentes estatutos posicionais?

1.2 Objetivo Geral

Comparar o comportamento tático, técnico e as relações de interação de jogadores atuando em equipes compostas por companheiros da mesma posição (mesmo estatuto posicional) e em equipes compostas por companheiros de diferentes posições (estatuto posicional diferente).

1.3 Objetivos Específicos

- 1- Comparar o comportamento tático dos jogadores participantes de um pequeno jogo, na estrutura de 3vs.3, ao atuar com colegas do mesmo estatuto posicional e com colegas de estatuto posicional diferente.
- 2- Comparar as relações de interação (Network) estabelecidas pelos jogadores participantes de um pequeno jogo, na estrutura de 3vs.3, ao atuar com colegas do mesmo estatuto posicional e com colegas de estatuto posicional diferente.
- 3- Comparar o comportamento técnico de jogadores ao participarem de um pequeno jogo, na estrutura de 3vs.3, ao atuar com colegas do mesmo estatuto posicional e com colegas de estatuto posicional diferente.

1.4 Hipóteses

- 1- A composição das equipes, baseada no estatuto posicional, influencia o comportamento tático dos jogadores participantes de um pequeno jogo no futebol;
- 2- A composição das equipes, baseada no estatuto posicional, influencia as relações de interação (Network) dos jogadores participantes de um pequeno jogo no futebol;
- 3- A composição das equipes, baseada no estatuto posicional, influencia o comportamento técnico dos jogadores participantes de um pequeno jogo no futebol.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 Os Jogos Esportivos Coletivos e o Futebol

Os jogos esportivos coletivos ocupam lugar destacado na cultura esportiva contemporânea, constituindo um campo específico de investigação das Ciências do Esporte (GALATTI *et al.*, 2014; GARGANTA, 2009; MESQUITA *et al.*, 2009).

Amplamente praticados, esses jogos apresentam, independente da modalidade, elementos em comum: um objeto, geralmente uma bola, movimentada com as mãos, pés, bastões ou raquetes; um terreno, onde acontece o jogo; uma meta, um alvo ou espaço, que serão atacados e defendidos; companheiros de equipe, que juntos, buscam alcançar os objetivos do jogo; adversários, a serem enfrentados e superados; e regras que regulamentam o esporte e que precisam ser respeitadas (BAYER, 1986; COSTA *et al.*, 2010a; GARGANTA, 1998; SILVA; DE ROSE JUNIOR, 2005). A similaridade dessas propriedades, confere às modalidades esportivas coletivas uma estrutura organizacional análoga, caracterizada pela realização de ações individuais, de grupo e coletivas, que acontecem em um contexto de elevada variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade (GARGANTA, 2009).

O futebol, um dos jogos esportivos coletivos vivenciado em todas as partes do mundo, é uma modalidade de invasão, realizada em um espaço comum, com participação simultânea de colegas e adversários. Ao longo do jogo, companheiros de equipe, em cooperação, lutam para alcançar seus objetivos, ao mesmo tempo em que os adversários, em oposição, buscam impedir o alcance desses mesmos objetivos (GARGANTA; GRÉHAIGNE, 1999; SILVA; TAVARES *et al.*, 2006). Essa relação de cooperação e oposição, inerente a sistemas dinâmicos, gera situações que variam entre estabilidade (manutenção da simetria atacante-defensor) e instabilidade (quebra da simetria atacante-defensor) (CLEMENTE *et al.*, 2012a) observada, por exemplo, na díade criada entre atacante-defensor. Enquanto o atacante visa desestabilizar a simetria com o defensor, o defensor procura manter a estabilidade entre atacante-defensor, no sentido de assegurar a manutenção do estado de ordem e, conseqüentemente, a proteção da zona defensiva (MCGARRY, 2005).

A participação dos jogadores e das equipes acontece, em um contexto complexo como este, de maneira simultânea, em um espaço comum, com variação de ações desde o momento em que se controla (fase ofensiva), ou não, a bola (fase defensiva) (FESTA, 2009). Essas fases estão relacionadas e inseparavelmente ligadas, assim como a atuação dos jogadores e de suas equipes que, por meio de ações específicas, visam superar os adversários, tanto quando se ataca, ou quando se defende (TEOLDO *et al.*, 2015a). Desse modo, o estar ou não em situação de posse de bola condiciona, como nenhum outro aspecto, o comportamento dos praticantes, uma vez que na fase ofensiva a equipe ataca a baliza adversária, enquanto que na fase defensiva a equipe defende a sua própria baliza (HUGHES, 1990).

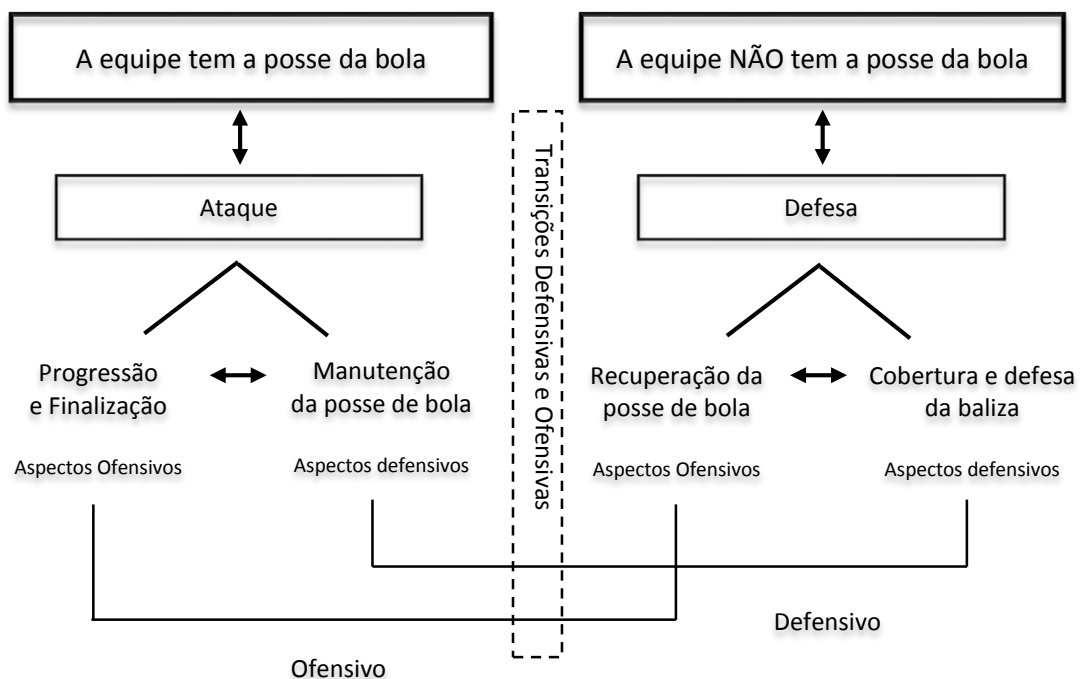
Contudo, as ações realizadas na partida não sofrem influência somente da relação com a posse de bola. O contexto de jogo pode, também, direcionar e balizar o comportamento dos jogadores. Um resultado negativo exige, por exemplo, que o indivíduo que detém a posse da bola aja rapidamente, sem retê-la por muito tempo (GARGANTA *et al.*, 2013; SILVA; GRECO, 2009). Nesta situação, os companheiros desse jogador precisam, ao mesmo tempo e de maneira inteligente, criar opções de passe que promovam a sequência no processo ofensivo e provoquem situações de finalização. Caso a bola seja perdida, isto é, recuperada pelos adversários, os jogadores que estavam na fase ofensiva, atacando, se reorganizam e se mobilizam para recuperar a posse da bola rapidamente.

Dentro desse modelo sistêmico, quando a posse de bola muda de um time para o outro, os jogadores trocam imediatamente de função, passando de atacantes a defensores e de defensores a atacantes (GRECO, 2002; SOARES, 2011). Esse momento de mudança, chamado de transição, é dividida didaticamente em ofensiva e defensiva. Na transição ofensiva, a equipe que recupera a bola inicia seu ataque, ao passo que na transição defensiva, a equipe que perde a posse da bola inicia seu processo de defesa. Apesar de serem as fases de menor duração, as transições são responsáveis por gerar a maior parte de situações que contribuem para o resultado final do jogo (TEOLDO *et al.*, 2015a).

É por essa razão que as equipes procuram, de forma sistemática, diminuir o tempo entre o “ganhar a bola e atacar” e entre o “perder a bola e defender”, realizando as ações exigidas da forma mais rápida e organizada possível (FERREIRA, 2003). Quanto maior for a capacidade do jogador e da equipe de transitar entre as fases (ofensiva e defensiva), mais condições terão de superar o adversário e conquistar o objetivo do jogo (TEOLDO *et al.*, 2015b).

O desenvolvimento dessas diferentes fases (ofensiva, defensiva, transição ofensiva e transição defensiva) decorre a partir de um conjunto de etapas complementares que são encaradas em um contexto de relação de forças (GARGANTA *et al.*, 2013) (Ver Figura 1).

Figura 1: Fases, objetivos e aspectos ofensivos e defensivos presentes nas fases do jogo de futebol



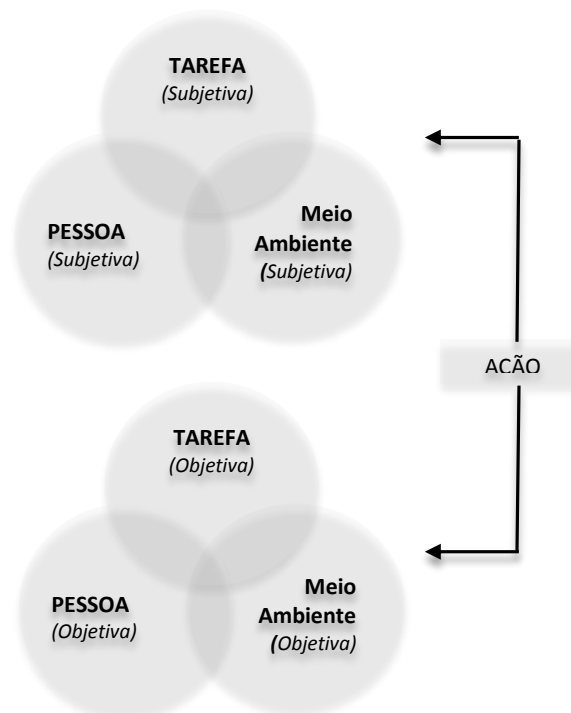
Fonte: Teoldo *et al.*, 2015a.

Em todas essas fases (ofensiva, defensiva e transições ofensiva e defensiva), os jogadores observam, processam e avaliam as situações, elegendo a melhor solução a fim de se sobrepor ao adversário tática e tecnicamente (TEOLDO *et al.*, 2015b). As decisões a respeito de “o que fazer” (situação tática), “como fazer (técnica)” e “quando fazer (tempo)” constituem parâmetros imprescindíveis para a compreensão do jogo e possibilitam, ao praticante, comportar-se de maneira inteligente durante uma partida (OLIVEIRA *et al.*, 2003). Por isso, há a necessidade dos jogadores apresentarem uma permanente atitude tático-estratégica (BUNKER; THORPE, 1982; GRECO; CHAGAS, 1992; SISTO; GRECO; 1995) aumentado, dessa maneira, as probabilidades da adequada resolução dos problemas que se apresentarão no decorrer de cada partida.

Contudo, essas decisões a respeito do “o que fazer”, e “quando fazer” são parâmetros da capacidade tática, que está relacionada à tomada de decisão, e que interage com as escolhas de “como fazer”. É por isso que se afirma que a capacidade tática e a capacidade técnica, reunidas, geram as bases para a concretização de uma ação de jogo e de um comportamento tático do praticante (FILGUEIRA; GRECO, 2008). Essa ação de jogo, também entendida como uma ação tática, é caracterizada pelos movimentos específicos da modalidade que são coordenados e adequado por fatores cognitivos e emocionais.

Reconhecida como um produto emergente da interação constituída pela tríade ambiente-tarefa-pessoa, a ação tática é determinada pelas condições subjetivas: como interesse, atitudes, experiência, opiniões e preconceitos; e pelas objetivas como condicionamento físico, aspectos antropométricos e biomecânicos, clima e temperatura (MATIAS; GRECO, 2010). É regulada, também, pela forma como o indivíduo percebe e adapta a sua própria competência, tanto em relação à tarefa a ser executada, quanto ao ambiente em que se encontra (COSTA; GRECO 2015; NISTCH; 2009). A interação de todas essas variáveis contribui para a tomada de decisão do atleta (Ver Figura 2).

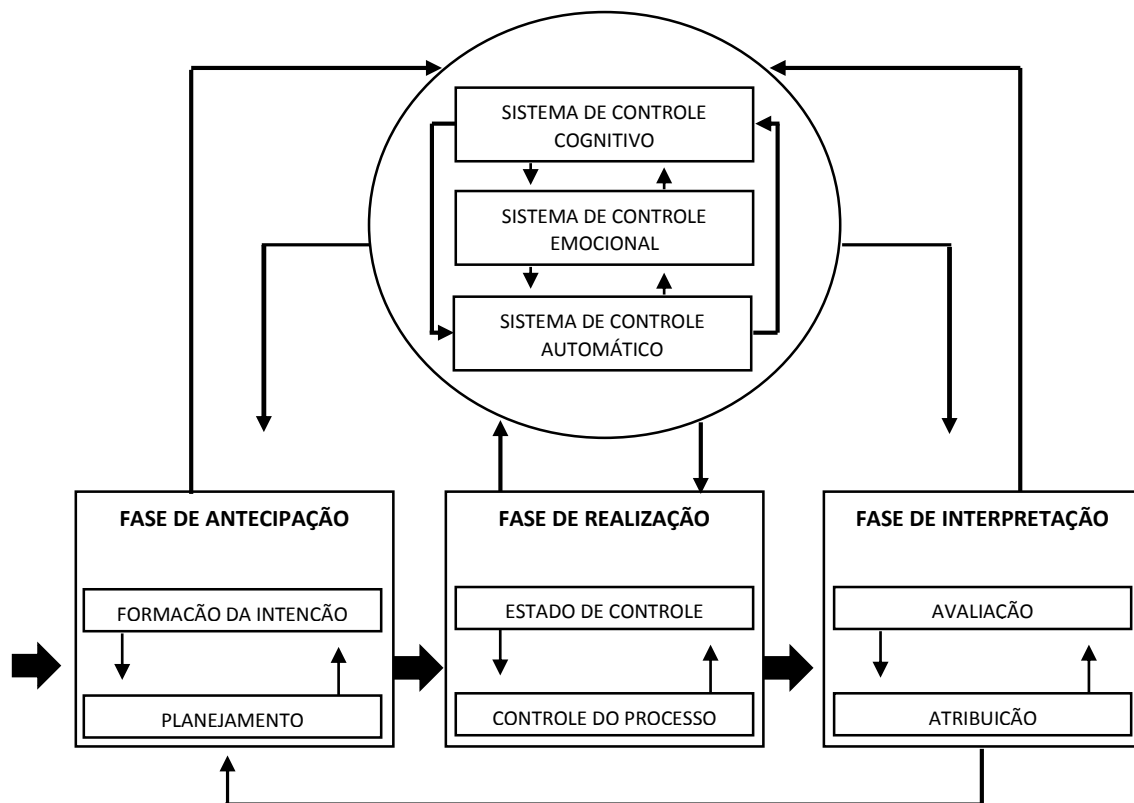
Figura 2: Determinantes subjetivos e objetivos da ação



Fonte: Nitsch (2009)

Dentro dessa concepção, as ações táticas se desenvolvem no decorrer de um processo, caracterizado pela interação de três fases: a antecipação; a interpretação; e a realização, todas monitoradas e influenciadas pelos sistemas de controle cognitivo, emocional e automático (NISTCH, 2009). Na fase de antecipação, o jogador, por exemplo, prevê mentalmente o resultado de possíveis ações e analisa as possíveis consequências de seus atos, com base nas condições iniciais da situação. Na fase de interpretação, esse jogador avalia a realização e as consequências das ações com base nos planos antecipados e desejados (COSTA; GRECO 2015). E na fase de realização, ele concretiza seus planos de ação frente a cada situação problema. A relação temporal entre a antecipação, a interpretação e a ação dos sistemas de controle nas diferentes fases da ação é vista na Figura 3.

Figura 3: Fases da ação e seus sistemas de controle



Fonte: Nitsch (2009)

Assim, de acordo com esse referencial teórico, é de extrema importância que as ações dos jogadores se orientem para a resolução de situações de jogo que se apresentam ininterruptamente. As escolhas referentes ao “o que fazer”, “quando fazer” e “como fazer” são, dependendo dos processos aos quais o indivíduo está inserido, norteadas por princípios táticos,

que servem como marco de referências e que auxiliam, os mesmos, a solucionar os diversos desafios que surgem nas diferentes fases do jogo (CASARIN *et al.*, 2011).

A utilização desses princípios táticos permite que os praticantes, seja no plano individual, ou no coletivo, se relacionem entre si, nas diferentes fases do jogo, como uma unidade parcialmente previsível que facilita a tomada de decisão dos seus integrantes (PRAÇA, 2016). Próprios de cada fase de jogo, os princípios táticos direcionam o comportamento de uma equipe tanto na dimensão individual, quanto coletiva, o que permite afirmar que quanto mais ajustada e qualificada for a sua aplicação no decorrer da partida, melhor será o desempenho da equipe ou do jogador no jogo (COSTA *et al.*, 2010a).

À luz desse conceito, entende-se que a maior a compreensão dos princípios táticos, por parte dos atletas, aumenta as suas possibilidades de sucesso. A equipe do Barcelona, por exemplo, se destacou, há alguns anos, por apresentar uma maior manutenção da posse da bola do que seus adversários. Para que esse padrão de jogo fosse concretizado, uma série de princípios ofensivos, defensivos, e de transição foram respeitados e executados, sistematicamente, durante as partidas. Equipes que seguem essa filosofia ofensiva apresentam, via de regra, um jogo apoiado (coberturas ao portador da bola), com muita mobilidade (troca posicional) e com inúmeras criações de linhas de passes. Na fase defensiva, essas equipes avançam os seus atletas, diminuindo os espaços de jogo do adversário e exercendo, a todo momento, pressão no portador da bola. Quando perdem a bola, os atletas dessas equipes executam ações de pressão individuais e coletivas, no intuito de prejudicar ou dificultar a rápida realização da transição ofensiva por parte dos adversários.

O jogar, baseado nos princípios táticos, presentes em cada uma das fases de jogo, ajuda a delinear o caminho a seguir e a determinar os passos dos jogadores no decorrer da partida (CASARIN *et al.*, 2011).

Por fazerem parte deste estudo, alguns dos princípios táticos inerentes ao futebol, encontrados na literatura serão apresentados, de maneira sucinta, no próximo tópico.

2.1.1 O Futebol e os Princípios Táticos

Os princípios táticos são referências decorrentes da construção teórica a propósito da lógica do jogo (COSTA *et al.*, 2009a), que são operacionalizados via realização de comportamentos técnico-táticos dos jogadores e das equipes durante uma partida (TEOLDO *et al.*, 2015a). Essas referências orientam o comportamento dos jogadores, ao estabelecer normas de ação (BETTEGA, *et al.*, 2015), ao mesmo tempo em que, auxiliam a equipe a desenvolver um melhor controle do jogo, tanto nas fases ofensivas e defensivas, quanto nas transições (TEOLDO *et al.*, 2015a). Quanto maior a qualidade de execução desses princípios, maior será a qualidade de jogo de uma equipe (TEOLDO *et al.*, 2015b).

Dentre as diferentes nomenclaturas adotadas para classificar os princípios de jogo, o presente estudo seguirá as abordagens e definições que apontam para a existência de princípios gerais, (GARGANTA; PINTO, 1994), operacionais, (BAYER, 1994) e fundamentais (COSTA *et al.*, 2009b).

Os princípios gerais se relacionam diretamente com o número de jogadores envolvidos na ação e com a busca em criar superioridade numérica, evitar a igualdade numérica, e não permitir a inferioridade numérica (GARGANTA; PINTO, 1994). São princípios presentes em todas as fases do jogo que norteiam as ações individuais e coletivas da equipe. A procura pela criação de superioridade numérica na fase defensiva é verificada, por exemplo, em ações coletivas de boa parte das equipes do futebol moderno. A tendência em ocupar o campo defensivo, com o maior número de jogadores atrás da linha da bola, reduz o espaço e o tempo de ação do adversário obrigando que o mesmo jogue em pressão e em constrangimento de tempo e de espaço. Esse constrangimento diminui a precisão das ações adversárias, conduzindo a um aumento de erros cometidos que possibilita, por sua vez, a recuperação da posse de bola com mais facilidade (TEOLDO *et al.*, 2015b).

Os princípios operacionais se relacionam com conceitos atitudinais necessários para atuar nas fases de ataque e defesa, que permitem ao praticante atingir os objetivos centrais do jogo (BAYER, 1994). De acordo com esses princípios, os jogadores, na defesa, visam: recuperar a posse da bola; impedir a progressão do adversário; reduzir o espaço de jogo da equipe rival; anular as situações de finalização do oponente e; impedir o gol. Já no ataque, esses mesmos jogadores procuram: conservar a posse da bola; progredir pelo campo de jogo adversário;

construir ações ofensivas; criar situações de finalização e; finalizar ao gol adversário. Esses comportamentos não são hierárquicos e nem apresentam uma ordem cronológica específica (GARGANTA *et al.*, 2013). Portanto, não é necessário que durante a fase ofensiva, ou defensiva, os jogadores e as equipes tenham de completar todas as etapas subjacentes às essas fases (GARGANTA *et al.*, 2013). Seguindo esse conceito, caso uma equipe consiga recuperar a posse da bola no terço final do campo ofensivo e, de imediato, tenha a oportunidade de criar situações de finalização ela deverá, sem se preocupar em desenvolver os outros princípios inseridos na fase ofensiva, finalizar a jogada. Por outro lado, se a partida estiver no final do tempo regulamentar e o placar for favorável, essa mesma equipe pode optar por manter a posse da bola, sem progredir no espaço e sem criar situações de finalização. De maneira paralela, a equipe que perder a posse de bola, no seu setor defensivo, deve, em um primeiro momento, pensar na proteção do gol, procurando impedir a finalização da equipe adversária (GARGANTA *et al.*, 2013). Nesse contexto, não haveria a preocupação inicial de recuperar a posse da bola ou de evitar a progressão do adversário, uma vez que o problema emergente é impedir a finalização do adversário. Desse modo, a utilização e a ordem de aplicação de cada um desses princípios, sejam eles ofensivos ou defensivos, depende de fatores como, por exemplo: o momento da partida; o placar do jogo; o nível do adversário; e a localização da bola no campo.

Os princípios fundamentais representam, por sua vez, um conjunto de regras que orientam as ações dos jogadores e da equipe nas duas fases do jogo (defesa e ataque). Por meio deles, procura-se criar desequilíbrios na organização da equipe adversária, estabilizar a organização da própria equipe e propiciar, aos jogadores, uma intervenção ajustada no centro de jogo (COSTA *et al.*, 2009b). Nessa concepção, observa-se cinco (5) princípios fundamentais na fase defensiva e cinco (5) princípios fundamentais na fase ofensiva do jogo (COSTA *et al.*, 2011a).

Para os autores na fase defensiva os atletas desenvolvem ações como:

- contenção: realização de oposição ao portador da bola;
- cobertura defensiva: oferecimento de apoios defensivos ao jogador que realiza a contenção;
- equilíbrio: estabilidade ou superioridade numérica nas relações de oposição;
- concentração: aumento da proteção defensiva na zona de maior risco ao gol;
- unidade defensiva: redução do espaço de jogo efetivo da equipe adversária.

Já na fase ofensiva os atletas desenvolvem ações como:

- penetração: redução da distância entre o portador da bola e o gol ou a linha de meta adversária;
- cobertura ofensiva: oferecimento de apoios ofensivos ao portador da bola;
- mobilidade: criação de instabilidade na organização defensiva do adversário;
- espaço: utilização e ampliação do espaço efetivo em largura e profundidade;
- unidade ofensiva: movimentação de avanço ou apoio ofensivo do(s) jogador(es) que compõe(m) a(s) última(s) linha(s) transversais da equipe.

A aplicação dos princípios táticos gerais, operacionais e fundamentais auxilia os jogadores a desenvolverem, com mais excelência, as ações de cada uma das fases do jogo (COSTA *et al.*, 2009a) (Ver Figura 4).

Figura 4: Fases de jogo, objetivos e princípios táticos gerais, operacionais e fundamentais do jogo de Futebol

Princípios Gerais		Tentar criar superioridade numérica	Evitar a igualdade numérica	Não permitir a inferioridade numérica
Fases		Ataque (com posse de bola)		Defesa (sem posse de bola)
	Princípios Operacionais	Conservar a bola Construir ações ofensivas Progredir pelo campo de jogo adversário Criar situações de finalização Finalizar a baliza adversária		Impedir a progressão do adversário Reduzir o espaço de jogo adversário Proteger a baliza Anular as situações de finalização Recuperar a bola
Princípios Fundamentais	Penetração	- Desestabilizar a organização defensiva adversária; - Atacar diretamente o adversário ou a baliza; - Criar situações vantajosas para o ataque em termos numéricos e espaciais.		Contenção - Diminuir o espaço de ação ofensiva do portador da bola; - Orientar a progressão do portador da bola; - Parar ou atrasar o ataque ou contra-ataque adversário; - Propiciar maior tempo para organização defensiva; - Restringir as possibilidades de passe a outro jogador adversário; - Evitar o drible que favoreça progressão pelo campo de jogo em direção ao gol; - Impedir a finalização à baliza.
	Cobertura Ofensiva	- Dar apoio ao portador da bola oferecendo-lhe opções para a seqüência do jogo; - Diminuir a pressão adversária sobre o portador da bola; - Criar superioridade numérica; - Criar desequilíbrio na organização defensiva adversária; - Garantir a manutenção da posse de bola.		Cobertura Defensiva - Servir de novo obstáculo ao portador da bola, caso esse passe pelo jogador de contenção; - Transmitir segurança e confiança ao jogador de contenção para que ele tenha iniciativa de combate às ações ofensivas do portador da bola.
	Mobilidade	- Criar ações de ruptura da organização defensiva adversária; - Apresentar-se em um espaço muito propício para a consecução do gol; - Criar linhas de passe em profundidade; - Conseguir o domínio da bola para dar seqüência a ação ofensiva (passe ou finalização).		Equilíbrio - Assegurar a estabilidade defensiva na região de disputa de bola; - Apoiar os companheiros que executam as ações de contenção e cobertura defensiva; - Cobrir eventuais linhas de passe; - Marcar potenciais jogadores que podem receber a bola; - Fazer recuperação defensiva sobre o portador da bola; - Recuperar ou afastar a bola da zona onde ela se encontra.
	Espaço	- Utilizar e ampliar o espaço de jogo efetivo da equipe; - Expandir as distâncias/posicionamentos entre os jogadores adversários; - Dificultar as ações de marcação da equipe adversária; - Facilitar as ações ofensivas da equipe. - Movimentar para um espaço de menor pressão; - Ganhar "tempo" para tomar a decisão correta para dar seqüência ao jogo; - Procurar opções mais seguras, através do jogadores posicionados mais defensivamente, para dar seqüência ao jogo.		Concentração - Aumentar a proteção ao gol; - Condicionar o jogo ofensivo adversário para zonas de menor risco do campo de jogo; - Propiciar aumento de pressão no centro de jogo.
	Unidade Ofensiva	- Facilitar o deslocamento da equipe para o campo de jogo adversário; - Permitir a equipe atacar em unidade ou em bloco; - Oferecer mais segurança as ações ofensivas realizadas no centro do jogo; - Propiciar que mais jogadores se posicionem no centro do jogo; - Diminuir o espaço de jogo no campo defensivo.		Unidade Defensiva - Permitir a equipe defender em unidade ou em bloco; - Garantir estabilidade espacial e sincronia dinâmica entre as linhas longitudinais e transversais da equipe em ações ofensivas; - Diminuir a amplitude ofensiva da equipe adversária na sua largura e profundidade; - Assegurar linhas orientadoras básicas que influenciam as atitudes e os comportamentos tático-técnicos dos jogadores que se posicionam fora do centro do jogo; - Equilibrar ou reequilibrar constantemente a repartição de forças da organização defensiva consoante às situações momentâneas de jogo; - Reduzir o espaço de jogo utilizando a regra do impedimento; - Obstruir possíveis linhas de passe para jogadores que se encontram fora do centro de jogo; - Possibilitar a participação em uma ação defensiva subsequente, - Propiciar que mais jogadores se posicionem no centro do jogo.
			Transição	

Fonte: Costa *et al.* (2009a)

A partir desses princípios, é possível construir um modelo de jogo que, além de proferir sentido e direcionar as ações dos jogadores (CASARIN *et al.*, 2011), promove a construção de um jogar concreto, um jogar específico e não um jogar qualquer (SILVA, 2008). Esse jogar específico, permite que os praticantes apresentem um comportamento menos aleatório, mais estável e mais consistente. Assim, um clube pode, por exemplo, adotar um modelo de jogo que privilegie a construção de um ataque mais vertical, atacando diretamente o adversário e seu gol, por meio de lançamentos e infiltrações, enquanto um outro enfatize um processo ofensivo apoiado, procurando opções mais seguras de passe e jogando mais em largura do que em profundidade. A final da Champions League de 2013, realizada por dois times alemães, o Bayer Munich e o Borussia Dortmund, representa bem esse exemplo (KEMPE *et al.*, 2014). Enquanto a equipe do Borussia investiu no jogo vertical, as ações ofensivas do Bayer Munich caracterizaram-se por um jogo de posse de bola (KEMP *et al.*, 2014).

Vale destacar, que cada instituição constrói seu modelo de jogo que traz, na maior parte dos casos, forte influência histórica e cultural. É por esse motivo que se encontra equipes rivais, localizadas na mesma cidade ou país, com modelos de jogo, tradicionalmente bem distintos. Contudo, apesar do modelo de jogo ser, normalmente, influenciado por suas tradições, ele não deve ser rígido. Por isso, é necessário que o modelo seja aberto, que não tenha um fim em si mesmo, e que, sem perder a identidade, possa ser construído, desconstruído e reconstruído a ponto de evoluir sistematicamente (ALMEIDA, 2014).

De um modo geral, o modelo de jogo precisará contemplar, além dos aspectos culturais, as preferências pessoais do treinador, as individualidades e as características dos jogadores do elenco (TAMARIT, 2007) permitindo que cada um acrescente a sua própria criatividade e seu talento sem, no entanto, adulterar as premissas do modelo do clube (ALMEIDA, 2014).

Contudo, para que os jogadores consigam executar suas ações com excelência, dentro de determinado modelo, é preciso criar hábitos (SILVA, 2008). Deste modo, é de suma importância que o treinador defina como quer que sua equipe jogue e quais os comportamentos deseja dos seus jogadores, tanto no plano individual como coletivo (ALMEIDA, 2014). Entretanto, não basta somente saber onde se quer chegar, é necessário saber, também, como chegar. Dessa maneira, esse mesmo treinador deverá, junto com sua comissão técnica, ser apto a desenvolver treinos capazes de gerar a aquisição e consolidação de diferentes comportamentos. Quanto mais fidedignas e mais próximas forem as situações de treino das

situações de jogo, maior serão as probabilidades dos jogadores reconhecerem padrões e evocarem os comportamentos realizados nos exercícios agindo com maior precisão e assertividade nas competições (TEOLDO *et al.*, 2015b)

Aplicados repetitivamente nos treinos (CLEMENTE *et al.*, 2012b), os pequenos jogos fazem parte de uma gama de processos de ensino-aprendizagem-treinamento sistêmicos que procuram reproduzir a complexidade do jogo e permitir que diferentes componentes do rendimento esportivo desenvolvam-se concomitantemente (LIZANA *et al.*, 2015). A sua aplicação, possibilita que treinadores requisitem, de maneira sistemática, comportamentos desejados, criando adaptações e consolidando conhecimentos específicos importantes para os jogadores e equipes (TEOLDO *et al.*, 2015a). Vale destacar que a reprodução de ações e comportamentos dependem da maneira como os pequenos jogos são planejados e desenvolvidos.

Assim, como elemento importante desse estudo, os pequenos jogos, seus conceitos e suas diferentes características serão apresentados nos tópicos a seguir.

2.2 Os Pequenos Jogos

Com o passar do tempo, a utilização de ferramentas metodológicas baseadas em abordagens sistêmicas, que contribuem para o desenvolvimento, muitas vezes simultâneo, de diferentes componentes do rendimento esportivo, ganhou espaço na práxis. Treinos físicos e técnicos tradicionais foram, gradativamente, substituídos por processos com foco no jogo (CLEMENTE *et al.*, 2014a), aumentando a utilização dessas ferramentas (COUTTS *et al.*, 2009), tanto nas categorias de formação como nas equipes profissionais.

Reconhecidos por sua abordagem sistêmica, os pequenos jogos se destacam por promover, em inúmeros contextos, o desenvolvimento concomitante de diferentes componentes do rendimento esportivo (SCAGLIA; REVERDITO, 2011) e o aumento na motivação dos participantes que mobilizam suas competências e habilidades, a fim de elucidar a lógica do jogo (SCAGLIA *et al.*, 2013).

Também conhecidos como Small Side Games (SSG) (AROSO *et al.*, 2004; OWEN *et al.*, 2004), Small Side Condition Games (SSCG) (CLEMENTE *et al.*, 2014b; DAVIDS *et al.* 2013)

ou Jogos Reduzidos (JR) (REVERDITO; SCAGLIA, 2007; SCAGLIA; REVERDITO, 2011), os Pequenos Jogos (PJ) são definidos, de uma forma geral, como jogos realizados em espaços reduzidos, com regras modificadas e com a participação de um menor número de praticantes do que o jogo formal (11x11) (HALOUANI *et al.*, 2014b).

Os Small Side Games (SSG), são entendidos como versões menores do jogo formal, que apresentam ajustes no número de jogadores e no tamanho do campo, e que surgiram como uma alternativa metodológica utilizada para substituir os tradicionais treinos de corridas (CLEMENTE, 2016). Normalmente conduzidos pelos preparadores físicos, os SSG foram inicialmente utilizados com o intuito de promover o desenvolvimento de componentes físicos dos atletas, por mais que os componentes, técnicos, táticos e psicológicos também estivessem presentes no pequeno jogo.

Já os Small Side Condition Games (SSCG), compreendem as versões ajustadas do jogo que apresentam o objetivo de aumentar a possibilidade de aprender ou desenvolver questões táticas e técnicas sem deixar de também, promover o desenvolvimento físico dos jogadores (CLEMENTE *et al.*, 2014a; DAVIDS *et al.*, 2013; HALOUANI *et al.*, 2014b). Seguindo essa perspectiva, entende-se que os SSCG apresentam uma maior complexidade tática do que os SSG regulares (CLEMENTE, 2016) exigindo, dessa forma, mais cognitivamente dos praticantes.

Por fim, os Jogos Reduzidos (JR) caracterizam-se como ferramentas metodológicas importantes para o treinamento dos princípios operacionais de ataque (conservação da bola, progressão ao alvo e finalização) e defesa (recuperação da bola, impedir a equipe adversária de progredir em direção ao gol e impossibilitar a finalização da equipe contrária) (LIZANA *et al.*, 2013). Nos Jogos Reduzidos (JR), as referências estruturais (bola, alvos e tamanho do campo) e funcionais relativos ao cumprimento da lógica do jogo) não precisam, necessariamente, obedecer fielmente à lógica específica do futebol (LIZANA *et al.*, 2013). Nesses jogos, as alterações no tamanho do campo, no número de jogadores e nas regras de constrangimento técnico e tático contribuem para desenvolver capacidades técnico-táticas distintas (REVERDITO; SCAGLIA, 2007; SCAGLIA; REVERDITO, 2011).

Apesar das diferentes concepções apresentadas, a maior parte dos estudos relativos ao tema não faz distinção conceitual entre os Small Side Games (SSG), os Small Side Condition Games

(SSCG) e os Jogos Reduzidos (JR) e por isso, todos serão, neste estudo, tratados como pequenos jogos (PJ).

Em todas as abordagens citadas, pesquisadores, treinadores e preparadores físicos aplicam, em seus pequenos jogos, diversas formas de manipulação. A utilização ou não de balizas (SILVA, 2011); a limitação ou não dos toques na bola (CASAMICHANA *et al.*, 2013b; CASAMICHANA *et al.*, 2014); a utilização ou não de superioridade numérica (PRAÇA *et al.*, 2015a,) e; a presença ou não de goleiros (KÖKLÜ, 2015b), e a manipulação da composição das equipes (PRAÇA *et al.*, 2016a; PRAÇA *et al.*, 2016b) são algumas maneiras utilizadas para alcançar a melhoria da performance esportiva de seus jogadores e equipes.

Contudo, é importante entender que a manipulação escolhida solicita critérios bem definidos uma vez que, a adequação do exercício ao contexto, é uma das chaves para o sucesso da atividade (CLEMENTE *et al.*, 2012a). Por isso, o modificar do pequeno jogo, em função do objetivo almejado, demanda uma análise prévia que garanta que as tarefas propostas conduzam às respostas (ações) desejadas (HILL-HAAS, *et al.*, 2011). Quanto mais específico forem os exercícios propostos, maiores serão as probabilidades de adquirir um conhecimento adequado e de gerar comportamentos consistentes (TEOLDO *et al.*, 2015a).

A simples alteração de tarefas, em um pequeno jogo, realizado em um mesmo espaço, com um mesmo número de praticantes, contribui para o aparecimento de diferentes comportamentos. Um jogo realizado em um campo de 15m² por duas equipes compostas por 3 jogadores, com o objetivo de manter a posse da bola, exige a execução de comportamentos específicos. Em contrapartida, a inserção de uma nova tarefa, que só permita trocas de passes realizadas com os pés não dominantes, gera novos comportamentos. Essa modificação aumenta a dificuldade da tarefa e altera a dinâmica do jogo.

Quando utilizada correta e coerentemente, a utilização dos pequenos jogos proporciona o aparecimento, em quantidade e qualidade, de situações semelhantes ao do jogo formal (CLEMENTE *et al.*, 2012a) importantes para o desenvolvimento dos jogadores, principalmente nos primeiros estágios de formação.

Entretanto, a suposta especificidade encontrada nos pequenos jogos que tanto justifica a sua utilização, carece de ressalvas. As modificações no jogo exigem que os treinadores realmente

conheçam a modalidade e que tenham competência para modificar determinadas variáveis a fim de aumentar a percepção dos jogadores para o tópico almejado (CLEMENTE, 2016). Além disso, é importante entender que os pequenos jogos podem não ser suficientes para desenvolver todos os componentes do rendimento esportivo, com as mesmas características do jogo formal, mesmo com a manipulação de diferentes de variáveis. Por isso, é preciso desenvolver, paralelamente, processos de ensino-aprendizagem-treinamento que considerem a utilização de diferentes métodos de ensino.

O conceito exposto aponta para a necessidade do conhecimento e aplicação, por parte de treinadores e preparadores, de manipulações que constringam e provoquem, da melhor maneira possível, o aparecimento de comportamentos desejados. Por essa razão, os próximos tópicos apresentarão resultados de pesquisas que analisaram como as diferentes manipulações interferem no desenvolvimento de comportamentos táticos, técnicos e físicos oferecendo suporte às escolhas dos profissionais que lideram os processos de ensino-aprendizagem-treinamento.

2.3 Os Pequenos Jogos e os Comportamentos Táticos

Os comportamentos táticos que os jogadores reproduzem nas diferentes fases do jogo, seja por meio de ações com a bola, ou por meio de ações sem a bola (AMÉRICO *et al.*, 2013), concretizam-se de maneira intencional e consciente. À todo o momento, os jogadores realizam análises, frente às diferentes solicitações do ambiente (SISTO; GRECO, 1995), gerando ações que dependem, em certo grau, da sua experiência, do seu repertório motor e do seu nível cognitivo.

Com informações, recuperadas com recurso da memória de trabalho, que relaciona a atenção com o conhecimento armazenado na memória, os praticantes percebem, e antecipam, por exemplo, os movimentos dos colegas e dos oponentes (MESQUITA, 2000), na tentativa de solucionar os problemas encontrados nas diferentes situações de treino e de jogos (FILGUEIRA; GRECO, 2008) e de agir de maneira ativa e não, reativa.

O conhecimento, armazenado nas estruturas de memória, representa um corpo organizado de informações de um determinado fenômeno ou realidade (EYSENCK; KEANE, 1994; STERNBERG, 2000) que apoia-se na relação estabelecida entre o sujeito, que conhece ou

deseja conhecer, e o objeto a ser conhecido ou que se dá a conhecer (SILVA, 2007). Constituído a partir das vivências dos praticantes, o conhecimento é estruturado por meio de regras de ação, regras de organização da ação e do pensamento, e pelas capacidades motoras que o jogador detém (GRÉHAIGNE; BOUTHIER, 1997).

As regras de ação dizem respeito às orientações básicas sobre como o praticante deve agir no jogo. As regras de organização se relacionam com a parâmetros ligados à dimensão do espaço de jogo, à distribuição dos jogadores nesse espaço e aos papéis dos mesmos nesse contexto. Por fim, as capacidades motoras englobam as capacidades perceptivas e decisórias que os jogadores detêm e que são necessárias para realizar um gesto técnico (GRÉHAIGNE *et al.*, 1995).

Com a ampliação da vivência na modalidade, o jogador adquire um conhecimento específico, denominado de conhecimento tático, que pode ser dividido em conhecimento declarativo e conhecimento processual. Vale destacar que quanto maior a aquisição desse conhecimento específico, adquirido pelo jogador durante as experiências vividas no passado, melhor será a capacidade de apresentar soluções nas diferentes situações do jogo (DAMÁSIO, 2010; TEOLDO *et al.*, 2015b).

O conhecimento tático declarativo é entendido como aquele conhecimento que é passível de ser verbalizado ou descrito (CHI; GLASER, 1980), enquanto que o conhecimento tático processual representa o entendimento de “quando”, “como” e “onde” aplicar determinada técnica para resolver os problemas que surgem no decorrer do jogo (McPHERSON; KERNODLE, 2007). Esse último, é caracterizado como o conhecimento está diretamente relacionado com a execução de respostas para a resolução de problemas em situações de treino e jogo nos esportes coletivos (GIACOMINI *et al.*, 2011).

O conhecimento tático declarativo e o conhecimento tático processual compõem, juntos, a estrutura do conhecimento a ser aplicada pelo jogador nas diferentes fases da sua ação e nas diversas situações de jogo (Ver Figura 5).

Figura 5: Modelo pendular da tomada de decisão.



Fonte: Greco (2006).

De acordo com o modelo apresentado por Matias e Greco (2010), a estrutura do conhecimento se relacionam com processos de recepção de informação, que contemplam processos cognitivos como a percepção, atenção e antecipação, e com os processos de elaboração de respostas, que é constituída pelo pensamento divergente e convergente. Realizados de maneira simultânea, as operações mentais encontradas em cada um dos processos balizam as ações dos jogadores nas diferentes situações de jogo. Assim, os conhecimentos declarativos e processuais interagem de forma a permitir que o jogador codifique e dê significado a informação proveniente do ambiente (MATIAS; GRECO, 2010) realizando a ação motora adequada à solução da tarefa ou ao problema enfrentado no jogo.

Dois diferentes procedimentos facilitam a avaliação do conhecimento tático declarativo (GIACOMINI; GRECO 2008; MOREIRA *et al.*, 2014) e do conhecimento tático processual de atletas de futebol (COSTA *et al.*, 2011a). Para a avaliação do conhecimento tático declarativo utilizam-se protocolos que contêm cenas de vídeo com situações específicas de jogo onde os jogadores sinalizam qual decisão deva ser tomada (MANGAS, 1999). Nesse procedimento avaliativo, além de apontar qual escolha fazer, os jogadores justificam o motivo da sua decisão. Estes protocolos de avaliação podem se associar à utilização de aparelhos de rastreamento ocular que permitem avaliar, por exemplo, os locais de observação e do tempo de fixação do olhar. A utilização de protocolos como esse, promove a geração de novas inferências, uma vez que, por meio por exemplo da análise do tempo de fixação do olhar em determinado ponto, é possível avaliar o nível de experiência dos avaliados. Para a avaliação do conhecimento tático processual protocolos como o KORA (MEMMERT, 2002), o Teste de Orientação Esportiva – TCTP: OE (GRECO *et al.*, 2015) e Sistema de Avaliação Tática no Futebol - FUT-SAT (COSTA *et al.*, 2011b) são indicados. Esse último protocolo (Ver Capítulo 3.4.1.1), utilizado no presente estudo, apresenta opções direcionadas a avaliar o comportamento tático individual dos jogadores em relação aos princípios táticos fundamentais ofensivos e defensivos. Os princípios táticos fundamentais ofensivos (penetração, cobertura ofensiva, mobilidade, espaço e unidade ofensiva) e defensivos (contenção, cobertura defensiva, equilíbrio, concentração e unidade defensivas), encontram-se descritos em diversas obras (COSTA *et al.*, 2009a; COSTA *et al.*, 2009b; COSTA *et al.*, 2011a; TEOLDO *et al.*, 2015a).

O objetivo dos estudos que avaliam o comportamento tático dos jogadores, considerando os princípios táticos fundamentais, levam em conta as configurações de espaço, o número de praticantes envolvidos, a utilização de superioridade numérica, a faixa-etária, o nível de experiência dos jogadores, e a composição de equipes. A análise das coordenadas polares é outro recurso utilizado para avaliar o comportamento tático dos jogadores nos pequenos jogos (FOLGADO *et al.*, 2012).

Os resultados encontrados nos estudos, a respeito dos pequenos jogos no futebol, indicam que a configuração do espaço constitui uma variável importante do planejamento de uma sessão de treino. Por meio da avaliação via FUT-SAT, o ensaio de Costa *et al.*, (2011c) verificou que o total de ações táticas realizadas pelos jogadores em um “Campo Menor” foi maior do que o número apresentado em “Campo Maior”. De acordo com os autores, o jogo praticado no campo de menor dimensão proporcionou mais trocas de posse de bola e gerou uma maior dinâmica de

jogo. Em relação ao desempenho, o estudo verificou que no “Campo Menor” os jogadores cometeram menos erros de execução de ações relacionadas aos princípios táticos e obtiveram melhores índices de performance tática no que se refere aos aspectos defensivos de jogo. Por outro lado, os jogadores apresentaram maior dificuldade de gerir o espaço de jogo e realizar, com sucesso, as ações táticas relacionadas aos princípios defensivos no “Campo Maior”. Em relação à prática do Futebol nas duas dimensões, percebeu-se um jogo mais fragmentado, com mais paralisações (faltas, laterais ou escanteios) no “Campo Menor”.

Pesquisas relacionadas com o número de jogadores envolvidos, também avaliadas com recurso da aplicação do FUT-SAT, apresentaram resultados convergentes. O ensaio de Silva *et al.*, (2014) comparou o comportamento tático individual dos jogadores em função da alteração no número de praticantes envolvidos (3vs.3 e 6vs.6). Nesse mesmo estudo, os pesquisadores concluíram que os jogos na estrutura de jogo 3vs.3 apresentaram um maior número de duelos individuais (ações de 1x1) e menor tempo para se tomar decisões. Também foi verificado que nos jogos com estrutura de jogo 6vs.6 as ações defensivas, realizadas no campo de defesa, foram mais frequentes que as mesmas ações realizadas no campo ofensivo. Segundo os autores, isso sugere que, quando mais jogadores estão envolvidos e quando o campo é maior, os jogadores apresentam a tendência de optar pela execução de comportamentos defensivos em seu próprio campo. Praça *et al.*, (2016b) verificaram que situações de superioridade numérica alteraram o comportamento tático ofensivo e defensivo de jogadores de futebol durante os pequenos jogos. Os resultados mostraram que a estrutura de jogo 4vs.3 (superioridade numérica) alterou o comportamento tático ofensivo e defensivo dos praticantes, em cinco dos doze princípios táticos, quando comparado com a estrutura de jogo 3vs.3 (igualdade numérica). Segundo autores, o nível de conhecimento tático exerceu pouco efeito (apenas em um dos doze princípios analisados) no comportamento tático dos jogadores, independentemente da quantidade de indivíduos envolvidos no jogo (3vs.3 ou 4vs.3). Nesse contexto, a reprodutibilidade da demanda tática mostra-se influenciada pela quantidade de jogadores envolvidos. O estudo de Bredt *et al.*, (2016) também encontrou alterações de comportamentos ao se modificar o número de participantes do jogo. A comparação, realizada entre dois diferentes confrontos (3vs.3 e 4vs.3), constatou que a presença de um jogador adicional modificou, por exemplo, a relação de espaço em relação à largura e à profundidade. Assim, parece ser correto afirmar que a possibilidade de vivenciar situações de jogo em um campo reduzido, com um número menor de participantes, promove, dentre outros fatores, uma maior participação e um maior contato

dos praticantes com a bola, ao mesmo tempo em que facilita a observação do posicionamento e comportamento de companheiros, dos oponentes, da bola e do gol (GARGANTA, 1998).

Em relação à faixa etária os estudos de Américo *et al.*, (2013) e de Machado *et al.*, (2013) concluíram que existem diferenças entre o comportamento tático de jogadores de futebol das categorias Sub-11 e Sub-17 e entre o comportamento tático de jogadores de futebol das categorias Sub-11 e Sub-13, respectivamente. Corroborando com esses achados, a pesquisa de Costa *et al.*, (2015), ao comparar as ações táticas realizadas por jogadores de duas diferentes categorias (Sub-13 e Sub-15), verificou que as equipes com faixa etária superior, apresentaram uma maior frequência e uma melhor execução tática nos processos ofensivos. Já o estudo de Costa *et al.*, (2010a) examinando as associações entre os índices de performance tática, a qualidade dos comportamentos táticos e a data de nascimento dos avaliados observou que o número de ações táticas, realizadas pelos jogadores de todas as idades foi similar, apresentando somente duas diferenças significativas. O trabalho de Américo *et al.*, (2016) sugeriu, por sua vez, que os jogadores da categoria Sub-11 são menos eficientes na realização de ações táticas quando comparados aos atletas das categorias Sub-13 e Sub-17. Baseados nos resultados encontrados, os autores do estudo concluíram que existem diferenças na eficiência do comportamento tático entre os jogadores das categorias de base, ao mesmo tempo em que, observaram a existência de uma evolução geral de acordo com as diferentes faixas etárias.

A pesquisa realizada com a aplicação da metodologia de análise das coordenadas polares de Folgado *et al.*, (2012) corrobora com esses achados. Nela, os autores compararam o comportamento tático de jogadores de três faixas-etárias (Sub-9, Sub-11 e Sub-13) em diferentes estruturas de jogo (3vs.3 e 4vs.4). O estudo verificou que o aumento progressivo da idade foi acompanhado por uma melhor distribuição no campo, tanto em largura, quanto em profundidade. Os autores também concluíram que os jogadores mais novos tendem a apresentar maiores valores relativos à ocupação do espaço em comprimento e menores valores relativo à ocupação em largura. Machado *et al.*, (2015*57) analisaram o efeito da idade relativa sobre o comportamento tático de jogadores de uma equipe Sub-17 e verificaram, ao contrário do esperado, que apenas os jogadores nascidos no segundo e terceiro trimestre do ano, quando comparados aos jogadores nascidos em outros períodos do ano, apresentaram vantagens no que se refere ao Índice de Performance Tática Ofensiva.

As respostas encontradas nas pesquisas relativas ao comportamento tático nos pequenos jogos contribuem para a otimização dos processos de ensino-aprendizagem-treinamento utilizados por treinadores e preparadores físicos. Como mostram os estudos, esses comportamentos se reproduzem de forma sistemática, dependendo do tamanho do campo, do número de jogadores envolvidos e da idade dos atletas. Contudo, como ainda não existe um corpo de conhecimento capaz de responder se a manipulação de equipes, baseados no estatuto posicional, também interfere no comportamento de jogadores e equipes a realização de novos estudos a respeito do tema faz-se necessária.

O próximo tópico discorrerá sobre a interferência das diferentes manipulações no desenvolvimento das ações técnicas de jogadores e equipes.

2.4 Os Pequenos Jogos e os Gestos Técnicos

Por meio de ações, específicas da modalidade, os atletas materializam e consolidam os comportamentos táticos exigidos nas diferentes situações de jogo. Essas ações, também denominadas ações motoras, se concretizam pela transformação dos processos mentais em um gesto particular, executado de maneira próxima às exigências situacionais da modalidade (GRECO, 1999).

De uma forma geral, os gestos técnicos, também conhecidos como técnica, representam a capacidade que jogadores têm de realizar movimentos, com ou sem a bola, durante as partidas (FILHO *et al.*, 2016) e exercem, por vezes, influência direta no desempenho do jogo (LITTLE; WILLIAMS, 2007). Diferentemente de modalidades de caráter fechado, o futebol apresenta uma perspectiva aberta e sistêmica, onde a técnica simboliza a interpretação no tempo-espaco-situação do meio instrumental operativo utilizado para solucionar as tarefas ou problemas presentes no jogo (GRECO; BENDA, 1998). Nessa perspectiva, a técnica está associada com fatores como a função ocupada pelo jogador dentro de campo, o setor de atuação no jogo, a situação posta em relação à equipe adversária e suas características físicas, o que possibilita transcender a visão a seu respeito (FILHO *et al.*, 2016).

Seguindo essa premissa a técnica emerge como um importante elemento na solução dos problemas impostos ao praticante durante a partida (GARGANTA, 1998), sendo tão importante quanto a capacidade de decidir o que fazer frente às diversas situações de jogo. Por isso, de

nada adianta decidir bem, se ao decidir, o jogador não conseguir concretizar de forma adequada à situação um determinado movimento. Dessa forma, quanto mais recursos motores específicos o praticante possuir e desenvolver, mais probabilidade de obter o sucesso no momento de materializar a ação e de “escrever” a solução (COSTA *et al.*, 2010b).

Por outro lado, é preciso abandonar a ideia reducionista de que, para jogar faz-se necessário aperfeiçoar, de maneira predominante, o gesto técnico (FILGUEIRA; GRECO, 2008). De uma forma geral o sucesso da ação dependerá tanto da qualidade técnica quanto da tomada de decisão dos jogadores. Assim, além da elevada capacidade de leitura e de tomada de decisão é necessário que seja “escrita” a solução do problema (COSTA *et al.*, 2010b).

Apesar da importância da técnica para o futebol, ainda são poucas as ferramentas utilizadas para ajudar os treinadores e professores a avaliar o nível técnico dos jogadores de futebol (BORGES *et al.*, 2017).

Nos jogos, a capacidade de execução gestual é analisada, por exemplo, por meio de protocolos que verificam a quantidade (mensuração de frequências) e a qualidade dos gestos realizados (mensuração de erros e acertos). A captação dos dados se concretiza, na maior parte das vezes, por meio da filmagem das cenas de jogo e posterior análise. A utilização de imagens gravadas promove uma maior precisão nas mensurações, uma vez que, torna-se possível analisar as cenas em ambientes controlados e revisá-las quantas vezes forem necessárias, contribuindo, assim, para registro mais preciso das frequências.

Academicamente exige-se que as análises se submetam aos processos de intra e inter avaliação das medidas. Contudo, sua utilização depende, muitas vezes, de um considerável investimento em tecnologias e sofisticados instrumentos (AUGHEY, 2011). A análise de vídeos requer a utilização de *softwares* específicos, não somente para a captura das imagens, mas também para efetuar análises estatísticas capazes de realizar operações básicas e de calcular médias, medianas, desvios-padrão.

Por meio da Metodologia Observacional e de procedimento de Análises de Jogos, que realizam a contagem das frequências de acontecimentos dos fenômenos (ou cômputo de frequências), mensura-se as ações técnicas realizadas nos pequenos jogos (THOMAS *et al.*, 2012). Estes

instrumentos fornecem indicativos do comportamento técnico presentes nas diferentes manipulações estudadas.

A maior parte das pesquisas, que avaliam os gestos técnicos em pequenos jogos no futebol, desenvolveram-se por meio da quantificação e a análise de ações dentre as quais destacam-se os passes, as recepções, as roubadas de bola, as interceptações e os chutes (AGUIAR *et al.*, 2012; OWEN *et al.*, 2004; OWEN *et al.*, 2011). As análises da incidência desses gestos levam em conta as configurações de espaço (dimensão do campo e área disponível por atleta), o número de atletas envolvidos (2vs.2, 3vs3, 4vs4, 5vs5 e assim por diante), as regras (limitação de número de toques na bola, cobrança ou não do impedimento), os objetivos do jogo (manter a posse de bola, marcar gols, entre outros), a faixa-etária e o nível de experiência (atletas amadores e atletas profissionais).

Os resultados indicam que as configurações do espaço e a área total de jogo por jogador, são variáveis que promovem mudanças na qualidade e na quantidade de gestos técnicos, realizados em cada pequeno jogo (CLEMENTE *et al.*, 2012a). O estudo realizado por Clemente *et al.*, (2014b) concluiu, por exemplo, que à medida que as dimensões de jogo aumentavam, aumentavam também os tipos de gestos técnicos executados. Casamichana e Castellano (2010), Katis e Kellis (2009) e Kelly e Drust (2009) encontraram uma variação no número de gestos técnicos em jogos realizados em diferentes dimensões. Os mesmos autores concluíram que o jogo realizado com estruturas e em espaços menores promoveu um maior número de contatos individuais na bola. Kelly e Drust (2008) Owen *et al.*, (2004) verificaram a alta ocorrência de finalizações e desarmes em campos com menores dimensões, fatos justificados pela proximidade do gol e pela menor relação de espaço, respectivamente.

No que tange ao número de indivíduos envolvidos, os resultados sugerem que os pequenos jogos, desenvolvidos com um menor número de jogadores, promovem um melhor desenvolvimento técnico, uma vez que a incidência de gestos técnicos aumenta (AGUIAR *et al.*, 2012). O jogar com menos jogadores em um espaço reduzido induz à redução no tempo de posse de bola por jogador, e aumenta a frequência de ações técnicas diante da constante troca de posse de bola e necessidade de realização de passes e domínios (PRAÇA, 2014). Corroborando com essa afirmação a pesquisa de Clemente *et al.*, (2014a) mostrou que a participação dos atletas nos jogos, com um menor número de envolvidos (2vs.2), foi maior, diminuindo, gradativamente, à medida que mais jogadores participavam do jogo (4vs.4). Nesse

mesmo estudo, verificou-se que o número de gols efetivados foi superior nos jogos realizados com um menor número de jogadores. O ensaio de Owen *et al.*, (2011) constatou que os pequenos jogos, realizados na estrutura 3vs.3, apresentaram mais dribles, finalizações, roubadas de bola e contatos individuais por jogo quando comparado com jogos realizados na estrutura de 9vs.9. Por outro lado, nesse mesmo trabalho, os autores verificaram que os pequenos jogos, realizados na estrutura 3vs.3, apresentaram uma menor incidência de: bloqueios; cabeceios; intercepções; passes e roubadas de bola coletivas e; número de contatos coletivos na bola, quando comparados com pequenos jogos realizados na estrutura de 9vs.9. Ainda sobre o critério de participação numérica, Jones e Drust (2007) concluíram que o número de contatos na bola, realizados por atletas que participaram de jogos na estrutura de 4vs4, foi maior do que o verificado na estrutura de 8vs.8. Segundo Owen *et al.* (2004) o adicionar de jogadores em um pequeno jogo gera o aumento no número de tipos de gestos técnicos realizados, ao mesmo tempo em que, proporciona uma diminuição no número dos gestos executados por cada atleta. Em sua pesquisa de Owen *et al.* (2004) verificaram que o aumento no número de jogadores não afetou a quantidade de erros cometidos por cada jogador e que os jogos realizados com um menor número de atletas (2vs.2 e 3vs3) promoveram menos ações defensivas como bloqueios e intercepções. O estudo de Platt *et al.*, (2001), evidenciou, por sua vez, que os jogadores avaliados tiveram mais oportunidades de executar fundamentos técnicos como o drible, passe e chute em jogos de 3vs.3 quando comparados a jogos de 5vs.5. O estudo de Dellal *et al.*, (2011) comparou o nível de experiência de jogadores em três diferentes estruturas (2vs.2; 3vs.3; 4vs.4) e verificou que os amadores executaram um maior número de passes errados, perderam uma maior quantidade de bolas por posse, e se envolveram em menos duelos individuais quando comparados aos jogadores profissionais nos jogos com o menor número de participantes.

Seguindo esses achados, infere-se que a progressão no número de jogadores, envolvidos em cada pequeno jogo, precisa estar de acordo com o aprendizado e fase de especialização de cada atleta. À luz desse conceito, a literatura recomenda a utilização de um menor número de jogadores, nos processos de ensino-aprendizagem que contem com atletas de menor nível de especialização (CLEMENTE *et al.*, 2012b), o que garantiria um maior contato com a bola e a uma maior participação no jogo. Em contrapartida, sugere-se o aumento no número de jogadores envolvidos na medida em que exista um aumento no nível de qualidade dos mesmos.

Sobre a manipulação das ações permitidas no jogo, como por exemplo, a limitação de toques na bola, Casamichana *et al.*, (2013b) e Román-Quintana *et al.*, (2013) verificaram, em seus

estudos, que, quanto maior a limitação da ação, menor é o número de gestos técnicos positivos realizados pelos participantes. Lizana *et al.*, (2015), associaram a modificação da utilização de gestos técnicos com diferentes objetivos de jogo e constataram que: a velocidade e o tipo de passes; o tempo de retenção da bola e; o número de finalizações ao gol se modificou. Seguindo uma lógica semelhante, o estudo de Mallo e Navarro (2008) avaliou o comportamento técnico de jogadores em três de pequenos jogos com estruturas funcionais e objetivos diferentes: 3vs.3 (manutenção da posse da bola); 5vs.3 (manutenção da posse da bola com o auxílio de 2 jogadores de apoio) e; 3vs3 mais dois goleiros (com o objetivo de se marcar o gol). Dentre os achados, os autores verificaram que: o jogo na estrutura funcional de 3vs.3 promoveu a realização de mais passes curtos; o jogo na estrutura funcional de 5vs3 gerou uma diminuição de erros de passe ao mesmo tempo em que, promoveu o surgimento de passes longos e; que, o jogo com a presença de goleiros inseriu uma nova ação técnica, o chute (finalização). Por fim, em relação à regra do impedimento, o estudo de Gutierrez *et al.* (2016) verificou que o jogar desconsiderando essa regra, promoveu o aumento nos números de finalizações e gols, ao passo que, diminuiu a quantidade de passes errados e de faltas cometidas e sofridas.

Dellal *et al.*, (2012), Kelly e Drust (2009) e Köklü *et al.*, (2015a), ao analisarem o tempo de recuperação entre os jogos, concluíram que a performance técnica dos jogadores diminuiu quando não foram desenvolvidos intervalos adequados. Esses resultados sugerem que treinadores e preparadores físicos devem considerar o tempo de recuperação entre as séries de pequenos jogos quando planejarem seus treinos (KÖKLÜ *et al.*, 2015a) evitando, assim, a diminuição do rendimento dos seus comandados. Claro que essa definição deverá considerar fatores como faixa-etária, nível técnico e objetivos da sessão.

Apesar da importância do tema e do aumento no número de investigações relativas à incidência de gestos técnicos, ainda é pequena a quantidade de pesquisas a respeito do assunto quando comparada com os estudos relativos aos componentes físicos e fisiológicos. A discrepância aumenta quando são catalogadas pesquisas envolvendo o estatuto posicional de jogadores, e por isso, merecem novas investigações.

2.5 Os Pequenos Jogos e os Componentes Físicos e Fisiológicos

O futebol é uma modalidade de esforço intermitente caracterizada pela presença de fases de repouso ou de baixa intensidade, alternadas e mescladas com fases de alta intensidade e duração variável (Hill-Haas *et al.*, 2009b). A prática dessa modalidade exige a execução, por parte dos jogadores, de muitos saltos, acelerações, mudanças de direção, além de corridas de médias e altas intensidades (LIZANA *et al.*, 2014). Essas ações, somadas às caminhadas e corridas em baixa intensidade fazem com que os jogadores percorram, em cada partida, distâncias que variam entre 9 e 14Km (SOROKA; LAGO-PEÑAS, 2016).

Enquanto as ações de baixa intensidade são caracterizadas, pelas caminhadas e trotes, as ações de alta intensidade são percebidas nas corridas, em faixas específicas de velocidade, e por movimentos de curta duração, como saltos, cabeceios e disputas de bola (COELHO *et al.*, 2011). A maior parte das ações são executadas em movimentos de baixa a moderada intensidades, mas, apesar disso, os lances que decidem uma partida ocorrem em intensidades altas, onde prevalece o metabolismo anaeróbico (SCHULTZE; LIBERALI, 2012).

Para se ter uma ideia, um jogador de primeira classe realiza, em nível internacional, aproximadamente 1330 atividades, incluindo cerca de 220 corridas em alta velocidade, durante uma partida (SOROKA; LAGO-PEÑAS, 2016). Essas ações, estão, na maior parte das vezes, condicionadas pela ocupação espacial e pelas funções que cada atleta deve desempenhar no decorrer da partida (SILVA; BARROS, 2005; STOLEN *et al.*, 2005).

Seguindo essa perspectiva, é de se esperar que o jogar, em diferentes modelos de jogo e em diferentes plataformas, induza o aparecimento de comportamentos táticos, técnicos e físicos particulares, uma vez que, apresentam relação direta com a posição e a função exercida pelos atletas no campo (DI SALVO; PIGOZZI, 1998; REILLY, 1997).

Parte dos estudos que abordam o tema, avaliam o comportamento de componentes físicos como: a distância percorrida; as acelerações e desacelerações; as mudanças de direção; os tipos e intensidades das corridas; a distribuição e direções dessas corridas pelo terreno de jogo e; os padrões de velocidade produzidos (média, máxima, média das corridas de alta intensidade e média das corridas de baixa intensidade) e o comportamento de componentes fisiológicos como: a concentração sanguínea de lactato e; a frequência cardíaca.

Para a mensuração dos componentes físicos, pesquisas em diversas modalidades, inclusive no futebol, recorrem a ferramentas como o *Global Positioning System* (GPS). Essa ferramenta possibilita quantificar, dentre outros fatores, as distâncias percorridas, os padrões de movimentação (acelerações, desacelerações, direções e mudanças de direção, entre outros) e os padrões de velocidade (velocidade média, velocidade máxima, média das corridas de alta intensidade e média das corridas de baixa intensidade) (EDGECOMB; NORTON, 2006; MADDISON; MHURCHU, 2009; DUFFIELD *et al.*, 2010; WISBEY *et al.*, 2010; FRENCKEN *et al.*, 2010; JENNINGS *et al.*, 2010; GRAY *et al.*, 2010; AUGHEY, 2011; VARLEY *et al.*, 2011).

O uso do GPS permite um acesso rápido às informações do comportamento físico e contribui para o incremento das informações acerca dos pequenos jogos (AGUIAR *et al.*, 2013). Cada vez mais modernos, os GPS's de vanguarda trazem uma maior acuidade (frequências de 15Hz), além de possuírem acelerômetros triaxiais que dão acesso às informações associadas ao perfil de acelerometria dos jogadores (AGUIAR *et al.*, 2013).

Como o futebol é caracterizado como uma atividade intermitente e marcada por constantes acelerações, desacelerações e mudanças de direção, é importante que esse equipamento seja capaz, também, de captar de maneira precisa, padrões de movimentação em atividades intermitentes e sem trajetória constante (DUFFIELD *et al.*, 2010).

No que tange a mensuração da demanda fisiológica, dois métodos utilizados já contam com ampla discussão na literatura e correlação positiva entre si: concentração sanguínea de lactato ([La]) e frequência cardíaca (FC) (NOBLE *et al.*, 1983; ROBERGS; LANDWEHR, 2002; BORG, 1982). A concentração sanguínea de lactato ([La]), correspondente ao Limiar Anaeróbico de Lactato (LAL), mensurada de maneira direta com o uso de lactímetro, é um dos parâmetros utilizados para monitorar a demanda fisiológica de atividades diversas no futebol (BALIKAN *et al.*, 2002) inclusive nos pequenos jogos (TESSITORE *et al.*, 2006; RAMPININI *et al.*, 2007). O emprego de variáveis como a velocidade de corrida, a frequência cardíaca (FC) e percentual da FC máxima (%FCmax), correspondentes a intensidade do limiar anaeróbico do jogador monitorado, observados tanto nos jogos, como nos treinamentos, também são comuns (COELHO *et al.*, 2012).

A utilização da mensuração da FC, principalmente em intensidades de trabalho entre leve e moderada, e entre moderada e alta, apresenta grande validade. Contudo, destaca-se que, em intensidades de esforço máximas, principalmente em pequenas durações, a resposta da FC nem sempre se apresentam como um parâmetro ideal, o que aumenta a necessidade de complementação com outras variáveis (LITTLE; WILLIANS, 2007).

Com o intuito de promover a manutenção ou melhoria de componentes físicos e fisiológicos treinadores e preparadores físicos têm, cada vez mais, recorrido aos pequenos jogos uma vez que, a partir deles, é possível desenvolver, de forma integrada, outros componentes do rendimento esportivo (CASAMICHANA, CASTELLANO, 2011). Para que isso ocorra, eles precisam manipular variáveis como, por exemplo: o tamanho do campo; o número de jogadores; a utilização ou não de balizas; a limitação no número de toques na bola; a presença ou não de superioridade numérica e; a presença ou não de goleiros.

O quadro 1 apresenta os resultados de uma série de pesquisas que avaliaram o comportamento físico dos jogadores, de acordo com diferentes manipulações, inseridos em diferentes pequenos jogos.

Quadro 1: Principais resultados acerca do comportamento físico em Pequenos Jogos

Estudo	Variável Manipulada	Principais Resultados
Aguiar <i>et al.</i> , 2013	Número de Jogadores	Aumento no número de jogadores resultou em aumento no número de Sprints e nas distâncias percorridas acima de 18Km/h
Brandes <i>et al.</i> , 2012	Número de Jogadores	Aumento no número de jogadores resultou em aumento na distância percorrida em altas intensidades, sem alteração na distância total entre os protocolos.
Casamichana <i>et al.</i> , 2013b	Limitação de Toques	Aumento no número de acelerações no jogo em 2 toques, sem diferenças significativas nas distâncias percorridas.
Castellano <i>et al.</i> , 2013b	Número de Jogadores	Aumento na distância total percorrida com a aumento no número de jogadores.
Davies <i>et al.</i> , 2013	Número de Jogadores e Tamanho do Campo	Aumento no número de ações de agilidade com a redução no número de jogadores e com a redução no tamanho do campo.
Dellal <i>et al.</i> , 2011	Limitação de Toques	Jogo em 1 toque aumentou a distância total percorrida e a distância percorrida em Sprint.
Gaudino <i>et al.</i> , 2014	Tamanho do Campo	Aumento na distância total, distância em Sprint, acelerações e desacelerações com o aumento na área por jogador.
Hill Hass <i>et al.</i> , 2009	Número de Jogadores	Aumento na distância total duração e distância dos sprints e redução na distância em intensidade mais baixa com o aumento no número de jogadores.
Hill Hass <i>et al.</i> , 2010	Limitação de Toques e Superioridade numérica	Aumento na distância total percorrida em jogos entre times em igualdade numérica em relação aos times em superioridade e aumento na distância percorrida por jogadores adicionais em relação aos demais jogadores.
Hodgson <i>et al.</i> , 2014	Tamanho do Campo	Aumento na distância percorrida, distância em alta intensidade total de acelerações e desacelerações em campo maior em comparação a um campo menor.
Sampaio <i>et al.</i> , 2014	Superioridade Numérica	Redução na distância percorrida em alta intensidade nas equipes em superioridade numérica.

Fonte: Praça (2014).

No futebol, os comportamentos táticos, técnicos e físicos, observados no pequeno jogo, não respondem somente à disponibilidade físico-energética de cada jogador. Eles refletem as tomadas de decisão e a qualidade das interações existentes entre os jogadores. Desse modo, é

importante que os processos de ensino-aprendizagem e os processos avaliativos considerem, a utilização concomitante, os diversos componentes do desempenho (PRAÇA, 2014).

Quanto maior for o conhecimento dos membros da comissão técnica sobre os efeitos das diversas manipulações no rendimento individual e coletivo dos jogadores, maiores serão as possibilidades de elaborar treinos adequados aos objetivos propostos.

Apesar da importância do tema e do aumento no número de investigações relativas aos componentes físicos, ainda é pequena a quantidade de pesquisas envolvendo a composição das equipes baseadas no estatuto posicional dos jogadores. Essa baixa investigação, acerca do comportamento físico nos pequenos jogos, baseada na composição das equipes torna a utilização desta manipulação pouco fundamentada (HILLHAAS *et al.*, 2010) e uma utilização ainda intuitiva.

O último tópico desse capítulo apresentará conceitos relativos à composição das equipes nos pequenos jogos e ao estatuto posicional.

2.6 A Composição da Equipe e o Estatuto Posicional

O futebol é modalidade em que as ações dos jogadores, companheiros ou adversários, acontecem ao mesmo tempo, sofrendo e exercendo, simultaneamente, influência nas diferentes partes e no todo do jogo (CLEMENTE, 2016). Nesse ambiente, as equipes comportam-se como um sistema dinâmico que está condicionado pelas movimentações da bola, pelas ações de companheiros e pelas ações de adversários (PRAÇA, 2016) apresentando assim, características particulares, tanto no que se refere à organização de seus atletas no espaço, quanto no tempo (TEOLDO *et al.*, 2015a). Dentro desse “organismo” ou sistema, cada jogador integra e representa uma engrenagem não mecânica, viva e rica, que apresenta inúmeras possibilidades de interação (CLEMENTE, 2012b, PIVETTI, 2012). Como as interações sofrem influência das posições que cada jogador ocupa no espaço e das funções que exerce dentro do campo, é de se esperar que essas interações ocorram de maneira mais frequente entre os atletas posicionados próximos uns dos outros.

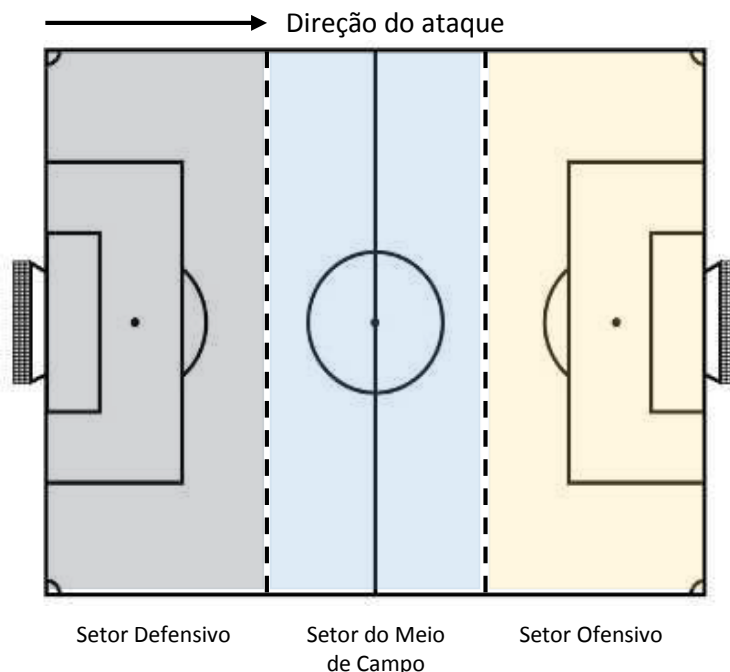
Na maior parte dos estudos os jogadores são classificados, de acordo com as posições que atuam em: goleiros, zagueiros, laterais, volantes, meias e atacantes (GUIMARÃES *et al.*, 2014).

Também é comum verificar a divisão de jogadores em goleiros, defensores, meio-campistas e atacantes (GIL *et al.*, 2007) e encontrar pesquisas que subdividam os defensores em zagueiros e laterais (DI SALVO; PIGOZZI, 1998) e os meias em meias centrais e meias externos (DI SALVO *et al.*, 2007).

Independentemente da classificação e da nomenclatura utilizada, a forma como os jogadores se distribuem no espaço de jogo recebe o nome de sistema ou de plataforma de jogo (TEOLDO *et al.*, 2015a). Comumente representados por números (1:4:4:2, 1:3:5:2, 1:4:2:3:1, entre outros) esses sistemas ou plataformas de jogo proporcionam um equilíbrio entres os diferentes setores e corredores de jogo e ajudam a nortear as funções a serem realizadas pelos jogadores nos diferentes locais do campo (GIL *et al.*, 2007),

Cada número do sistema ou da plataforma de jogo representa a quantidade de atletas inseridos em três diferentes setores, visualizados sempre da defesa para o ataque (Figura 6).

Figura 6: Campo de Jogo dividido pelos setores ou faixas do campo (Defensivo, Meio de Campo e Ofensivo).



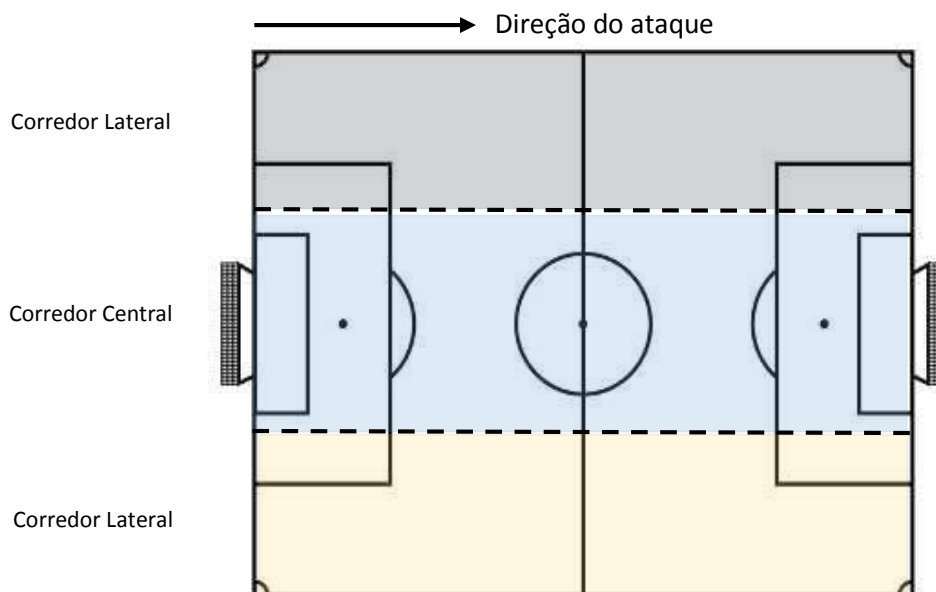
Fonte: o autor.

O primeiro número, apresentado como “1” se refere ao goleiro, enquanto que os números subsequentes referem-se aos jogadores que atuam no setor defensivo, no meio de campo e no

setor de ataque. A divisão do campo em setores permite classificar os jogadores, além do goleiro, como defensores, meio-campistas ou atacantes.

A Figura 7 apresenta os corredores de jogo que, junto com os setores do campo ajudam a delimitar o espaço de ação dos jogadores.

Figura 7: Campo de Jogo dividido pelos corredores (Corredores Laterais e Corredor Central).



Fonte: o autor.

Cabe ressaltar que as nomenclaturas, encontradas na literatura, não apontam para a classificação dos jogadores, baseada somente na posição de jogo ou espaço que ocupam, mas também na função que cumprem no decorrer da partida (GUIMARÃES; PAOLI, 2011). Segundo Praça (2016) e Silva (2011), a relação entre a posição que o jogador ocupa no campo e as funções que se espera dele, no interior da equipe, recebe o nome de estatuto posicional.

A luz desse conceito, afirma-se que a participação do jogador, nos diferentes setores do campo, depende tanto da sua posição de origem (GUIMARÃES; PAOLI, 2011) quanto das funções que exerce. Entretanto, é importante entender que mesmo que um defensor tenha uma participação mais ativa no setor defensivo, ele também atuará e ocupará outras faixas do campo (GUIMARÃES *et al.*, 2014) e que em toda posição haverá a necessidade de se cumprir determinadas ações, o que solicitará diferentes demandas táticas, técnicas, físicas e fisiológicas (REBELO *et al.*, 2012).

Conforme essa perspectiva, estudos indicam que a constituição das equipes interfere no comportamento dos jogadores (KÖKLÜ *et al.*, 2012; PADILHA *et al.*, 2013). Parte das pesquisas referentes ao estatuto posicional avaliaram as exigências específicas do jogo em relação à força explosiva de membros inferiores (SOUSA *et al.*, 2003), às questões antropométricas (GIL *et al.*, 2007), ao comportamento físico (BUSH *et al.*, 2015; DI SALVO *et al.*, 2007), aos comportamento técnico (TAYLOR *et al.*, 2004) e aos aspectos referentes às tomadas de decisão e ao comportamento tático (PRAÇA, 2014).

O estudo de Sousa *et al.* (2003) analisou a relação entre a força explosiva dos membros inferiores e a velocidade de deslocamento da bola no remate. De acordo com este estudo os atacantes apresentaram maiores valores de força explosiva, de velocidade de deslocamento da bola, para a finalização quando comparados com os restantes jogadores, apesar dos resultados não se revelaram estatisticamente significativos.

No que diz respeito às questões antropométricas relativas ao estatuto posicional o trabalho de Gil *et al.* (2007) concluiu que os goleiros e zagueiros são, normalmente, mais altos e pesados do que os atletas das outras posições. Os autores deste trabalho também concluíram que os goleiros apresentaram os maiores valores de percentual de gordura, enquanto que os atacantes obtiveram os menores valores de percentual de gordura e os maiores índices de massa magra. Esses resultados se assemelham às pesquisas realizadas por Malina *et al.* (2004) e por Wong *et al.* (2009) que também verificaram que os goleiros e zagueiros eram mais altos e mais pesados, estatisticamente, do que jogadores das outras posições.

No que diz respeito ao comportamento físico, Balikian *et al.* (2002) afirmam que os meio-campistas e laterais percorrem distâncias cerca de 5% maiores que atacantes e zagueiros. Bangsbo *et al.* (2006) afirmam que a distância média percorrida por atletas de futebol varia entre 10-13 km, e confirmam que os meio-campistas são os jogadores que percorrem as maiores distâncias nos jogos. O estudo de Di Salvo *et al.* (2007) corrobora com esses achados ao verificar que os meio-campistas cobriram as maiores distâncias enquanto que os defensores percorreram as menores distâncias. Os mesmos autores, ao analisarem as distâncias percorridas em diferentes faixas de velocidade, observaram que os zagueiros foram aqueles que cobriram as maiores distâncias andando e trotado (velocidade entre 0-11km/h) e que, ao mesmo tempo, realizaram um menor número de sprints (corridas acima de 23km/h). Nessa mesma pesquisa,

verificou-se que os meio-campistas percorreram as menores distâncias andando e trotando (velocidade entre 0-11km/h) e as maiores distâncias correndo em baixa e média velocidade (11,1-14km/h e 14,1-23km/h). Continuando as análises a respeito das distâncias percorridas, Barnes *et al.* (2014) e Bush *et al.* (2015) compararam os resultados obtidos na Premier League em duas diferentes temporadas (2006-2007 e 2012-2013). Eles verificaram um aumento na distância total percorrida pelos jogadores que ocupavam, de forma predominante, as posições centrais do campo (defensores centrais e meio-campistas) e um aumento nas distâncias totais percorridas, em alta velocidade, em todas as posições. De acordo com os autores, os jogadores de lado (laterais e meio-campistas extremos) e os atacantes, não apresentaram modificações no que diz respeito à distância total percorrida entre as duas temporadas, mas cobriram, na temporada 2012-2013, maiores distâncias em altas faixas de velocidade do que defensores centrais e meio-campistas. Esse maior deslocamento de meio-campistas, laterais e atacantes advém, provavelmente, da ampla e constante movimentação gerada pela necessidade desses jogadores de participar, de forma efetiva, das ações defensivas e ofensivas da equipe (BALIKIAN *et al.*, 2002). Isso reforça o conceito de que as mudanças encontradas, possivelmente, apresentam relação com a evolução dos comportamentos, padrões e sistemas de jogo. Dellal *et al.* (2010) também encontraram diferenças nas distâncias percorridas por atletas de diferentes posições da elite do futebol francês. Os meio-campistas foram os jogadores que percorreram as maiores distâncias, o que corrobora com os resultados apresentados por Bangsbo *et al.* (2006) e Di Salvo *et al.* (2007), enquanto que os atacantes foram os jogadores que cobriram as maiores distâncias em sprints. O estudo de Praça *et al.* (2015a) analisou, diferente do jogo formal, as distâncias percorridas por jogadores de diferentes posições (defensores, meio-campistas e atacantes) em um pequeno jogo na estrutura de jogo 3vs.3. Os autores só identificaram diferença em relação à distância total percorrida entre meio-campistas (menor) e atacantes (maior). Como os meio-campistas encontram-se, frequentemente, próximos ao centro de jogo, precisam movimentar-se menos para efetivamente participarem das condutas ofensivas e defensivas, o que justifica o aparecimento da diferença entre os meio-campistas e os atacantes (PRAÇA *et al.*, 2015a).

Em relação às questões técnicas, Taylor *et al.* (2004), verificaram, por meio de seu estudo, que cada posição exigiu a execução de ações técnicas únicas e específicas. De acordo com os autores, os laterais foram os atletas que mais realizaram cruzamentos, os zagueiros foram os que mais recuperaram a posse da bola, os meio-campistas foram os que mais realizaram dribles e os atacantes foram os que mais finalizaram. Dunn *et al.* (2003) encontraram resultados

semelhantes aos apresentados por Taylor *et al.* (2004) (Ver Quadro 2). Ainda sobre as questões técnicas, o estudo de Dellal *et al.* (2010) verificou-se que os zagueiros foram os jogadores que apresentaram o menor percentual de sucesso nos passes e os atacantes os maiores índices de bolas perdidas.

Quadro 2: Ações técnicas realizadas pelos atletas de diferentes posições

Defensores Centrais	Foram os atletas que, junto com os laterais, realizaram o maior número de ações técnicas defensivas; Realizaram o maior número de cabeceios defensivos e de cabeceios de uma forma geral;
Laterais	Foram os atletas que realizaram, junto com os defensores centrais, o maior número de ações técnicas defensivas; Executaram mais cabeceios defensivos do que ofensivos; Ofensivamente se destacaram por realizar, junto com os meio-campistas extremos, o maior número de cruzamentos; Também foram os atletas que realizaram os maior número de cobranças de tiros livres e arremessos laterais.
Meio-Campistas	Foram os atletas que realizaram o maior número de ações mais técnicas; Foram os atletas que mais receberam e passaram a bola; Apresentaram muitas variações de domínio, de passe e foram os atletas que mais conduziram a bola; Também foram os atletas que mais cobraram escanteios.
Meio-Campistas Extremos	Foram os atletas que, junto com os laterais, se destacaram por realizar o maior número de cruzamentos; Também apresentaram muitas variações de domínio, de passe e de condução da bola.
Atacantes	Foram os atletas que mais finalizaram a gol; Também apresentaram muitas variações de domínio e de passe; Foram os atletas que realizaram a menor quantidade de ações técnicas defensivas.

Fonte: Taylor *et al.* (2004).

Por fim, alguns estudos avaliaram o comportamento tático dos jogadores e a sua relação com o estatuto posicional. Por meio do FUT-SAT, a pesquisa de Padilha *et al.* (2013) procurou, de uma forma geral, verificar se o estatuto posicional influenciava o desempenho tático entre jogadores da Categoria Sub-13. Os resultados indicaram que os meio-campistas apresentaram maior índice de performance tática (IPT) no princípio tático “Unidade Ofensiva” do que os atacantes. Não foram encontradas diferenças significativas para o IPT dos demais princípios táticos. O ensaio de Gonzaga *et al.* (2014) analisou os comportamentos táticos de jogadores de futebol da categoria sub-15 de diferentes posições também recorrendo ao FUT-SAT. Não foram observadas diferenças no comportamento tático dos jogadores, independente da sua posição no sistema tático da equipe. Já a pesquisa de Gonçalves *et al.* (2015) comparou a performance tática defensiva (IPTD) e ofensiva (IPTO) de jogadores de futebol Sub-17 de diferentes

posições. Segundo os autores, os resultados referentes à comparação entre o IPTD e IPTO demonstraram que os defensores e os meio-campistas apresentaram valores significativamente maiores de IPTO em relação ao IPTD. Por meio desses achados constatou-se que os jogadores que atuam nessas posições foram mais eficientes na execução dos princípios táticos fundamentais da fase ofensiva do que na fase defensiva.

Apesar de existirem algumas respostas relativas à influência do estatuto posicional no comportamento tático, técnico e físico de jogadores de futebol, ainda não há um consenso a respeito dos resultados obtidos, fato esse justificado, ou pelo pequeno número de investigações realizadas ou pela dificuldade de padronização e consequente comparação entre os diversos protocolos de estudo. Dito isso, recomenda-se que mais investigações acadêmicas acerca de configurações de pequenos jogos considerem o estatuto posicional como importante variável para a composição das equipes para que respostas mais consistentes sejam encontradas.

3 MÉTODOS

3.1 Cuidados Éticos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais e está registrado sob o CAE 51011915.9.0000.5149 (Anexo I). Antes da coleta todos representantes legais e voluntários foram apresentados aos procedimentos de coleta de dados. Os representantes legais assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo II) e os voluntários, atletas menores de idade, foram consultados e também preencheram um termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo III).

3.2 Sujeitos e Cálculo Amostral

Participaram do estudo doze (12) atletas de futebol do sexo masculino (idade $14,43 \pm 0,16$ anos; peso corporal $62,58 \text{ kg} \pm 8,72$, e altura $172,16 \pm 7,20$ cm), praticantes da modalidade¹, e pertencentes a uma equipe da Série A do Campeonato Brasileiro 2017, localizada na cidade de Curitiba. Estes doze (12) atletas, da categoria Sub-14, foram selecionados levando em consideração a sua posição de atuação no clube, sendo quatro (4) defensores, quatro (4) meio campistas e quatro (4) atacantes.

Para o cálculo amostral recorreu-se ao software GPower[®] 3.17, conforme recomendado na literatura (BECK, 2013). Para isso, utilizou-se a variável resposta com maior coeficiente de variação obtido a partir de um estudo piloto (distância entre 14,4 e 21,5km/h – CV= 0,062). Esta informação foi inserida no software GPower[®], no campo “família t de testes”, selecionando-se o campo “diferenças entre dois grupos dependentes (pareados)”. Utilizando-se o tamanho do efeito, calculado a partir dos dados do piloto, $\alpha=0,05$ e $\beta=0,8$, o software apontou a necessidade de 6 sujeitos. O design atual de estudo contempla doze (12) sujeitos, valor, portanto, superior ao recomendado no cálculo amostral.

¹ O tempo de prática médio dos atletas participantes dessa pesquisa é de 2,7 anos \pm 0,9 anos

3.3 Procedimentos

Este é um estudo com um delineamento quase experimental que permite adequar a pesquisa a ambientes mais próximos do real, sem, contudo, negligenciar o controle de ameaças à validade interna (THOMAS *et al.*, 2012).

Para a realização dessa pesquisa, os doze (12) jogadores foram distribuídos em três (3) grupos (Grupo 1, Grupo 2 e Grupo 3). O Grupo 1 e Grupo 2 foram compostos por três (3) equipes cada, enquanto que o Grupo 3, chamado de Grupo de Confronto, foi composto por uma (1) equipe somente.

O Grupo 1 foi formado por três (3) equipes caracterizadas por jogadores com o mesmo estatuto posicional (posição) e foram assim denominadas:

- Equipe A: formadas por três (3) defensores;
- Equipe B: formada por três (3) meio-campistas;
- Equipe C: formada por três (3) atacantes.

Os mesmos nove (9) jogadores que fizeram parte das equipes A, B e C, redistribuídos, fizeram parte das equipes do Grupo 2. Essas equipes foram formadas por jogadores com diferentes estatutos posicionais (posições) e foram assim denominadas:

- Equipe D: formadas por um (1) defensor, um (1) meio-campista (1) e um (1) atacante;
- Equipe E: formadas por um (1) defensor, um (1) meio-campista (1) e um (1) atacante;
- Equipe F: formadas por um (1) defensor, um (1) meio-campista (1) e um (1) atacante;

Para a composição e distribuição dos jogadores no interior das equipes desse grupo, o estudo avaliou o rendimento tático individual de cada participante por meio da mensuração do percentual de acerto nos princípios táticos. Essa avaliação foi realizada a partir do Sistema de Avaliação Tática no Futebol (FUT-SAT) e permitiu ranquear e distribuir os jogadores compondo, assim, equipes mais homogêneas.

Por fim, com os outros três (3) jogadores participantes do estudo, foi formada a equipe do Grupo 3². Essa equipe foi formada por jogadores de diferentes estatutos posicionais (posições).

- Equipe CO (Confronto): formadas por um (1) defensor, um (1) meio-campista (1) e um (1) atacante;

Diferentemente do ocorrido para a formação das equipes do Grupo 1 e do Grupo 2, os jogadores do Grupo 3, exclusivos, só atuaram na equipe denominada de Equipe Confronto. Vale destacar que o estudo não analisou o comportamento tático, técnico e as relações de interação dos jogadores dessa equipe uma vez, que ela foi utilizada para avaliar e verificar o comportamento dos jogadores ao atuar com colegas do mesmo estatuto posicional e ao atuar com colegas de estatuto posicional diferente. Os três grupos estão representados no Quadro 3.

Quadro 3: Distribuição dos sujeitos conforme os critérios de composição das equipes

Composição das Equipes			
Grupo 1			
Equipe A	D	D	D
Equipe B	M	M	M
Equipe C	A	A	A
Grupo 2			
Equipe D	D ¹	M ³	A ²
Equipe E	D ²	M ¹	A ³
Equipe F	D ³	M ²	A ¹
Grupo Controle			
Equipe CO	D	M	A

Legenda: D= Defensor; M= Meio-campista; A= Atacante.

Observação: os números sobrescritos no Grupo 2 indicam o ranking, relativo à posição, que o jogador obteve no teste utilizado para composição das equipes (ET). Exemplo: a Equipe D é composta pelo defensor com o melhor percentual de acerto (D¹), com o meio-campista com o pior percentual de acerto (M³) e com o atacante que obteve o segundo melhor percentual de acerto (A²).

Fonte: o autor

A coleta teve duração de duas semanas e foi dividida em 2 etapas. Como exposto anteriormente, para que as equipes do Grupo 2 fossem compostas, foi realizado, por meio do Sistema de

² Três atletas foram inseridos no Grupo 3 por serem aqueles que, além de apresentarem um maior tempo de prática, eram os únicos que, apesar de pertencerem ao elenco Sub-14, atuavam como titulares nos jogos da equipe Sub-15. Por isso, definiu-se que os mesmos seriam colocados no Grupo Confronto.

Avaliação Tática no Futebol (FUT-SAT) a avaliação de percentual de acertos táticos dos jogadores. Essa avaliação aconteceu no primeiro dia útil da primeira semana de coleta. Nessa 1ª etapa foram realizados 3 jogos de 4 minutos de duração, com intervalo de 4 minutos entre as séries, seguindo os confrontos: Defensores x Meio-Campistas; Defensores x Atacantes; e Meio-Campistas x Atacantes. Esses jogos foram filmados e avaliados posteriormente por peritos com experiência na utilização do sistema de avaliação proposto.

A 2ª etapa do estudo ocorreu na segunda semana da coleta. Neste momento foram realizadas seis (6) coletas, uma por dia, respeitando o intervalo de 24 horas. Em cada dia de coleta, seis (6) jogadores, juntos com mais dois (2) goleiros, não avaliados, participavam de um pequeno jogo com a estrutura de jogo 3vs3³. Essas equipes jogaram, em cada um desses dias de avaliação, quatro (4) séries com duração de quatro (4) minutos e intervalo de quatro (4) minutos entre as séries.

Esse procedimento foi realizado de maneira alternada garantindo que dois confrontos, de equipes diferentes, fossem realizados a cada dia. Como exposto anteriormente, somente as séries que envolviam o Grupo Confronto fizeram parte da coleta do estudo, enquanto as séries entre as outras equipes, chamadas de séries de manutenção, não foram avaliadas. O objetivo foi garantir que as possíveis mudanças de comportamentos, observadas ao se manipular a composição das equipes, ocorresse somente em função desta manipulação e não da modificação do adversário. Esse procedimento também garantiu que todos os jogadores, inseridos no estudo, fossem expostos às mesmas cargas de treino durante a 2ª etapa da coleta, mesmo que em determinados dias suas ações não fossem avaliadas, e que os possíveis resultados encontrados tivessem relação somente com a mudança da composição interna das equipes. Vale destacar que os atletas não foram informados que algumas séries não seriam avaliadas o que, caso tivesse sido realizado, poderia interferir nos resultados do estudo. Os confrontos realizados na segunda semana (2ª etapa) seguiram a rotina apresentada no Quadro 4.

³ É importante destacar que a utilização dos pequenos jogos na configuração 3vs.3 já permite o aparecimento de todos princípios táticos inerentes ao jogo formal (COSTA *et al.*, 2011a) o que justificou a escolha do estudo.

Quadro 4: Distribuição dos confrontos entre as equipes ao longo das duas semanas.

Semana	Dias	Protocolo	Grupo	Confrontos
1		Teste		FUT-SAT
2	Segunda	Coleta 1	1	AxCO
		Manutenção		BxC
	Terça	Coleta 2	1	BxCO
		Manutenção		AxC
	Quarta	Coleta 3	1	CxCO
		Manutenção		AxB
	Quinta	Coleta 4	2	DxCO
		Manutenção		ExF
	Sexta	Coleta 5	2	ExCO
		Manutenção		DxF
Sábado	Coleta 6	2	FxCO	

Fonte: o autor

Para a realização da pesquisa os jogadores foram, na segunda semana, colocados à disposição exclusiva do estudo, não participando, dessa maneira, das sessões de treino da sua equipe de origem. Essa estratégia, incomum em estudos de alta validade ecológica como este, permitiu, por exemplo, que as possíveis interferências das cargas de treinamento de treinos anteriores fossem minimizadas.

Antes de cada sessão, os jogadores submeteram-se a uma atividade preparatória, padronizada, divididas em dois momentos de cinco minutos de duração. No primeiro momento eles realizaram, de forma individual, uma série de movimentos articulares padronizados pelo clube, enquanto que, no segundo momento, realizaram, em grupo, atividades técnicas de domínio e passe, também padronizados pelo clube. A maneira como as coletas foram realizadas, a cada dia, seguindo a estrutura apresentada na Figura 8.

Figura 8: Delineamento das coletas diárias

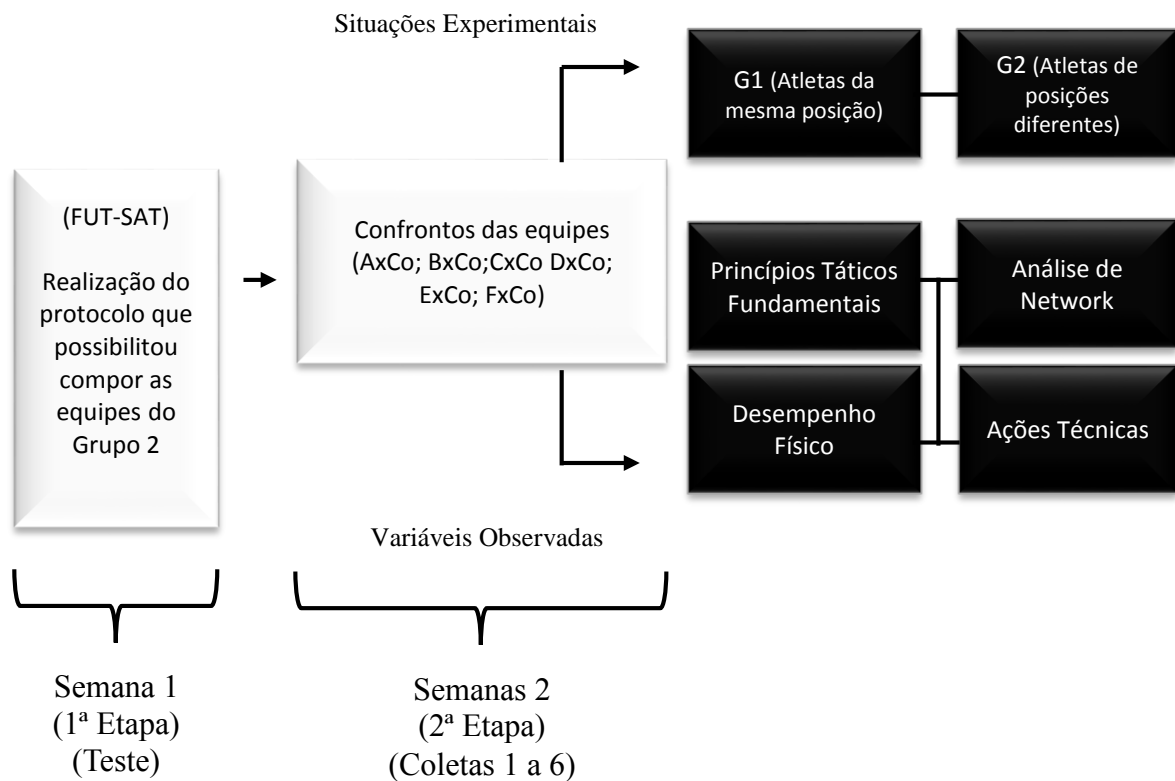


Fonte: o autor

Vale destacar que os jogos, iniciados sempre no mesmo horário do dia, às 14 horas, seguiram as regras inerentes à modalidade, incluindo o impedimento, e aconteceram em um campo gramado de futebol com 36m de comprimento e 27m de largura (conforme adota o protocolo FUT-SAT). Como os jogadores estudavam de manhã, todas as coletas aconteceram no período da tarde. Tanto as coletas oficiais como os confrontos de manutenção foram filmados.

A Figura 9 apresenta o delineamento utilizado no estudo. As ações realizadas no decorrer das duas (2) semanas, as situações experimentais e as variáveis observadas estão representadas nessa figura.

Figura 9: Delineamento do estudo



Fonte: o autor

3.4 Variáveis

3.4.1 Variável Independente: Composição das Equipes

3.4.1.1 Conhecimento Tático Processual

O estudo avaliou o comportamento tático de cada jogador a partir do protocolo do Sistema de Avaliação Tática no Futebol - FUT-SAT (COSTA *et al.*, 2011b). Esse protocolo permite aos envolvidos com a modalidade, sejam eles treinadores, professores ou investigadores, acessar às informações que reflitam os comportamentos táticos desempenhados pelos jogadores em situações de jogo (COSTA *et al.*, 2011a).

O teste, realizado na estrutura de jogo 3vs3, foi aplicado em um campo de 36m de comprimento e 27m de largura com duração e quantidades de séries específicas. Nesse estudo, o protocolo foi utilizado em dois momentos distintos. Na 1ª etapa, a realização do teste permitiu ranquear os jogadores a partir da análise do percentual de acertos dos princípios táticos, para distribuí-los nas equipes que fizeram parte do Grupo 2. Para isso, foi analisado o percentual de acerto dos princípios táticos $[(\text{total de ações ofensivas positivas} + \text{total de ações defensivas positivas}) / (\text{total de ações ofensivas} + \text{total de ações defensivas})]$ para cada um dos jogadores. Como exposto anteriormente, nesta etapa foram realizados 3 jogos de 4 minutos de duração, com intervalo de 4 minutos entre as séries, seguindo os confrontos: Defensores x Meio-Campistas; Defensores x Atacantes; e Meio-Campistas x Atacantes. Na 2ª etapa, o protocolo foi utilizado para avaliar uma das variáveis dependentes do estudo por meio da avaliação: do percentual de acerto dos princípios táticos; da incidência de cada um dos princípios táticos fundamentais; da localização do campo onde as ações ocorreram (meio-campo defensivo e meio-campo ofensivo); e do resultado de cada ação nos jogos observados (Figura 10). Nesta etapa os jogadores participaram, em cada dia de coleta, de 4 jogos com duração de 4 minutos e intervalo de 4 minutos entre as séries (Ver Quadro 4). Os critérios para classificação dos princípios táticos em positivos e negativos podem ser vistos no Anexo IV.

A dimensão de campo foi calculada com base nas medidas de campo de futebol permitidas pela FIFA, e no raio de utilização do espaço de jogo utilizado pelos jogadores de linha (COSTA *et al.*, 2011b). A estrutura conceitual do protocolo se alicerça nos princípios táticos fundamentais

ofensivos (penetração, cobertura ofensiva, mobilidade, espaço e unidade ofensiva) e defensivos (contenção, cobertura defensiva, equilíbrio, concentração e unidade defensiva) já apresentados nesse estudo (Ver Capítulo 2.1.1) e que fazem parte da Macro Categoria Observação.

Figura 10: Organização estrutural do Sistema de Observação, Análise e Avaliação do Comportamento Tático no Futebol



Fonte: Costa *et al.* (2011b)

Todos esses itens foram analisados a partir das imagens provenientes das filmagens dos pequenos jogos e por meio da utilização do software *Soccer Analyser*[®] (Figura 11). As imagens foram inseridas em um campograma sobre o vídeo que permitiu estabelecer o Centro de Jogo que, por sua vez, serviu como referência para análise do comportamento dos atletas, à luz dos princípios táticos.

Figura 11: Software Soccer Analyzer[®] e as referências espaciais inseridas no vídeo



Fonte: o autor

Peritos treinados e com experiência na utilização deste sistema de observação e integrantes do CECA (Grupo de Estudos da Cognição e Ação), realizaram a análise das cenas que possibilitou, na 1ª etapa, ranquear os atletas e distribuí-los nas equipes do Grupo 2, e a avaliar, na 2ª etapa, o comportamento desses jogadores nos pequenos jogos.

Durante as análises foi possível organizar e tabular os dados com recurso ao software Microsoft Excel 2010[®] e realizar, posteriormente, procedimentos de fiabilidade inter e intra observador por meio do coeficiente de Kappa de Cohen (ROBINSON; O'DONOGHUE, 2007).

3.4.2 Variáveis Dependentes

Este estudo analisou os comportamentos táticos, técnicos, físicos e as interações sociais (Networks) dos atletas de futebol, ocorridos durante as situações experimentais. O Quadro 5 apresenta um resumo das variáveis avaliadas as quais serão descritas a seguir.

Quadro 5: Variáveis dependentes analisadas

Táticas	Técnicas
Princípios Táticos Fundamentais	Ações Técnicas
Análise de Interação (Network)	

Fonte: o autor

3.4.2.1 Princípios Táticos fundamentais

Os princípios táticos fundamentais, uma das variáveis dependentes deste estudo, foram avaliados, na 2ª etapa do estudo, por meio do Sistema de Avaliação Tática no Futebol – FUT-SAT (COSTA *et al.*, 2011a) que, como visto anteriormente, também foi utilizado para ranquear os jogadores e distribuí-los nas equipes do Grupo 2 (1ª etapa do estudo) (Ver Figura 9). Por meio da filmagem das séries de pequenos jogos, realizada durante as coletas do estudo (Ver Quadro 4) e da posterior avaliação, verificou-se a incidência individual de princípios táticos entre os jogadores (CLEMENTE *et al.*, 2014b; COSTA *et al.*, 2009a) e calculou-se o percentual de acerto dos princípios táticos ofensivos, defensivos e gerais. Esse percentual foi calculado através da razão entre princípios táticos positivos (ofensivos, defensivos ou gerais) e total de princípios táticos (ofensivos, defensivos ou gerais).

Como já exposto no tópico 4.1.1, peritos treinados e com experiência na utilização deste sistema de observação realizaram a análise das cenas que possibilitou a avaliar, na segunda etapa do estudo, o comportamento desses jogadores nos pequenos jogos. Durante as análises foi possível organizar e tabular os dados com recurso ao software Microsoft Excel 2010[®] e realizar, posteriormente, procedimentos de fiabilidade inter e intra observador por meio do coeficiente de Kappa de Cohen (ROBINSON; O'DONOGHUE, 2007).

As variáveis extraídas a partir do Sistema de Avaliação Tática no Futebol – FUT-SAT proposto por Costa *et al.* (2011) e utilizada por Praça (2016) pode ser observada no Quadro 6.

Quadro 6: Variáveis do comportamento tático analisadas no atual estudo

Nome	Definição
Princípios Táticos Ofensivos	
Penetração	Redução da distância entre o portador da bola e a baliza ou a linha de fundo
Cobertura Ofensiva	Oferecimento de apoios ofensivos ao portador da bola
Espaço sem bola	Utilização e ampliação do espaço efetivo de jogo em largura e/ou profundidade
Espaço com bola	Movimentações do portador da bola realizadas em direção à linha lateral ou à própria baliza.
Mobilidade	Criação de instabilidade na organização defensiva adversária
Unidade Ofensiva	Movimentação de avanço ou apoio ofensivo do (s) jogador (es) que compõe (m) a (s) última (s) linha (s) transversal (is) da equipe
Princípios Táticos Defensivos	
Contenção	Realização de oposição ao portador da bola.
Cobertura Defensiva	Oferecimento de apoios defensivos ao jogador de contenção.
Equilíbrio defensivo	Estabilidade ou superioridade numérica nas relações de oposição.
Equilíbrio de Recuperação	Movimentação de recuperação defensiva feita por trás do portador da bola.
Concentração	Aumento de proteção defensiva na zona de maior risco à baliza.
Unidade Defensiva	Redução do espaço de jogo efetivo da equipe adversária
Medidas de Desempenho	
Desempenho tático ofensivo	Razão entre princípios táticos ofensivos positivos e princípios táticos ofensivos totais.
Desempenho tático defensivo	Razão entre princípios táticos defensivos positivos e princípios táticos defensivos totais.
Desempenho tático total	Razão entre princípios táticos positivos e princípios táticos totais.

Fonte: Praça (2016)

3.4.2.2 Análise de Interações Sociais (Network)

O avanço tecnológico permitiu que novas alternativas de análise e avaliação, relativas ao rendimento das equipes, se consolidassem (CLEMENTE *et al.*, 2015a; CLEMENTE *et al.*, 2015b; CLEMENTE *et al.*, 2015c). Uma das alternativas atuais, a análise de interações sociais (Networks), também chamada de análise de redes sociais (ARS) ou simplesmente de análise de interações, permite avaliar, por meio da teoria dos diagramas ponderados (*weighted diagraphs*) (CLEMENTE *et al.*, 2016), os padrões de interação e de cooperação entre os colegas de equipe durante os jogos. De acordo com Pasquarelli (2017), estas análises contribuem para caracterizar uma equipe, com relação a distribuição de passes entre jogadores que, segundo Clemente *et al.*, (2016), repercutem no desempenho da coletivo da equipe (CLEMENTE *et al.*, 2016). Diferente de uma análise notacional de passes, que contabiliza o desempenho individualmente, a análise de interações é importante, uma vez que traz, também, informações correspondentes à comunicação entre jogadores de um grupo (PASQUARELLI, 2017).

Para a realização de análises dessa ordem, foi construído, nesse estudo, uma matriz de adjacências, conforme recomendado na literatura, para cada equipe em confronto. Cada matriz foi analisada por meio do Social Network Visualizer (SocNetV 1.9 (C) 2005-2015 by Dimitris V. Kalamaras), que ajudou a visualizar e analisar diagramas no âmbito da análise de networks (KALAMARAS, 2014) (Figura 12).

Figura 12: Exemplo de Matriz de Adjacências de duas equipes em confronto

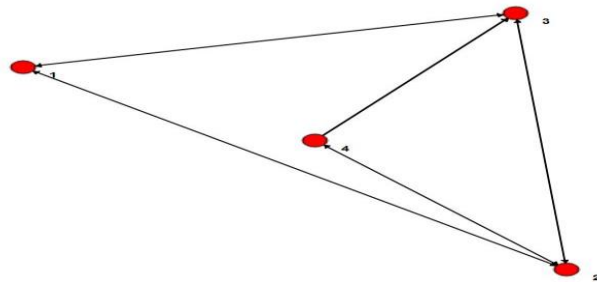
	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1	Colete		1	2	3	4			
2		1	0	7	3	0			
3		2	7	0	9	1			1 D
4		3	3	5	0	0			2 M
5		4	4	3	3	0			3 A
6									4 GR
7									
8									
9									
10									
11	Sem colete		1	2	3	4			
12		1	0	4	4	0			1 D
13		2	6	0	7	1			2 M
14		3	3	5	0	0			3 A
15		4	2	2	0	0			4 GR
16									

Legenda: D: defensor; M: meio-campista; A: atacante; GR: goleiro

Fonte: o autor

Nessa matriz, registraram-se todos os passes observados entre os colegas do mesmo time. Seguindo o protocolo sugerido, os valores iguais a 0 indicaram a inexistência de passes do jogador na linha para o jogador na coluna. Números diferentes de 0 indicaram a quantidade de passes efetuadas no mesmo sentido. Ao final do jogo, os dados coletados geraram também uma representação gráfica da matriz de adjacências semelhante à representada na Figura 13.

Figura 13: Representação gráfica da matriz de adjacências



Legenda: números representam os atletas. Setas indicam o sentido de cada uma das 9 interações (Total Links). Setas mais grossas indicam interações mais frequentes, enquanto setas mais fracas indicam interações menos frequentes.

Fonte: Praça (2016)

No presente estudo, a estrutura macro do diagrama (propriedades gerais da equipe) foi analisada por meio das variáveis como: o número total de *Links*; a Densidade, o *Clustering Coefficient*, o *Degree Centrality*; o *Degree Prestige* e o *Page Rank*.

O total *Links* representa o total de ligações observadas entre os atletas. Estabeleceu-se uma ligação sempre que houve um passe de um atleta (A) para outro (B), configurando-se, assim, uma ligação de A para B. O número total de links máximo nos pequenos jogos deste estudo foi calculado pela combinação – dois a dois – dos atletas que compõe a equipe. No jogo 3vs.3 (mais goleiros), são permitidos até 12 links. (CLEMENTE *et al.*, 2016). Valores mais elevados indicam alta cooperação entre os colegas de equipe.

A densidade representa a proporção entre os links observados (Total Links) e o número máximo de links que puderam ser obtidos (conforme previamente apontado, 12 para o jogo 3vs.3 + goleiros). Os valores poderiam variar entre 0 (nenhuma densidade, ausência de cooperação) e 1 (máxima cooperação) (CLEMENTE *et al.*, 2016).

O *clustering coefficient* indica o quão próximo um jogador e seus colegas de equipe estão de serem “alcançados”, ou seja, de interagirem. Valores mais elevados indicam alta cooperação entre os colegas de equipe (CLEMENTE *et al.*, 2016).

O *Degree centrality* representa o nível de influência (proeminência) que cada jogador tem para construir o processo de ataque. Quanto maior o valor obtido, maior é a participação do jogador na construção dos processos ofensivos (CLEMENTE *et al.*, 2015b).

O *Degree Prestige* representa o nível de influência (proeminência) que cada jogador tem para ser o alvo de seus companheiros de equipe no passe da bola. Portanto, valores maiores sugerem que o jogador é o jogador prioritário para receber a bola e os valores mais baixos sugerem que o jogador não é um dos alvos dos passes (CLEMENTE *et al.*, 2015b).

Por fim o *Page Rank* diz respeito à medida geral de influência (proeminência) de cada jogador (PRAÇA *et al.*, 2017).

3.4.2.3 Ações Técnicas

Para a avaliação do comportamento técnico empregou-se um scout semelhante ao já adotado por outros autores (HARRISON *et al.*, 2014; OWEN *et al.*, 2013). Analistas de desempenho⁴, com experiência e peritos na área de mensuração das ações, realizaram as análises. Esses profissionais avaliaram as imagens e registraram as ações de cada jogador em uma planilha específica, com o auxílio da plataforma de um Ipad e um computador com interface com o software de análise de desempenho denominado SportsCode[®]. Eles registraram as ações técnicas, os locais (meio-campo defensivo ou meio-campo ofensivo) e o resultado (positiva ou negativa) de cada uma das ações realizadas pelos atletas. Para facilitar o processo dividiu-se as ações técnicas registradas em defensivas (desarme e interceptação) e ofensivas (domínio, drible, finalização e passe) (Ver Quadro 6). Por meio de análises inter e intra avaliador observou-se a confiabilidade dos peritos.

⁴ As análises técnicas foram realizadas por analistas de desempenho do clube.

Quadro 7: Variáveis da análise técnica.

Ações	Conceito
Defensivas	
Desarme	O jogador retira a bola do oponente por meio de uma abordagem.
Interceptação	O jogador intercepta a trajetória da bola evitando que um passe do oponente atinja o destino pretendido.
Ofensivas	
Domínio	O jogador recebe a bola proveniente de um passe realizado por um colega ou controla a bola que tenha sido rebatida mantendo-a sob o seu controle.
Drible	O jogador, com a posse de bola, ultrapassa um oponente por meio de movimentos como fintas de corpo.
Finalização	O jogador envia intencionalmente a bola em direção ao gol, com os pés ou com qualquer outra parte do corpo na tentativa de marcar um gol.

Fonte: baseado em Owen *et al.* (2013)

3.5 Análise dos dados

Para a comparação da incidência de princípios táticos nos pequenos jogos, com diferentes critérios de composição das equipes, este estudo utilizou o teste de qui-quadrado de proporções. Também calculou-se o tamanho do efeito ω , segundo equação proposta na literatura (COHEN, 1992), e utilizado em estudos prévios (PRAÇA *et al.*, 2016a; SILVA *et al.*, 2014). Nestes casos, classificou-se o tamanho do efeito em pequeno (ω menor que 0,1, ou 1% de variância total), médio (ω entre 0,1 e 0,3, ou 9% de variância total) e grande (ω maior do que 0,5, ou 25% de variância total) (COHEN, 1992).

Os dados referentes às variáveis de interação (Network) foram, inicialmente, verificados quanto à normalidade da distribuição por meio do teste de Shapiro Wilk e quanto à homocedasticidade das variâncias por meio do teste de Levene. Nos casos em que a análise paramétrica foi possível, realizou-se um teste t pareado para comparar as respostas nos jogos com os dois diferentes critérios de composição das equipes. Calculou-se ainda o tamanho do efeito d de Cohen, considerado pequeno ($d < 0,2$), moderado ($0,2 > d < 0,6$), grande ($0,6 > d < 1,2$), muito grande ($1,2 > d < 2,0$), ou quase perfeito ($2,0 > d < 4,0$) (COHEN, 1988). Todas análises foram realizadas no software SPSS 20.0, mantendo-se o nível de significância em 0,05.

3.6 Qualidade dos Dados

Foram conduzidos procedimentos de verificação da fiabilidade inter e intra-avaliador tanto para as variáveis relacionadas ao comportamento tático individual, obtidas a partir do protocolo do Sistema de Avaliação Tática no Futebol – FUT-SAT (COSTA *et al.*, 2011a), quanto para a análise das interações (por meio da incidência de passes). Esses procedimentos foram realizados com o intuito de verificar a concordância nas observações dos pequenos jogos por peritos. Dessa forma, das 24 séries de pequenos jogos que compuseram a amostra deste estudo, 3 (12,5%) foram reavaliadas conforme recomendado na literatura (TABACHNICK; FIDELL, 2007). As reanálises ocorreram após 21 dias, minimizando a familiaridade dos avaliadores com as cenas avaliadas (ROBINSON; O'DONGHUE, 2007). Calculou-se o coeficiente Kappa de Cohen e o erro padrão para as variáveis Princípios Táticos, Local da Ação no Campo de Jogo e Resultado da Ação, com os resultados apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Qualidade dos dados para variáveis táticas

	Intra		Inter	
	Kappa	Erro padrão	Kappa	Erro padrão
Princípios Táticos	0,912	0,009	0,874	0,015
Local da Ação	0,997	0,003	0,898	0,011
Resultado da Ação	0,999	0,001	0,945	0,007
Análise de Interações (passes)	0,851	0,017	0,842	0,018

A Tabela 1 apresenta valores de concordância acima de 0,8 para todas variáveis, com erro padrão não ultrapassando 0,018. Por meio desses dados, classificou-se a concordância intra-avaliador e inter avaliadores como “perfeita” (LANDIS; KOCH, 1977).

4 RESULTADOS

4.1 Comportamento Tático

Este tópico apresenta os resultados referentes ao primeiro objetivo deste estudo: comparar o comportamento tático dos jogadores participantes de um pequeno jogo, na estrutura de 3vs.3, ao atuar com colegas do mesmo estatuto posicional e com colegas de estatuto posicional diferente.

As Tabelas 2, 3 e 4 exibem os dados relativos ao percentual de acerto dos princípios táticos ofensivos, defensivos e gerais. Os resultados apresentados na Tabela 2, mostraram que defensores apresentaram maior percentual de acerto dos princípios defensivos ($t=3,493$; $p=0,005$) e gerais ($t=2,475$; $p=0,031$) quando jogaram com colegas da mesma posição (mesmo estatuto posicional). Não foram encontradas diferenças no percentual de acerto ofensivo entre os dois estatutos posicionais.

Tabela 2: Percentual de acerto dos princípios táticos entre defensores nos pequenos jogos

DEFENSORES	Percentual de Acerto Ofensivo	Percentual de Acerto Defensivo	Percentual de Acerto Geral
Mesma Posição	0,696(0,14)	0,697(0,06)	0,692(0,07)
Posição Diferente	0,676(0,11)	0,457(0,20)	0,562(0,14)
T	0,34	3,493	2,475
p-valor	0,74	0,005*	0,031*
Tamanho do Efeito	0,156	1,35	1,072

* Diferenças significativas ($p<0,05$)

Os resultados apresentados na Tabela 3, revelam que os meio-campistas apresentaram maior percentual de acerto nos princípios ofensivos ($t=4,544$; $p=0,001$) ao atuarem com jogadores da mesma posição (mesmo estatuto posicional). Não foram encontradas diferenças no percentual de acerto defensivo e geral entre os dois estatutos posicionais.

Tabela 3: Percentual de acerto dos princípios táticos entre meio-campistas nos pequenos jogos

MEIO CAMPISTAS	Percentual de Acerto Ofensivo	Percentual de Acerto Defensivo	Percentual de Acerto Geral
Mesma Posição	0,766(0,06)	0,522(0,12)	0,656(0,06)
Posição Diferente	0,597(0,12)	0,557(0,19)	0,577(0,14)
T	4,544	0,449	1,578
p-valor	0,001*	0,662	0,143
Tamanho do Efeito	1,626	0,21	0,649

* Diferenças significativas (p<0,05)

Por meio da Tabela 4, verificou-se que os atacantes apresentaram maior percentual de acerto nos princípios ofensivos (t=3,147; p=0,009) e gerais (t=2,424; p=0,034) quando jogaram com jogadores da mesma posição (mesmo estatuto posicional). Não foram encontradas diferenças no percentual de acerto defensivo entre os dois estatutos posicionais.

Tabela 4: Percentual de acerto dos princípios táticos entre atacantes nos pequenos jogos

ATACANTES	Percentual de Acerto Ofensivo	Percentual de Acerto Defensivo	Percentual de Acerto Geral
Mesma Posição	0,782(0,07)	0,652(0,07)	0,717(0,06)
Posição Diferente	0,627(0,11)	0,535(0,21)	0,577(0,15)
T	3,147	1,649	2,424
p-valor	0,009*	0,127	0,034*
Tamanho do Efeito	1,607	0,631	1,071

* Diferenças significativas (p<0,05)

Na sequência são apresentados os resultados referentes à incidência dos princípios táticos fundamentais nas duas configurações de pequenos jogos para cada estatuto posicional.

A Tabela 5, mostra que os defensores realizaram mais ações de espaço ($\chi^2=8,068$; p=0,005) sem bola e unidade defensiva ($\chi^2=18,630$; p=0,001), no jogo com jogadores da mesma posição (mesmo estatuto posicional), e mais penetrações ($\chi^2=6,128$; p=0,013) e ações de unidade ofensiva ($\chi^2=29,728$; p=0,001), quando jogaram com atletas de posições diferentes (diferente estatuto posicional).

Tabela 5: Incidência dos princípios táticos fundamentais dos defensores nos pequenos jogos

DEFENSORES	Mesma Posição	Posição Diferente	χ^2	p-valor	Tamanho do Efeito
Penetração	35	59	6,128	0,013*	0,7146
Cobertura Ofensiva	53	54	0,009	0,923	0,0274
Espaço sem bola	148	103	8,068	0,005*	0,8242
Espaço com Bola	23	25	0,083	0,773	0,0832
Mobilidade	28	30	0,069	0,793	0,0758
Unidade Ofensiva	42	109	29,728	0,001*	1,5741
Contenção	88	75	1,037	0,309	0,2941
Cobertura Defensiva	22	14	1,778	0,182	0,3849
Equilíbrio Defensivo	63	69	0,273	0,602	0,1508
Equilíbrio de Recuperação	44	38	0,439	0,508	0,1913
Concentração	57	45	1,412	0,235	0,3432
Unidade Defensiva	207	128	18,63	0,001*	1,246

* Diferenças significativas ($p < 0,05$)

A Tabela 6, apresenta os resultados referentes aos meio-campistas. Como visto, os meio-campistas realizaram mais ações de espaço com bola ($\chi^2=6,422$; $p=0,011$) e mobilidade ($\chi^2=5,944$; $p=0,015$) no jogo com jogadores da mesma posição (mesmo estatuto posicional). Não foram encontradas diferenças no jogo com jogadores de posições diferentes (diferente estatuto posicional).

Tabela 6: Incidência dos princípios táticos fundamentais dos meio-campistas nos pequenos jogos

MEIO CAMPISTAS	Mesma Posição	Posição Diferente	χ^2	p-valor	Tamanho do Efeito
Penetração	41	29	2,057	0,151	0,414
Cobertura Ofensiva	61	59	0,033	0,855	0,0524
Espaço sem bola	133	142	0,295	0,587	0,1568
Espaço com Bola	31	14	6,422	0,011*	0,7316
Mobilidade	56	33	5,944	0,015*	0,7038
Unidade Ofensiva	81	90	0,474	0,491	0,1987
Contenção	69	74	0,175	0,676	0,1208
Cobertura Defensiva	24	24	0	1	0
Equilíbrio Defensivo	80	69	0,812	0,368	0,2601
Equilíbrio de Recuperação	33	20	3,189	0,074	0,5155
Concentração	48	50	0,041	0,84	0,0585
Unidade Defensiva	153	136	1	0,317	0,2887

* Diferenças significativas ($p < 0,05$)

A Tabela 7 apresenta os resultados relativos aos atacantes. Verificou-se que esses jogadores realizaram mais ações de mobilidade ($\chi^2=3,920$; $p=0,048$), no jogo com colegas de posições diferentes (diferente estatuto posicional). Não foram encontradas diferenças no jogo com jogadores da mesma posição (mesmo estatuto posicional).

Já os locais onde as ações táticas ofensivas e defensivas realizadas, orientados pelos dois diferentes critérios de composição das equipes, nos diferentes estatutos posicionais, são apresentadas nas Tabelas 8, 9 e 10.

Tabela 7: Incidência dos princípios táticos fundamentais dos atacantes nos pequenos jogos

ATACANTES	Mesma Posição	Posição Diferente	χ^2	p-valor	Tamanho do Efeito
Penetração	52	38	2,178	0,14	0,426
Cobertura Ofensiva	58	47	1,152	0,283	0,3098
Espaço sem bola	134	127	0,188	0,665	0,1252
Espaço com Bola	18	29	2,574	0,109	0,4631
Mobilidade	18	32	3,92	0,048*	0,5715
Unidade Ofensiva	67	70	0,066	0,798	0,0742
Contenção	75	53	3,781	0,052	0,5613
Cobertura Defensiva	16	19	0,257	0,612	0,1463
Equilíbrio Defensivo	74	69	0,175	0,676	0,1208
Equilíbrio de Recuperação	15	25	2,5	0,114	0,4564
Concentração	46	47	0,011	0,917	0,0303
Unidade Defensiva	129	141	0,533	0,465	0,2108

* Diferenças significativas ($p<0,05$)

Conforme observado, os defensores realizaram mais ações defensivas, no meio-campo defensivo ($\chi^2=36,302$; $p=0,001$), jogando com colegas da mesma posição e mais ações ofensivas, no meio-campo ofensivo ($\chi^2=21,407$; $p=0,001$), no jogo com colegas de outras posições (diferente estatuto posicional) (Tabela 8).

Tabela 8: Localização das ações táticas no campo de jogo dos defensores nos pequenos jogos

DEFENSORES	Mesma Posição	Posição Diferente	χ^2	p-valor
Ações defensivas no meio-campo ofensivo	215	217	0,009	0,923
Ações defensivas no meio-campo defensivo	266	144	36,302	0,001
Ações ofensivas no meio-campo ofensivo	74	142	21,407	0,001
Ações ofensivas no meio-campo defensivo	255	222	2,283	0,131

* Diferenças significativas ($p < 0,05$)

Seguindo a mesma análise, verificou-se que os meio-campistas realizaram mais ações defensivas, no meio-campo defensivo ($\chi^2=6,915$; $p=0,009$), e mais ações ofensivas, no meio-campo defensivo ($\chi^2=11,885$; $p=0,001$), no jogo com jogadores da mesma posição (mesmo estatuto posicional) (Tabela 9).

Tabela 9: Localização das ações táticas no campo de jogo dos meio-campistas nos pequenos jogos

MEIO CAMPISTAS	Mesma Posição	Posição Diferente	χ^2	p-valor
Ações defensivas no meio-campo ofensivo	231	235	0,034	0,853
Ações defensivas no meio-campo defensivo	176	130	6,915	0,009
Ações ofensivas no meio-campo ofensivo	122	153	3,495	0,062
Ações ofensivas no meio-campo defensivo	281	205	11,885	0,001

* Diferenças significativas ($p < 0,05$)

Por fim, por meio da Tabela 10, verificou-se que os atacantes realizaram mais ações ofensivas, no meio-campo defensivo ($\chi^2=11,161$; $p=0,001$), no jogo com colegas de mesma posição e mais ações ofensivas no meio-campo ofensivo nos jogos com colegas de posições diferentes ($\chi^2=7,645$; $p=0,006$).

Tabela 10: localização das ações táticas no campo de jogo dos atacantes nos pequenos jogos

ATACANTES	Mesma Posição	Posição Diferente	χ^2	p-valor
Ações defensivas no meio-campo ofensivo	222	205	0,677	0,411
Ações defensivas no meio-campo defensivo	116	126	0,413	0,520
Ações ofensivas no meio-campo ofensivo	87	137	11,161	0,001
Ações ofensivas no meio-campo defensivo	241	184	7,645	0,006

* Diferenças significativas ($p < 0,05$)

4.2 Relações de interação (Network)

Este tópico apresenta os resultados referentes ao segundo objetivo deste estudo: comparar as relações de interação (Network) estabelecidas pelos jogadores participantes de um pequeno jogo, na estrutura de 3vs.3, ao atuar com colegas do mesmo estatuto posicional e com colegas de estatuto posicional diferente.

A Tabela 11, exibe os resultados da comparação entre as propriedades gerais da rede (análise macro), nos jogos orientados pelos dois diferentes critérios de composição das equipes. Conforme observado, nenhuma diferença significativa foi reportada entre os pequenos jogos jogados com equipes formadas por jogadores da mesma posição e por equipes formadas por jogadores de diferentes posições.

Além da comparação entre os jogos, com os dois diferentes critérios de composição das equipes, sugeriu-se a comparação das propriedades da rede de equipes compostas apenas por atletas de uma posição. A Tabela 12, apresenta estes resultados. Novamente, não se observou diferença nas propriedades da rede entre equipes compostas apenas por defensores, meio-campistas ou atacantes.

Tabela 11: Propriedades da rede nos pequenos jogos orientados por diferentes critérios de composição de equipes

	Densidade	Clustering Coefficient
Mesma Posição	0,826(0,10)	0,791 (0,065)
Posição Diferente	0,756 (0,016)	0,569 (0,10)
T	1,359	1,038
p-valor	0,201	0,322
Tamanho do Efeito	0,733	2,54

Tabela 12: Propriedades da rede das equipes compostas por defensores, meio-campistas ou atacantes

	Densidade	Clustering Coefficient
Equipe de Defensores	0,791 (0,08)	0,729 (0,13)
Equipe de Meias	0,875 (0,01)	0,708 (0,33)
Equipe de Atacantes	0,812 (0,01)	0,666 (0,102)
T	0,660983	0,051852
p-valor	0,53971	0,949751
Tamanho do Efeito	0,128073	0,011391

Já as Tabelas 13, 14 e 15 apresentam os níveis de proeminência (*Degree Centrality*, *Degree Prestige* e *Page Rank*) dos defensores, meio-campistas e atacantes, nas duas configurações de composição das equipes utilizadas no presente estudo. Não foram encontradas diferenças nos níveis de proeminência dos atletas nas diferentes configurações de pequenos jogos.

Tabela 13: Níveis de proeminência de defensores nos pequenos jogos com diferentes critérios de composição das equipes

DEFENSORES	Degree Centrality	Degree Prestige	Page Rank
Mesma Posição	0,242 (0,07)	0,284 (0,11)	0,281 (0,05)
Posição Diferente	0,268 (0,10)	0,200 (0,09)	0,248 (0,08)
T	0,612	1,976	1,054
p-valor	0,553	0,074	0,315
tamanho do efeito	0,292	0,827	0,471

Tabela 14: Níveis de proeminência de meio-campistas nos pequenos jogos com diferentes critérios de composição das equipes

MEIO CAMPISTAS	Degree Centrality	Degree Prestige	Page Rank
Mesma Posição	0,253 (0,07)	0,301 (0,04)	0,271 (0,02)
Posição Diferente	0,257 (0,04)	0,354 (0,13)	0,291 (0,03)
T	0,142	1,245	1,245
p-valor	0,890	0,239	0,239
tamanho do efeito	0,065	0,459	0,755

Tabela 15: Níveis de proeminência de atacantes nos pequenos jogos com diferentes critérios de composição das equipes

ATACANTES	Degree Centrality	Degree Prestige	Page Rank
Mesma Posição	0,274 (0,08)	0,303 (0,01)	0,267 (0,01)
Posição Diferente	0,265 (0,08)	0,309 (0,01)	0,286 (0,01)
T	0,285	0,145	0,901
p-valor	0,781	0,888	0,387
tamanho do efeito	0,112	0,6	1,9

4.3 Ações Técnicas

A Tabela 16, apresenta os resultados referentes ao terceiro objetivo deste estudo: comparar o comportamento técnico de jogadores ao participarem de um pequeno jogo, na estrutura de 3vs.3, ao atuar com colegas do mesmo estatuto posicional e com colegas de estatuto posicional diferente.

O estudo analisou a incidência de ações técnicas, os locais onde foram realizadas (meio-campo defensivo ou meio-campo ofensivo) e os resultados (positiva ou negativas), de cada uma das ações. Verificou-se que os domínios e as intercepções apresentaram valores significativamente maiores quando realizados pelas equipes compostas por atletas com diferentes estatutos posicionais. Não foram encontradas diferenças no número de ações técnicas desenvolvidas por equipes compostas por atletas da mesma posição. Também foi possível verificar que os domínios e as intercepções só apresentaram diferenças quando realizadas no campo de ataque.

Tabela 16: incidência de ações técnicas apresentada pelos atletas nos dois diferentes grupos

Variáveis	Local do Campo	Mesma posição	Posição diferente	Qui-quadrado	p-valor	Tamanho do efeito
Desarme	Defesa	5	4	0,111	0,739	0,056
	Ataque	2	8	3,600	0,058	0,316
Domínio	Defesa	170	143	2,329	0,127	0,254
	Ataque	68	99	5,754	0,016	0,400
Drible	Defesa	7	16	3,522	0,061	0,313
	Ataque	16	22	0,947	0,330	0,162
Intercepção	Defesa	13	10	0,391	0,532	0,104
	Ataque	10	24	5,765	0,016	0,400
Finalização	Defesa	11	11	0,000	1,000	0,000
	Ataque	39	56	3,042	0,081	0,291
Gol		12	17	0,862	0,353	0,155

5 DISCUSSÃO

O presente estudo comparou o comportamento tático, técnico e as relações de interação (Network) de jogadores que participaram de um pequeno jogo atuando ao lado de colegas da mesma posição (mesmo estatuto posicional) e ao lado de colegas de diferentes posições (estatuto posicional diferente). Os resultados desse trabalho indicam que a composição das equipes, baseadas no estatuto posicional, exerceu influência em determinados comportamentos táticos e técnicos dos jogadores. As relações de interação, por sua vez, não sofreram influência da manipulação da composição das equipes, baseadas no estatuto posicional.

5.1 Comportamento Tático

Como visto no decorrer do trabalho, as pesquisas que avaliam “se” e “como” as alterações na composição das equipes, baseados no estatuto posicional, influenciam o comportamento dos jogadores durante pequenos jogos são, ainda, incipientes. Contudo, ao se afirmar que a posição assumida pelo jogador contribui para a geração de ações específicas que são, na maior parte das vezes, realizadas em lugares determinados (SILVA, 2011) não é interessante negligenciar a importância dessa variável.

Seguindo essa premissa, o estudo de Souza *et al.* (2003) avaliou a força explosiva dos membros inferiores de atletas da categoria Sub-17 e a sua relação com a velocidade de deslocamento da bola na finalização, em função dos diferentes estatutos posicionais dos jogadores. Os autores concluíram que os atacantes apresentaram valores de força explosiva superiores e promoveram o deslocamento mais veloz da bola, para a finalização, quando comparados com os jogadores de outras posições. Silva (2011) comparou os comportamentos táticos desempenhados por jogadores de três estatutos posicionais (defensores, meio-campistas e atacantes) e concluiu, dentre diversos fatores, que os defensores realizaram a contenção com mais frequência que os meio-campistas e que os atacantes. O mesmo estudo verificou que os defensores e os atacantes deram preferência para a marcação em bloco baixo, enquanto que os meio-campistas preferiram executar as ações em bloco alto. O estudo de Padilha *et al.*, (2013) analisou a influência do estatuto posicional no desempenho tático de jogadores da categoria sub-13 e verificou que os meio-campistas apresentam um desempenho superior no princípio denominado unidade ofensiva quando comparados com os atacantes. Por outro lado, o ensaio Gonzaga *et al.* (2014)

comparou o comportamento tático de jogadores de diferentes estatutos posicionais, da categoria sub-15, e não encontrou diferenças. Por fim, o trabalho de Gonçalves *et al.* (2015) comparou a performance tática defensiva (IPTD) e ofensiva (IPTO) de jogadores de futebol Sub-17, de diferentes posições, verificando que os defensores e meio-campistas apresentaram melhor desempenho tático ofensivo do que defensivo. Contudo, nenhum dos estudos investigou a influência da composição das equipes, baseado no estatuto posicional, no comportamento tático, técnico e nas relações de interação de jogadores. Por isso, os resultados observados no presente estudo merecem atenção já que permitem relativo avanço na discussão do tema em questão.

No que diz respeito ao comportamento tático, o presente estudo concluiu que o percentual de acerto dos princípios táticos ofensivos, defensivos e gerais variou quando os jogadores atuaram com colegas que jogavam na mesma posição. Os defensores apresentaram maior percentual de acerto dos princípios táticos defensivos e gerais, os meio-campistas nos princípios táticos ofensivos e os atacantes nos princípios táticos ofensivos e gerais. Esses resultados apontam para um padrão que sugere que os jogadores, atuando com colegas da mesma posição, obtêm, nos princípios táticos relacionados à sua posição de origem, uma melhor performance.

Dando sequência à discussão, os resultados referentes à incidência dos princípios táticos fundamentais não indicaram uma tendência em relação à composição das equipes baseadas no estatuto posicional. Enquanto os defensores apresentaram diferenças no comportamento tático atuando com colegas da mesma posição e colegas de posições diferentes, os meio-campistas só apresentaram diferenças no comportamento tático ao jogar com colegas da mesma posição. Já os atacantes, pelo contrário, apresentaram diferenças no comportamento tático ao atuar com atletas de posições diferentes.

No que diz respeito ao comportamento tático dos defensores, o estudo encontrou diferenças quando os jogadores atuaram com colegas da mesma posição e quando atuaram com colegas de posições diferentes. Esses jogadores realizaram mais ações de espaço sem bola (princípio de ataque) e de unidade defensiva (princípio de defesa), atuando com colegas da mesma posição (mesmo estatuto posicional), e mais ações de penetração (princípio de ataque) e de unidade ofensiva (princípio de ataque), atuando com colegas de diferentes posições (diferente estatuto posicional).

O princípio de espaço é materializado no jogo pelas ações de dispersão, em largura e em profundidade, e pela busca da ampliação da área efetiva do jogo (COSTA *et al.*, 2009b). Quanto mais espaço uma equipe cria para atacar, mais elaboradas serão as respostas frente às exigências e demandas da situação (TEOLDO *et al.*, 2015a). Os resultados referentes a esse princípio sugerem que o jogar com colegas da mesma posição exigiu, por parte desses jogadores, uma melhor ocupação dos espaços e uma maior criação de linhas de passe em largura e em profundidade. Por não contarem com a presença de colegas de outras posições (meio-campistas e atacantes) em suas equipes é provável que os defensores tenham assumido determinados comportamentos e realizado ações ofensivas que são normalmente executadas pelos jogadores do meio de campo e do ataque.

Já o resultado referente à unidade defensiva, indica que os defensores, juntos, conseguiram realizar mais ações positivas de compactação e de coberturas do lado oposto do que quando atuaram com colegas de outras posições. Essas ações podem ter sido “prejudicadas” quando os mesmos atuaram com colegas de posições diferentes. O princípio da unidade defensiva está relacionado com a coordenação das movimentações dos jogadores fora do “centro do jogo”, sendo caracterizadas por uma maior compactação visualizadas por meio de coberturas de lado oposto (COSTA *et al.*, 2009b). O resultado encontrado, provavelmente esteja associado à preferência de ocupação espacial dos defensores deste estudo, os quais realizaram, jogando com colegas da mesma posição, mais ações defensivas na sua própria metade do campo. Corroborando com esses resultados o estudo de Silva (2011) verificou que os defensores avaliados, também optaram por marcar em bloco baixo. Ao analisar a lógica de ocupação espacial do jogo, era de se esperar que esses atletas, no intuito de proteger o gol, de forma compacta, ocupassem os espaços mais próximos à sua meta. O comportamento percebido pode, até ser ponto, ser entendido como natural, uma vez que o setor defensivo geralmente é preenchido por jogadores que sabem se posicionar em função da bola, do adversário, dos companheiros e do gol defendido (GUIMARÃES *et al.*, 2014). O jogar em bloco baixo, mais próximo à própria baliza, permite que a última linha defensiva reduza o espaço de jogo efetivo do adversário, promovendo um maior fechamento do eixo central do terreno (TEOLDO *et al.*, 2015a) e facilitando ações defensivas como a ajudas, coberturas, compactações e trocas de marcação (QUINA, 2001).

Por outro lado, ao atuar com colegas de posições diferentes (diferente estatuto posicional) os defensores realizaram mais ações de penetração e de unidade ofensiva. De acordo com Costa

et al., (2009b), o princípio da penetração é definido como a progressão do portador da bola em direção ao gol, ou à linha de meta adversária, em busca de zonas do campo que oferecem maior risco ao oponente e que permitem a continuidade da ação. As diretrizes desse princípio se relacionam com a busca da desorganização da defesa adversária, por meio da criação de situações vantajosas, que permitem aos jogadores da equipe com a posse de bola ascenderem a uma zona vital do campo favorável à finalização (TEOLDO *et al.*, 2015a). O resultado encontrado está, provavelmente, associado à ocupação espacial dos defensores que realizaram, jogando com colegas de posições diferentes, mais ações ofensivas no campo do adversário. Essa afirmação é reforçada ao se levar em consideração que, por meio desse princípio, uma equipe consegue, em um bloco homogêneo, ampliar os espaços, sem descompensar suas linhas de penetração promovendo, ao mesmo tempo, uma circulação de bola contínua, fluente e eficaz (TEOLDO *et al.*, 2015a). Como no jogo formal os defensores raramente realizam ações de natureza, com exceção de momentos específicos como em escanteios e faltas, esperava-se que os espaços “originais” fossem guardados e que esses atletas “subissem” menos ao ataque. Contudo, é possível que o jogar com colegas de posições diferentes, que estão acostumados a começar o processo defensivo mais próximo ao gol adversário tenha levado a uma maior incidência, por parte dos defensores de ações no campo ofensivo como a penetração. Além disso, as ações verificadas podem ter relação e se justificar, também, pela pequena dimensão do campo e pelo baixo número de jogadores envolvidos.

A unidade ofensiva é caracterizada, por sua vez, pela movimentação e pelo avanço dos jogadores que compõem a última linha da equipe (COSTA *et al.*, 2009b). A diferença encontrada a respeito desse princípio indica que os defensores, jogando com colegas de diferentes posições, realizaram mais ações de unidade ofensiva, do que quando atuaram com colegas da mesma posição. Imaginando que os defensores atuaram, nos momentos ofensivos, mais no campo adversário, era de se esperar que esse resultado fosse encontrado. Jogando com base nesse princípio, a equipe consegue, em um bloco homogêneo, ampliar os espaços, sem descompensar suas linhas de atuação e de penetração promovendo, ao mesmo tempo, uma circulação de bola contínua, fluente e eficaz (TEOLDO *et al.*, 2015a). Esses resultados sugerem que o jogar com colegas de posições diferentes exigiu que os defensores jogassem de maneira mais avançada, para poder acompanhar o posicionamento dos colegas e manter a equipe compactada ofensivamente.

No que diz respeito ao comportamento tático dos meio-campistas, o estudo só encontrou diferenças quando esses jogadores atuaram com colegas da mesma posição. Com essa composição, os meio-campistas alcançaram melhores rendimentos nas ações de espaço com bola e na mobilidade.

O princípio de espaço com bola é exemplificado pelas movimentações do portador da bola realizadas em direção às linhas laterais ou à linha de meta adversária com o intuito de ganhar espaço e tempo para dar sequência ao jogo (TEOLDO *et al.*, 2015a). Já a mobilidade relaciona-se com a iniciativa dos jogadores da equipe de ataque, sem a posse de bola, em movimentar-se nas costas do último defensor, criando instabilidade nas ações defensivas do adversário aumentando o espaço de jogo ofensivo em profundidade e, por consequência, as chances de se marcar o gol (COSTA *et al.*, 2011b). É o princípio considerado dos mais importantes a ser desenvolvido no plano coletivo (TEOLDO *et al.*, 2015a). Os resultados encontrados sugerem que os meio-campistas tenham sido “obrigados” a executar mais ações de espaço com bola e de mobilidade jogando com colegas da mesma posição. Isso se justifica pelo fato de que esses jogadores não tinham, em suas equipes, atacantes que seriam, em um primeiro momento, os responsáveis por executarem esses tipos de ação e que por isso, tenham sido estimulados a executar determinadas ações. Já os resultados a respeito da ocupação espacial dos meio-campistas indicam, que esses jogadores, atuando com colegas da mesma posição, ao contrário do que era esperado, permaneceram em bloco baixo, o que pode ter, provavelmente, contribuído para que a incidência de ações de espaço com bola e de mobilidade fossem realizadas na sua própria metade do campo. É interessante verificar que, embora não tenham sido encontradas diferenças significativas, parece haver uma tendência dos meios-campistas, jogando com colegas de posições diferentes, em atuar defensivamente e ofensivamente com linhas mais avançadas. O fato de jogar com colegas da mesma posição pode ter gerado, também, uma postura mais conservadora que poderia justificar as diferenças encontradas em relação ao espaço de jogo.

Sobre o comportamento tático dos atacantes, o estudo só encontrou diferenças quando esses atletas atuaram com colegas de posições diferentes (diferente estatuto posicional). Nesse contexto eles obtiveram melhores resultados nas ações de mobilidade. Não foram encontradas diferenças no jogo com atletas da mesma posição (mesmo estatuto posicional).

Esse resultado faz sentido ao se levar em conta que os atacantes são jogadores que, normalmente, criam espaços para seus companheiros, executando movimentações ofensivas das mais variadas, dentre elas o ataque às costas dos defensores (GUIMARÃES *et al.*, 2014). Como esses jogadores realizaram mais ações de ataque no campo ofensivo de jogo, ao atuar com colegas de outras posições, era de se esperar que esses resultados fossem encontrados. Por outro lado, quando atuaram com colegas da mesma posição as ações ofensivas ocorreram mais no campo defensivo o que pode ser justificado pela necessidade desses jogadores voltarem ao seu campo defensivo para começar a construção das jogadas, uma vez que os mesmos não tinham o apoio de defensores e meio-campistas que normalmente começam a construção dos processos ofensivos.

Os resultados referentes ao percentual de acerto e incidência dos princípios táticos são contrários aos encontrados por Gonzaga *et al* (2015). Seguindo a premissa desses autores, esperava-se que os jogadores, nessa faixa etária, não apresentem comportamentos táticos específicos visto que não deveriam, ainda, apresentar uma especialização posicional (GONZAGA *et al.*, 2015).

Por isso, os resultados encontrados no estudo atual indicam de que os atletas avaliados estão inseridos em um processo inicial de especialização posicional, observado na medida em que já são capazes de realizar ações táticas e funções inerentes a diferentes posições (GONZAGA *et al.*, 2014). Por outro lado, ao se avaliar a quantidade de princípios táticos (ofensivos e defensivos) e quantidade de diferenças encontradas é possível sugerir que essa especialização encontra-se, ainda, em fase inicial. De uma forma geral, a literatura aponta que o aperfeiçoamento e a especialização da técnica e os conceitos táticos básicos da modalidade se inicia aos 14 anos de idade (GRECO; BENDA, 1998). Como as fases iniciais do processo de formação esportiva são fundamentais para o sucesso dos jovens no esporte, é necessário que os atletas sejam submetidos, nessa etapa, a uma formação ampla que considere, além de sua faixa etária e a sua experiência, o seu nível de desenvolvimento cognitivo e motor (FILGUEIRA; GRECO, 2008). Nessa perspectiva, entende-se que é mais importante promover a vivência do jogo em diferentes posições, realizando trabalhos gerais (GUIMARÃES; PAOLI, 2011), do que jogar seguindo comportamentos e regras de ação específicos. O jogar de várias formas e em várias posições, traz a ideia de uma multiplicidade de ações, que contribui para desenvolvimento dos princípios táticos gerais e operacionais do jogo, principalmente nas fases iniciais do processo de formação (GONZAGA *et al.*, 2014).

À medida que a idade aumenta, deve-se, entretanto, aumentar também o volume de informações e quantidade de treinos voltados para o desenvolvimento de características específicas da posição. A fase de especialização, que normalmente se inicia aos 16 anos, é importante para a consolidação de comportamentos, exigidos, com maior frequência, em cada um dos diferentes estatutos posicionais (GRECO; BENDA, 1998).

Os resultados encontrados confirmam a hipótese 1 deste estudo que sugere que a composição das equipes, baseada no estatuto posicional, influencia o comportamento táticos dos jogadores participantes de um pequeno jogo no futebol. Contudo, é importante ressaltar que nem todos os princípios sofreram influência dessa manipulação. 5 dos 6 princípios ofensivos sofreram influência da composição das equipes (Penetração, Espaço sem Bola, Espaço com Bola, Mobilidade e Unidade Ofensiva), enquanto que somente um princípio defensivo (Unidade Defensiva) sofre influência da manipulação proposta no estudo.

5.2 Análise de interações (Network)

O futebol é um jogo que apresenta um complexo sistema de redes de comunicação que se estabelece, na maior parte das vezes, por meio de interações táticas e técnicas específicas da modalidade (PASQUARELLI, 2017). Essas redes, caracterizadas pelas trocas de passes, fornecem um conjunto de representações gráficas que, além de oferecer uma visão imediata dos comportamentos ofensivos de uma equipe (PEÑA; TOUCHETTE, 2013), dão acesso a informações que permitem observar os canais preferenciais da circulação da bola e a densidade de interações estabelecidas pelos atletas (DUCH *et al.*, 2010). Com informações como essas, os treinadores verificam se a organização da equipe é proporcional, ou seja, se a participação é bem distribuída, ou se existe relações desiguais com presença de jogadores chaves que acabam por “monopolizar” as ações, recebendo e passando mais bolas (RIBEIRO *et al.*, 2017).

Um equipe com altos níveis de cooperação, vista por meio dos passes trocados entre seus companheiros, apresenta mais chance de vencer (DAVID; WILSON, 2015). Contudo, a troca de passes depende das escolhas dos atletas com a posse de bola (YAMAMOTO; YOKOYAMA, 2011) que são, normalmente, influenciadas pelo contexto, pelas características de cada jogador e pelas relações estabelecidas com os colegas.

Desse modo, baseado na concepção de que as relações estabelecidas pelos jogadores modificam as interações estabelecidas, o presente estudo levantou a hipótese que a composição das equipes, baseada no estatuto posicional, influencia as relações de interação (Network) dos jogadores participantes de um pequeno jogo no futebol.

Foram analisadas as propriedades gerais da equipe por meio dos: *links*, ligação entre os atletas estabelecida pela troca de um passe; da densidade, que representa o número total de *links*; e do *clustering coefficient*, que aponta o quão próximo um jogador e seus colegas de equipe estão de serem “alcançados”, ou seja, de interagirem. Os resultados indicaram que os *links*, a densidade e o *clustering coefficient* não variaram nem para as equipes formadas por jogadores da mesma posição, e nem para as equipes formadas por jogadores de diferentes posições. O mesmo resultado foi encontrado ao se realizar a comparação das propriedades da rede de equipes, compostas apenas por jogadores de cada uma das posições.

O estudo também analisou os resultados referentes a variáveis como o *Degree Centrality*, que mede o quanto um jogador ativa os demais, o *Degree Prestige*, que mede o quanto um jogador é ativado pelos demais e o *Page Rank*, que avalia o quanto um jogador é importante para os demais em termos de ativação. Não foram observadas diferenças em nenhuma das posições, tanto nas equipes formadas por jogadores da mesma posição, quanto nas equipes formadas por jogadores de posição diferentes.

Como a maior parte dos estudos que analisaram as interações estabelecidas entre jogadores foram realizadas em jogos formais (CLEMENTE *et al.*, 2016; GONÇALVES *et al.*, 2017) a discussão dos resultados encontrados neste estudo pode apresentar limitações. Nessa perspectiva entende-se que os resultados, examinados sob a ótica dos pequenos jogos, com estruturas que envolvem poucos atletas, carecem de um maior cuidado.

De qualquer forma, ao se levar em consideração que as possibilidades de interação são menores no pequeno jogo, é de se esperar que as diferenças nas relações de interação diminuam. Enquanto que no jogo formal o jogador conta com várias opções de passe, os jogadores de um pequeno jogo, realizado na estrutura 3vs.3, contam, somente, duas opções somente. Além disso, é de se esperar que, no jogo formal, exista tendências de passes em função da posição de origem dos jogadores. Um zagueiro, que joga pelo o lado direito tende, teoricamente, a passar mais vezes a bola para o lateral, volante, meio-campista ou atacante que jogam no seu lado do campo

(corredor direito) e/ou para o zagueiro que joga ao seu lado esquerdo. No jogo realizado na estrutura 3vs.3, essa tendência parece não existir, uma vez que é possível perceber uma grande movimentação dos jogadores das equipes. Essa movimentação gera um jogo mais anárquico e “a posicional” que faz com que os passes sejam mais distribuídos. Seguindo esta lógica, é possível inferir que o jogo realizado em estruturas menores limite o aparecimento de certos comportamentos e de proeminências o que, de certa forma, pode ser considerado adequado para a formação inicial e ampla do atleta (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009). À medida que a idade e o nível de experiência aumentam estruturas mais complexas passam, sob esta ótica, a ter mais valor. Espera-se que o pequeno jogo realizado em estruturas maiores (4vs.4, 5vs.5, 6vs.6, ...) possa contribuir para o aparecimento de proeminências, já que a estrutura posicional tende a permanecer mais estável assim como a relação de linhas horizontais e verticais. Essa afirmação ganha força, quando Garganta *et al.* (2013) afirmam que a utilização da estrutura 4vs.4 deve ser privilegiada, em idades maiores, por contemplar pressupostos necessários para o jogo formal, traduzindo-se em uma maior especificidade de jogo.

O estudo de Praça *et al.* (2017), é um dos poucos trabalhos que avaliou as relações de interação presentes em pequenos jogos e que corrobora com o conceito de que a ampliação de atletas tende a gerar diferentes tipos de interação. Os autores analisaram as medidas de centralidade (*Degree Centrality*), de prestígio (*Degree Prestige*) e o *Page Rank*, considerando a estrutura dos pequenos jogos (4vs.3 e 3vs.3+2) e a posição dos jogadores (defensores, meias e atacantes). O estudo concluiu que a cooperação entre os jogadores foi maior na estrutura 4vs.3. Esse jogador a mais contribuiu para o aumento na circulação da bola, facilitando a realização de passes, e ampliou a participação individual dos atletas na fase de ataque. Além disso, os autores verificaram que os meio-campistas apresentaram maiores valores de *Degree Centrality*, quando comparados aos defensores e atacantes, no jogo realizado na estrutura 4vs.3, e que os meio-campistas e os atacantes obtiveram valores de *Degree Prestige* maiores do que os defensores, no jogo realizado na estrutura 3vs.3. Seguindo os resultados desse estudo, é lógico afirmar que a realização de pesquisas com formato semelhante, executadas com estruturas maiores (4vs.4, 5vs.5, 6vs.6, entre outras), ajudaria a ampliar a discussão relativa a essa questão e dariam subsídios aos treinadores e preparadores físicos a construir, de maneira mais adequada, suas sessões de treinamento.

Por outro lado, considerando que cada posição apresenta conhecimentos específicos, era de se esperar, mesmo em uma estrutura menor, que a composição das equipes, baseadas no estatuto

posicional, alterasse as propriedades de interação entre os jogadores. Todavia, os resultados encontrados refutaram a hipótese 2 do estudo, uma vez que não foram encontradas diferenças nas propriedades da rede entre equipes e os jogadores avaliados.

5.3 Comportamento Técnico

A natureza imprevisível, aleatória e complexa dos jogos esportivos coletivos traz, no jogo, uma série de problemas aos jogadores. Essa natureza aberta requer desses jogadores, elevados níveis perceptivos, decisórios e motores (GARGANTA *et al.*, 2013). Nessa perspectiva, o domínio da técnica terá valor se o praticante, que executa o gesto técnico, souber aplicá-lo de forma apropriada nos diferentes contextos da partida (TAVARES; CASANOVA, 2013). Nessas modalidades, o bom executante é, antes de mais nada, o indivíduo capaz de eleger as técnicas mais adequadas, para responder às sucessivas configurações do jogo e para as condicionar em favor da sua equipe (GARGANTA *et al.*, 2013).

Diferente de modalidades individuais e fechadas, como a ginástica, onde a perfeição é necessária, a técnica representa, no futebol, os instrumentos que os jogadores utilizam para resolver os problemas que se defrontam no decorrer da partida (LAMAS; SEABRA, 2009). Assim, é preciso abandonar a tradicional ideia de que, para poder jogar, faz-se necessário aperfeiçoar o gesto técnico (FILGUEIRA; GRECO, 2008). Claro que esse aperfeiçoamento é importante. A capacidade técnica refinada, aliada aos processos cognitivos subjacentes à tomada de decisão, amplia as possibilidades de respostas e aumenta o sucesso das ações dos praticantes. Por isso, é necessário que o treinamento apresente ligação direta com as situações complexas, imprevisíveis, e variadas do jogo (FILGUEIRA; GRECO, 2008).

Apesar da sua importância, são poucas os estudos que tratam do assunto. A maior parte deles analisa o desempenho técnico dos jogadores no jogo formal. Dessa maneira, o debate a respeito dessas capacidades, nos pequenos jogos, ainda é incipiente. Pensando nisso, este estudo procurou comparar o comportamento técnico de jogadores ao participarem de um pequeno jogo, na estrutura de 3vs.3, ao atuar com colegas do mesmo estatuto posicional e com colegas de estatuto posicional diferente.

Foram analisadas, além da a incidência de ações técnicas (desarme, domínio, drible, interceptação, finalização), os locais de realização (meio-campo defensivo ou meio-campo ofensivo) e os resultados de cada uma das ações (positiva ou negativas).

Os resultados mostraram que os domínios e as interceptações foram as únicas ações técnicas os que apresentaram diferenças. Os resultados indicam que os domínios e as interceptações apresentaram valores significativamente maiores, quando realizados pelas equipes compostas por jogadores com diferentes estatutos posicionais. Contudo, essas ações só apresentaram diferenças quando realizadas no campo de ataque. Não foram encontradas diferenças no número de ações técnicas desenvolvidas por equipes compostas por jogadores da mesma posição, assim como, no número de ações técnicas desenvolvidas no campo de defesa.

O domínio é definido como a ação realizada pelo jogador que a recebe a bola, de companheiro, por meio de um passe (QUINA, 2001). Além de promover o controle da bola, o domínio permite que as ações ofensivas tenham sequência. A interceptação, é, por sua vez, a ação executada por um jogador, na fase de defesa, com o objetivo de se apoderar ou repelir a bola quando esta é trocada, por meio de um passe, entre os adversários (QUINA, 2001).

As duas ações que obtiveram mudanças significativas, em relação à composição das equipes, baseadas no estatuto posicional, estão, de certa maneira, relacionadas com o passe. O domínio relaciona-se com o passe proveniente de colegas de sua própria equipe, enquanto que a interceptação relaciona-se com o passe proveniente de jogadores das equipes adversárias.

Os resultados encontrados podem apresentar relação com o espaço de jogo e com o número de atletas envolvidos. É possível que o espaço reduzido tenha inibido o surgimento de ações específicas e particulares dos jogadores, como os cabeceios, os cruzamentos e os lançamentos. Por outro lado, esse mesmo espaço reduzido pode ter induzido a utilização, com uma maior frequência, de passes que contribuíram com o aparecimento de domínios (provenientes dos passes certos) e interceptações (provenientes dos passes errados). Parte das pesquisas que avaliaram o tamanho do campo, corroboram com essa ideia, uma vez que, verificaram que o jogo realizado com estruturas menores em espaços menores promoveu um maior número de contatos individuais na bola (JONES; DRUST, 2007; KELLY; DRUST, 2008, OWEN, 2004), e aumentou a troca de posse de bola gerando a necessidade de realização de muitos passes e domínios (PRAÇA, 2014).

O número reduzido de atletas é um outro aspecto que pode apresentar relação com os resultados obtidos. O jogar com menos jogadores também induziu à redução no tempo de posse de bola por jogador, e aumentou a frequência de ações técnicas diante da constante troca de posse de bola e necessidade de realização de passes e domínios (PRAÇA, 2014).

Seguindo esses achados, infere-se que a progressão no número de jogadores, envolvidos em cada pequeno jogo, precisa estar de acordo com o aprendizado e fase de especialização de cada atleta. À luz desse conceito, a literatura recomenda a utilização de um menor número de jogadores, nos processos de ensino-aprendizagem-treinamento que contem com atletas de menor nível de especialização (CLEMENTE *et al.*, 2012b), o que garantiria um maior contato com a bola e a uma maior participação no jogo. Em contrapartida, sugere-se o aumento no número de jogadores envolvidos na medida em que exista um aumento no nível de qualidade dos atletas.

Os resultados do estudo confirmaram a hipótese 3 do estudo que sugeriu que a composição das equipes, baseada no estatuto posicional, influencia o comportamento técnico dos jogadores participantes de um pequeno jogo no futebol. Como visto, a manipulação das equipes baseadas no estatuto posicional, contribuiu com o surgimento de diferenças em dois dos fundamentos técnicos avaliados (domínio e interceptação).

5.5 Limitações

Este estudo respeitou uma série de procedimentos metodológicos que permitem realizar, a partir dos resultados apresentados, algumas inferências. Vale destacar que essas possíveis inferências dizem respeito à população investigada (jogadores de futebol da categoria Sub-14), e à configuração do pequeno jogo realizado (estrutura de jogo 3vs.3) e devem, por isso, ser realizadas com muito cuidado.

Em relação à amostra, destaca-se que os jogadores que fizeram parte da pesquisa pertencem a uma equipe da Série A do Campeonato Brasileiro que conta com um dos centros de formação futebolística mais qualificados do Brasil. Entretanto, apesar do complexo registro de informações que o clube desenvolve, não foi possível levantar os dados que permitiriam aprofundar as análises referentes aos processos de ensino-aprendizagem pelos quais os

jogadores, ao longo de sua permanência no clube, foram submetidos. O acesso a essas informações permitiria conhecer as características dos processos de ensino-aprendizagem da instituição e ampliar a discussão realizada no decorrer do estudo.

Um fator que merece destaque diz respeito à estrutura do pequeno jogo realizado. Como o número de jogadores envolvidos em um pequeno jogo contribui, normalmente, para a alteração do comportamento de diversos componentes do rendimento esportivo (CLEMENTE *et al.*, 2012), torna-se prudente discutir o assunto. Embora a estrutura de jogo 3vs.3, seja, frequentemente, utilizado por treinadores e preparadores físicos, vale pontuar que a sua aplicação apresenta limitações. Para Garganta *et al.* (2013) a falta de um jogador que ocupe uma zona mais adiantada do espaço de jogo cria dificuldades no posicionamento dos atletas e restringe a criação de linhas longitudinais que permitem gerar novas relações. Ao mesmo tempo em que, a ausência de uma “segunda linha” de jogo limita a criação de posicionamentos diagonais, tão importantes para a organização coletiva da equipe (GARGANTA *et al.*, 2013), a participação de um número menor de jogadores promove a redução do número total de links e da densidade das interações (PRAÇA *et al.*, 2017). Além, disso, o jogo realizado na estrutura 3vs.3 dificulta a manutenção de uma estrutura posicional mais definida, que pode ter contribuído para o aparecimento, ou não, de certos comportamentos.

Sobre este último tópico é importante pontuar que a quantidade de jogadores, disponíveis na categoria pesquisada, cooperou para a escolha da estrutura de jogo (3vs.3) utilizada. O número limitado de jogadores, inseridos na equipe Sub-14 avaliada, impediu que a coleta fosse realizada em uma estrutura com um maior número de participantes.

5.6 Aplicações Práticas e Recomendações

Os resultados encontrados e discutidos no interior desse estudo indicam que a composição das equipes, nos pequenos jogos, é uma variável que merece atenção.

Uma vez que os comportamentos táticos e técnicos apresentaram algumas diferenças, é correto afirmar que os profissionais responsáveis devem, além de realizar as manipulações mais conhecidas (número de jogadores, tamanho do campo, limitação ou não dos toques na bola, entre outros), executar modificações que levem em consideração a composição das equipes

baseadas no estatuto posicional dos jogadores. Na prática, isso significa que treinadores e preparadores físicos precisam modificar, não só os aspectos próprios do pequeno jogo, como por exemplo, o espaço e o número de atletas disponíveis, mas também a composição de suas equipes.

Assim, sugere-se os profissionais responsáveis pelas sessões de treinamento, ao elaborar os planos de treino, considerem também, a montagem das equipes que serão constituídas para cada atividade ao invés de distribuir os jogadores de forma aleatória, como acontece sistematicamente na prática.

Por fim, vale destacar que apesar dos resultados encontrados, a quantidade limitada de pesquisas que tratam da composição das equipes, baseadas no estatuto posicional, indica a necessidade de que novas pesquisas sejam realizadas o que permitiria aprofundar o debate a respeito do tema. Para que essa discussão ganhe mais consistência, sugere-se que novos estudos com formato semelhante, mas realizados em outras categorias (Sub-15, Sub-17 e Sub-20) e em outras estruturas (4vs.4, 5vs.5, 6vs.6, ...) sejam realizados a fim de confirmar, ou não, alguns dos conceitos apresentados no decorrer deste trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões encontradas serão, a partir desse momento, inferidas considerando os objetivos do estudo previamente elencados.

No que se refere ao objetivo 1 (Comparar o comportamento tático dos jogadores participantes de um pequeno jogo, na estrutura de 3vs.3, ao atuar com colegas do mesmo estatuto posicional e com colegas de estatuto posicional diferente), confirmou-se a hipótese de que o comportamento tático dos atletas modifica-se de acordo com composição das equipes da qual fazem parte. O estudo concluiu que o percentual de acerto dos princípios táticos ofensivos, defensivos e gerais variaram quando os atletas jogaram com colegas que atuavam na mesma posição. O jogar, ao lado de colegas da mesma posição aumentou o nível de acerto, nos princípios táticos executados de forma predominante pela posição. Os defensores apresentaram maior percentual de acerto dos princípios táticos defensivos e gerais, os meio-campistas nos princípios táticos ofensivos e os atacantes nos princípios táticos ofensivos e gerais. Já em relação aos resultados referentes à incidência dos princípios táticos fundamentais, o estudo concluiu que os defensores apresentaram diferenças no comportamento tático atuando, tanto com colegas da mesma posição (espaço sem bola e unidade defensiva), como colegas de posições diferentes (penetração e unidade ofensiva). Os meio-campistas apresentaram diferenças ao jogar com colegas da mesma posição (espaço com bola e mobilidade) e os atacantes ao jogar com colegas de posições diferentes (mobilidade). Os resultados mostraram, também, que os defensores realizaram mais ações defensivas no meio-campo defensivo, jogando com colegas da mesma posição, e mais ações ofensivas no meio-campo ofensivo, ao jogar com atletas de outras posições. Jogando com atletas da mesma posição, os meio-campistas realizaram mais ações defensivas e ofensivas no meio-campo defensivo. Já os atacantes realizaram mais ações ofensivas no meio-campo defensivo, nos jogos com atletas de mesma posição, e mais ações ofensivas no meio-campo ofensivo, nos jogos com atletas de posições diferentes. Concluiu-se que a composição das equipes, baseadas no estatuto posicional, influenciou o comportamento tático dos atletas observados no estudo.

No que tange ao objetivo 2 (Comparar as relações de interação (Network) estabelecidas pelos jogadores participantes de um pequeno jogo, na estrutura de 3vs.3, ao atuar com colegas do mesmo estatuto posicional e com colegas de estatuto posicional diferente), rejeitou-se a hipótese de que as relações de interação dos atletas modificam-se de acordo com composição

das equipes da qual fazem parte. Os resultados indicaram que a quantidade de *links*, a densidade e o *clustering coefficient* não variou, nem para as equipes formadas por atletas da mesma posição, e nem para as equipes formadas por atletas de diferentes posições. Também não foram encontradas diferenças ao se realizar a comparação das propriedades da rede de equipes em cada uma das posições. Além disso, os resultados relativos ao *Degree Centrality*, *Degree Prestige* e *Page Rank*, confirmaram a ausência de diferenças para todas as posições, tanto nas equipes formadas por atletas da mesma posição, quanto nas equipes formadas por atletas de posição diferentes. Assim, o trabalho concluiu que a composição das equipes, baseadas no estatuto posicional, não modificou as relações de interação entre os atletas observados no estudo.

Em relação ao objetivo 3 (Comparar o comportamento técnico de jogadores ao participarem de um pequeno jogo, na estrutura de 3vs.3, ao atuar com colegas do mesmo estatuto posicional e com colegas de estatuto posicional diferente), confirmou-se a hipótese de que o comportamento técnico dos atletas modifica-se de acordo com composição das equipes da qual fazem parte. O estudo encontrou diferença na incidência de gestos técnicos realizados, somente, quando os atletas participaram de equipes compostas por atletas de diferentes posições. Os resultados mostraram que as equipes, formadas por atletas com o mesmo estatuto posicional, executaram, no campo de ataque, mais interceptações e recepções do que as equipes compostas por atletas da mesma posição. Concluiu-se que a composição das equipes, baseados no estatuto posicional, interferiu no comportamento técnico dos atletas observados no estudo.

Apesar dos pequenos jogos representarem uma ferramenta que contribui para o desenvolvimento simultâneo de diferentes componentes do rendimento esportivo, é importante entender que sua utilização deva ser vista como uma das diferentes maneiras de se alcançar os objetivos propostos, e não como a única maneira.

Espera-se que os resultados encontrados e as discussões realizadas auxiliem, junto com tantas outras pesquisas, a entender os reflexos das diversas modificações, utilizadas para manipular os pequenos jogos, no desempenho dos atletas.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, C. *et al.* Effects of the number of players and game type constraints on heart rate, rating of perceived exertion, and technical actions of small-sided soccer games. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 26, n. 4, p. 976- 981, 2012.
- AGUIAR, M. *et al.* Physiological responses and activity profiles of football small-sided games. **J Strength Cond Res**, p.1287-1294, 2013.
- AGUIAR, M. *et al.* A review on the effects of soccer small-sided games. **Journal of Human Kinetics**, v. 33, n. 1, p. 103-113, 2012.
- ALMEIDA, R. **Da conceptualização dos métodos de treino à operacionalização prática no quadro do modelo de jogo adotado.** 2014. (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de Educação Física e Desporto, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. 2014.
- AMÉRICO, H. *et al.* Análise do comportamento tático dos jogadores de futebol de categoria de base. **Journal of Physical Education**, v. 27, n. 1, p. 2710, 2016.
- AMERICO, H.; MACHADO, G.; TEOLDO, I. Comparação do comportamento tático de jogadores de futebol entre categorias sub-11 e sub-17. **Revista Mineira de Educacao Fisica (UFV)**, Viçosa (MG), v. 9, p. 715-721, 2013.
- AROSO, J.; REBELO, A.; GOMES-PEREIRA, J. Physiological impact of selected game-related exercises. **Journal of Sports Sciences**, London, v. 22, n. 6, p. 522, 2004.
- AUGHEY, R. Applications of gps technologies to field sports. **International Journal of Physiology and Performance**, v. 6, 2011.
- BALIKIAN, P. *et al.* Consumo máximo de oxigênio de limiar anaeróbio de jogadores de futebol: comparação entre as diferentes posições. **Revista Brasileira Medicina do Esporte**, v. 8, n. 2, p. 32-36, 2002.
- BANGSBO, J.; MOHR, M.; KRUSTRUP, P. Physical and metabolic demands of training and match-play in the elite football player. **Journal of Sports Sciences**, v. 24, n. 7, p. 665-674, 2006.

BARNES, C. *et al.* The Evolution of Physical and Technical Performance Parameters in the English Premier League. **International Journal of Sports and Medicine**, v. 35, p. 1-6, 2014.

BAYER, C. **La enseñanza de los juegos deportivos colectivos**. Barcelona: HispanoEuropea, 1986.

BECK, T. W. The importance of a priori sample size estimation in strength and conditioning research. **J. Strength Cond. Res.**, v. 27, n. 8, p. 2323–2337, 2013.

BETTEGA, O. *et al.* Formação de Jogadores de Futebol: princípios e pressupostos para composição de uma proposta pedagógica. **Movimento**, v. 21, n. 3, p. 791-801, 2015.

BLOOMFIELD, J.; POLMAN, R.; O'DONOGHUE, P. Physical demands of different positions in FA Premier League soccer. **Journal of Sports Science & Medicine**, v. 6, n. 1, 233–242, 2007.

BORG, G. Psychophysical bases of perceived exertion. **Medicine and Science Sport and Exercise**. v. 14, n. 5, 1982.

BORGES, P. *et al.* Impact of Aerobic Power, Strength of Lower Limbs and Speed on Technical Skills in Young Soccer Players. **JEPonline**, p. 221-230, 2017.

BRADLEY, P.; LAGO-PEÑAS, C.; REY, E. Evaluation of the match performances of substitution players in elite soccer. **International Journal of Sports Physiology and Performance**, v. 9, p. 415-424, 2014.

BRADLEY, P. *et al.* High-intensity running in English FA Premier League soccer matches. **Journal of Sports Sciences**, v. 27, n. 2, 159–168, 2009.

BREDT, S. *et al.* Reliability of physical, physiological and tactical measures in small-sided soccer Games with numerical equality and numerical superiority. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 18, n. 5, p. 602-610, 2016.

BUNKER, D.; THORPE, R. A model for the teaching of games in the secondary school. **Bulletin of Physical Education**, v. 10, 1982.

BUSH, M. *et al.* Evolution of match performance parameters for various playing positions in the English Premier League. **Human Movement Science**, v. 39, p. 1-11, 2015.

CASAMICHANA, D.; CASTELLANO, J. Time-motion, heart rate, perceptual and motor behaviour demands in small-sides soccer games: Effects of pitch size. **Journal of Sports Sciences**, v. 28, n. 14, p. 1615-1623, 2010.

CASAMICHANA, D.; CASTELLANO, J. Demandas físicas en jugadores semiprofesionales de fútbol: ¿se entrena igual que se compite?. **CCD – Cultura, Ciência, Deporte**, v. 6, n. 17, 2011.

CASAMICHANA, D.; CASTELLANO, J.; DELLAL, A. Influence of different training regimes on physical and physiological demands during small-sided games: Continuous vs. Intermittent format. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 27, n. 3, 2013a.

CASAMICHANA, D. *et al.* Use of limiting the number of touches of the ball in soccer training: Does it affect the physical and physiological demands? **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**, v. 9, n. 33, p. 208-221, 2013b

CASAMICHANA, D. *et al.* Effect of number of touches and exercise duration on the kinematic profile and heart rate response during small-sided games in soccer. **Journal of Human Kinetics**, v. 41, p. 113-123, 2014.

CASARIN, R. *et al.* Modelo de jogo e processo de ensino no futebol: princípios globais e específicos. **Movimento**, v. 17, n. 3, p. 133-152, 2011.

CASTELLANO, J. *et al.* Number of Players and Relative Pitch Area per Player: Comparing Their Influence on Heart Rate and Physical Demands in Under-12 and Under-13 Football Players. **PLoS ONE**, v. 11, n. 1, p. 1-13, 2016.

CHI, M.; GLASSER, R. The measurement of expertise: Analysis of the development of knowledge and skill as a basis for assessing achievement. In.: BAKER, E. L.; QUELMELLY, E. S. **Educational testing and evaluation**. Beverly Hills, 1980. p. 37-47.

CLEMENTE, F. **Small-Sided and Conditioned Games in Soccer Training: the science and practical applications**. Lisboa: Springer, 2016.

CLEMENTE, F. *et al.* Posicionamento angular do atacante em relação ao defensor em futebolistas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 3, p. 523-530, 2012a.

CLEMENTE, F. *et al.* The usefulness of small-sided games on soccer training. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 12, 2012b.

CLEMENTE, F. *et al.* The social network analysis of Switzerland football team on FIFA World Cup 2014. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 15, n. 1, p. 136-141, 2015a.

CLEMENTE, F. *et al.* General network analysis of national soccer teams in FIFA World Cup 2014. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 15, p. 80-96, 2015b.

CLEMENTE, F.; MARTINS, F.; MENDES, R. Developing aerobic and anaerobic fitness using small-sided soccer games: methodological proposals. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 36, n. 3, p. 76-87, 2014a.

CLEMENTE, F.; MARTINS, F.; MENDES, R. **Social network analysis applied to team sports analysis**. London: Springer, 2016.

CLEMENTE, F. *et al.* Performance Analysis Tool for network analysis on team sports: A case study of FIFA Soccer World Cup 2014. **Journal of Sports Engineering and Technology**, p. 1-13, 2015c.

CLEMENTE, F. *et al.* Acute effects of the number of players and scoring method on physiological, physical, and technical performance in small-sided soccer games. **Research in Sports Medicine: An International Journal**, v. 22, n. 4, p. 380-397, 2014b.

COELHO, B. *et al.* Limiar Anaeróbico de Jogadores de Futebol de Diferentes Categorias. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v.11, p. 81 - 87, 2009.

COELHO, D. *et al.* Intensity of real competitive soccer matches and differences among player positions. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 13, n. 5, p. 341-347, 2011.

COHEN, J. **Statistical power analysis for the behavioral sciences**. 2 ed. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1988.

_____. Quantitative methods in psychology. **Psychological Bulletin**, v. 112, p. 155-9, 1992.

COSTA, B.; ALMEIDA, R.; TEOLDO, I. Estudo comparativo do comportamento tático desempenhado por jogadores de futebol das categorias sub-13 e sub-15. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 26, n. 4, p. 557-566, 2015.

COSTA, J. *et al.* Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**, v. 2, n. 4, p. 7-20, 2002.

COSTA, I. *et al.* Princípios táticos do jogo de futebol: conceitos e aplicação. **Revista Motriz**, v. 15, 2009a.

COSTA, I. *et al.* Avaliação do desempenho tático no futebol: concepção e desenvolvimento da grelha de observação do teste “gr3-3gr”. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 17, n. 2, p. 36-64, 2009b.

COSTA, I. *et al.* Sistema de avaliação tática no Futebol (FUT-SAT): desenvolvimento e validação preliminar.(Report). **Motricidade**, v. 7, n. 1, p. 69, 2011a.

COSTA, I. *et al.* Relação entre a dimensão do campo de jogo e os comportamentos táticos do jogador de futebol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. 1, p. 79-96, 2011b.

COSTA, I. *et al.* Influence of Relative Age Effects and Quality of Tactical Behaviour in the Performance of Youth Soccer Players. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 10, p. 82-97, 2010a.

COSTA, I. *et al.* Ensino-aprendizagem e treinamento dos comportamentos tático-técnicos no futebol. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 9, n. 2, p. 41-61, 2010b.

CÔTÉ, J.; LIDOR, R.; HACKFORT, D. ISSP Position Stand : To Sample or to Specialize? Seven Postulates about Youth Sport Activities that Lead to Continued Participation and Elite Performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 1, p. 7-17, 2009.

COUTTS, A. *et al.* Heart rate and blood lactate correlates of perceived exertion during small-sided soccer games. **Journal of Science and Medicine in Sport**, v. 12, n. 1, p. 79-84, 2009.

DAMÁSIO, A. **O livro da consciência**. Lisboa: Bloco Gráfico Ltda, 2010.

DAVID, G.; WILSON, R. Cooperation improves success during intergroup competition: An analysis using data from professional soccer tournaments. **PLoS ONE**, v. 10, n. 8, p. 1-10, 2015.

DAVIDS, K. *et al.* How small-sided and conditioned games enhance acquisition of movement and decision-making skills. **Exercise and Sport Sciences Reviews**, v. 41, n. 3, 154–161., 2013

DELLAL, A. *et al.* Small-sided games in soccer: Amateur vs. professional players' physiological responses, physical, and technical activities. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 25, n. 9, p. 2371-2381, 2011.

DELLAL, A. *et al.* Technical and physical demands of small vs. large sided games in relation to playing position in elite soccer. **Human Movement Science**, v. 31, n. 4, p. 957-969, 2012.

DELLAL, A. *et al.* Physical and technical activity of soccer players in the French First League - With special reference to their playing position. **International Journal of Sports Medicine**, v. 11, p. 278-290, 2010.

DI SALVO, V. *et al.* Performance characteristics according to playing position in elite soccer. **Int J Sports Med**, v. 28, p. 222-227, 2007.

DI SALVO, V.; PIGOZZI, F. Physical training of football players based on their positional rules in the team. **Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**, v. 38, n. 4, p. 294-297, 1998.

DUARTE, R.; CORREIA V.; DAVIDS K. Sports teams as superorganisms. **Sports medicine**, v. 42, n. 8, p. 633-642, 2012.

DUCH, J.; WAITZMAN, J.; AMARAL, L. A. Quantifying the performance of individual players in a team activity. **PLoS ONE**, v. 5, n. 6, 2010.

DUFFIELD, R. *et al.* Accuracy and reliability of gps devices for measurement of movement patterns in confined spaces for court-based sports. **Journal of Science and Medicine in Sport**, v. 13, 2010.

DUNN, A.; FORD, P.; WILLIAMS, M. A technical profile of different playing positions. **Insight**, v. 6, n. 4, p. 41-45, 2003.

EDGECOMB, S.; NORTON, K. Comparison of global positioning system and computer-based tracking systems for measuring player movement distance during Australian Football. **Journal of Science and Medicine in Sport**, v. 9, 2006.

EYSENCK, M.; KEANE, M. **Psicologia cognitiva: um manual introdutório**. Porto Alegre: Artemed, 1994.

FERREIRA, J. Defesa à Zona no Futebol. Um pretexto para jogar...bem, ganhando! **Revista Futebolista**. Lisboa, 2003.

FESTA, F. **Importância, Comportamentos e Operacionalização da Transição Ataque-Defesa no Futebol inserida num contexto de jogo colectivo**: a perspectiva de treinadores da Primeira Liga. 2009. Dissertação (Licenciatura) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Universidade do Porto, Porto, 2009.

FILGUEIRA, F. M.; GRECO, P. J. Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensinoaprendizagem-treinamento. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 1, 2008.

MARQUES FILHO, C. *et al.* O conceito de técnica no futebol: um ensaio sobre perspectivas restritivas e de ampliação. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 1, jul. 2016.

FOLGADO, H. *et al.* Length, width and centroid distance as measures of teams tactical performance in youth football. **European Journal of Sport Science**, v. 14, n. 1, p. 487-492, 2012.

FRENCKEN, W.; LEMMINK, K.; DELLEMAN, N. Soccer-specific accuracy and validity of the local position measurement (lpm) system. **Journal of Science and Medicine in Sport**, v. 13, p. 641-645, 2010.

GALATTI, L. *et al.* Pedagogia do Esporte: Tensão na Ciência e o Ensino dos Jogos Esportivos Coletivos. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014.

GARGANTA, J. O ensino dos jogos esportivos colectivos. Perspectivas e tendências. **Movimento**, v. 4, n. 8, p. 19-27, 1998.

GARGANTA, J. Trends of tactical performance analysis in team sports: Bridging the gap between research, training and competition. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**, v. 9, n. 1, p. 81-89, 2009.

GARGANTA, J.; GRÉHAIGNE, J. F. Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade? **Movimento**, v. 5, 1999.

GARGANTA, J. *et al.* Fundamentos e práticas para o ensino e treino do futebol. In: TAVARES, F. (Ed.). **Jogos Desportivos Coletivos: ensinar a jogar**. Lisboa: Editora FADEUP, 2013.

GARGANTA, J.; PINTO, J. O ensino do futebol. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.). **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 1994. p. 95-136.

GIACOMINI, D.; GRECO, P. Comparação do conhecimento tático processual em jogadores de diferentes categorias e posições. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**, v. 8, n. 1, p. 126-136, 2008.

GIACOMINI, D. *et al.* O conhecimento tático declarativo e processual em jogadores de futebol de diferentes escalões. **Motricidade**, v. 7, n. 1, p. 43-53, 2011.

GIL, S. *et al.* Physiological and Anthropometric Characteristics of Young Soccer Players According to Their Playing Position: Relevance for the Selection Process. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 21, n. 2, p. 438-445, 2007.

GONÇALVES, B. *et al.* Exploring Team Passing Networks and Player Movement Dynamics in Youth Association Football. **PLoS ONE**, v. 12, n. 1, 2017.

GONÇALVES, E.; REZENDE, A.; TEOLDO, I. Comparação entre a performance tática defensiva e ofensiva de jogadores de futebol Sub-17 de diferentes posições. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, n. 2, p. 108-114, 2015.

GONZAGA, A.; GONÇALVES, E.; TEOLDO, I. Comparação do comportamento tático de jogadores de futebol da categoria sub-15 de diferentes posições. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 6, n. 2, p. 52-59, 2014.

GRAY, A. *et al.* Validity and reliability of gps for measuring distance travelled in field-based team sports. **Journal of Sports Sciences**, v. 28, 2010.

GRECO, P. O ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes coletivos: uma análise inter e transdisciplinar. In: GARCIA, E.S.; LEMOS, K.L.M. (Orgs.). **Temas atuais VII em educação física e esportes**. Belo Horizonte: Health, 2002. p. 53-78.

GRECO, P. Conhecimento tático-técnico: eixo pendular da ação tática (criativa) nos jogos esportivos coletivos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, p. 210-212, 2006.

GRECO, P.; BENDA, R. **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

GRECO, J.; CHAGAS, M. Considerações teóricas da tática nos jogos desportivos coletivos. **Revista Paulista de Educação Física de S. Paulo**, v. 6, n. 2, p. 47-58, 1992.

GRECO, J. *et al.* Evidenciância de validade do teste de conhecimento tático processual para orientação esportiva - TCTP: OE. **Revista Brasileira de Educacao Fisica e Esporte**, v. 29, p. 313-324, 2015.

GRÉHAIGNE, J.; BOUTHIER, D. Dynamic-system analysis of opponent relationships in collective actions in soccer. **Journal of Sports Sciences**, v. 15, p. 137-149, 1997.

GRÉHAIGNE, J.; GODBUT, P.; BOUTHIER, D. Tactical knowledge in team sports from a constructivist and cognitivist perspective. **Quest**, v. 47, n. 4, 1995.

GUIMARÃES, M. *et al.* As posições no futebol e suas especificidades. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 7, n. 2, p. 71-83, 2014.

GUIMARÃES, M.; PAOLI, P. O treinamento técnico por posição no futebol: as especificidades na percepção dos técnicos de categorias de base do futebol mineiro. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 4, n. 1, p. 42-53, 2011.

HALOUANI, J. *et al.* Physiological responses according to rules changes during 3 vs. 3 small-sided games in youth soccer players: stop-ball vs. small-goals rules. **Journal of Sports Sciences**, v. 32, n. 15, p. 1485-1490, 2014a.

HALOUANI, J. *et al.* Small-sided games in team sports training: a brief review. **J. Strength Cond. Res.**, 2014b.

HARRISON, C. *et al.* Small-sided games for young athletes: Is game specificity influential? **Journal of Sports Sciences**, v. 32, n. 4, p. 336-344, 2014.

HILL-HAAS, S. *et al.* Time-motion characteristics and physiological responses of small-sided games in elite youth players: The influence of player number and rule changes. **J. Strength Cond. Res.**, v. 24, n. 8, p. 2149-2156, 2010.

HILL-HAAS, S. *et al.* Physiological responses and time-motion characteristics of various small-sided soccer games in youth players. **Journal of Sports Sciences**, v. 27, n. 1, p. 1-8, 2009a.

HILL-HAAS S. *et al.* Acute physiological responses and time-motion characteristics of two small-sided training regimes in youth soccer players. **J. Strength Cond. Res.** 2009b.

HILL-HAAS, S. *et al.* Physiology of small-sided games training in football: A systematic review. **Sports Medicine**, v. 4, n. 3, p. 199-220, 2011.

HUGUES, C. **The winning formula**. London: William Collins Sons, 1990.

JENNINGS, D. *et al.* The validity and reliability of gps units for measuring distance in team sport specific running patterns. **International Journal of Physiology and Performance**, v. 5, 2010.

JONES, S.; DRUST, B. Physiological and technical demands of 4 v 4 and 8 v 8 games in elite youth soccer players. **Kinesiology**, v. 39, 2007.

KALAMARAS, D. **Social networks visualizer (socnetv)**: social network analysis and visualization software. VISUALIZER, S. N. 2014.

KATIS, A.; KELLIS, E. Effects of small-sided games on physical conditioning and performance in young soccer players. **Journal of Sports Science and Medicine**, v. 8, 374–380, 2009.

KELLY, D.; DRUST, B. The effect of pitch dimensions on heart rate responses and technical demands of small-sided soccer games in elite players. **Journal of Science and Medicine in Sport**, v. 12, n. 4, p. 475-479, 2009.

KEMPE, M. *et al.* Possession vs. Direct Play: Evaluating Tactical Behavior in Elite Soccer. **International Journal of Sports Science**, v. 4, n. 6, p. 35-41, 2014.

KÖKLÜ, Y. *et al.* Effect of different recovery durations between bouts in 3-a-side games on youth soccer players' physiological responses and technical activities. **Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**, v. 55, n. 5, p. 430-438, 2015ba.

KÖKLÜ, Y. *et al.* Physiological responses and time-motion characteristics of 4-a-side small-sided game in young soccer players: The influence of different team formation methods. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 26, n. 11, p. 3118-3123, 2012.

KÖKLÜ, Y. *et al.* Comparison of the physiological responses and time-motion characteristics of young soccer players in small-sided games: the effect of goalkeeper. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 29, n. 4, p. 964-971, 2015ab.

LANDIS, J.; KOCH, G. The measurement of observer agreement for categorical data. **Biometrics**, v. 33, n. 1, p. 159-174, 1977.

LITTLE, T.; WILLIAMS, A. Measures of exercise intensity during soccer training drills with professional soccer players. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 21, n. 2, p. 367-371, 2007.

LIZANA, C. *et al.* Treinamento dos Princípios Táticos de Ataque por meio dos Jogos Reduzidos Conceituais. **Revista Mineira de Educação Física**, Edição Especial, n. 9, p. 148-154, 2013.

LIZANA, C. *et al.* Análise da potência aeróbia de futebolistas por meio de teste de campo e teste laboratorial. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 20, n. 6, p. 447-450, 2014.

LIZANA, C. *et al.* Technical and tactical soccer players' performance in conceptual small-sided games. **Motriz**, v. 21, n. 3, p. 312-320, 2015.

MACHADO, G.; GONÇALVES, E.; TEOLDO, I. Comparação entre o comportamento tático de jogadores de futebol das categorias sub-11 e sub-13. **Revista Mineira de Educação Física (UFV)**, v. 9, p. 701-707, 2013.

MACHADO, G.; SCAGLIA, A.; TEOLDO, I. Influência do Efeito da Idade Relativa e do Comportamento Tático sobre o Desempenho Tático de jogadores de Futebol da categoria Sub-17. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 26, n. 2, p. 223-231, 2015.

MADDISON, R.; MHURCHU, C. Global Positioning System: a new opportunity in physical activity measurement. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 6, 2009.

MALINA R. *et al.* Maturity associated variation in the growth and functional capacities of youth football (soccer) players 13–15 years. **Eur. J. Appl. Physiol.**, v. 91, p. 555-562, 2004.

MALLO, J.; NAVARRO, E. Physical load imposed on soccer players during small-sided training games. **Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**, v. 48, n. 2, p. 166-171, 2008.

MANGAS, C. **Conhecimento declarativo no futebol**: estudo comparativo em praticantes federados e não-federados, do escalão de sub-14. 1999. (Mestrado) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto. 1999.

MATIAS, C.; GRECO, P. Cognição & ação nos jogos esportivos coletivos. **Ciências & Cognição**, v. 15, n. 1, p. 252-271, 2010.

McGARRY, T. Soccer as a dynamical system: some theoretical considerations. In: REILLY, T.; CABRI, J.; ARAÚJO, D. (Eds.). **Science and football**. V. Oxon: Routledge/Taylor & Francis Group, 2005. p. 570-79

MEMMERT, D. **Diagnostik taktischer leistungskomponenten: Spieltestsituationen und konzeptorientierte expertenratings**. 2002. (Doutorado) - Instituto de Esportes e Ciências do esporte, Universidade de Heidelberg, Heidelberg. 2002.

MESQUITA, I. Modelação do treino de habilidades técnicas nos jogos desportivos. In: GARGANTA, I. (Ed.) **Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivo**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Centro de Estudos Desportivos, 2000.

MESQUITA, I.; PEREIRA, F.; GRAÇA, A. Modelos de ensino dos jogos desportivos: investigação e ilações para a prática. **Motriz**, v. 15, n. 4, p. 944-954, 2009.

MOREIRA, P. *et al.* Conhecimento tático declarativo em jogadores de futebol sub-14 e sub-15. **Kinesis**, v. 32, n. 87-99, 2014.

NITSCH, J. Ecological approaches to sport activity: A commentary from a action-theoretical point of view. **International Journal of Sports Psychology**, v. 40, 2009.

NOBLE, B. *et al.* A category-ratio perceived exertion scale: relationship to blood and muscle lactates and heart rate. **Medicine and Science in Sports and Exercise**, v. 15, n. 6, 1983.

OLIVEIRA, A.; BELTRÃO, B.; SILVA, F. Metacognição e hemisfericidade em jovens atletas: direcionamento para uma pedagogia de ensino desportivo. **Rev. Paulista Ed. Fís.**, v. 17, n. 1, p. 5-15, 2003.

OWEN, A.; TWIST, C.; FORD, P. Small-sided games: the physiological and technical effect of altering pitch size and player numbers. **Insight**, v. 7, n. 2, p. 50-53, 2004.

OWEN, A. *et al.* Heart rate responses and technical comparison between small-vs. large-sided games in elite professional soccer. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 25, n. 8, p. 2104-2110, 2011.

OWEN, A. *et al.* Physical and technical comparisons between various- sided games within professional soccer. **International Journal of Sports Medicine**, v. 34, n. 1, p. 1-7, 2013.

PADILHA, M.; MORAES, J.; TEOLDO, I. O estatuto posicional pode influenciar o desempenho tático ente jogadores da Categoria Sub-13? **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 21, n. 4, p. 73-79, 2013.

PASQUARELLI, B. **O Processo Pedagógico de uma Metodologia de Treino pautada no Jogo e a Caracterização das Interações de Passe em Jogos de Futebol da categoria Sub11.** 2017. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

PEÑA, J.; TOUCHETTE, H. A network theory analysis of football strategies. **Proceedings of Euromech Physics of Sports Conference**, 2013. p. 517-528.

PRAÇA, G. **Pequenos jogos no futebol:** comportamento tático e perfil motor em superioridade numérica. 2014. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

PRAÇA, G. **Pequenos jogos no futebol:** influência do critério de composição das equipes e das capacidades táticas e físicas no comportamento de jovens jogadores. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2016.

PRAÇA, G. M. *et al.* Network analysis in small-sided conditioned games: the influence of additional players and playing position. **Kinesiology**, v. 49, 2017.

PRAÇA, G. *et al.* Tactical behavior in soccer small-sided games: influence of tactical knowledge and numerical superiority. **Journal of Physical Education**, v. 27, n. 1, p. 2736, 2016a.

PRAÇA, G.; CUSTÓDIO, I.; GRECO, P. Numerical superiority changes the physical demands of soccer players during small-sided games. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 17, n. 3, p. 269-279, 2015a

PRAÇA, G. *et al.* Influence of additional players on collective tactical behavior in small-sided soccer games. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 18, n. 1, p. 62-71, 2016b.

PRAÇA, G. *et al.* Caracterização da demanda física de pequenos jogos no futebol: Influência do estatuto posicional. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v. 23, n. 1, p. 58-64, 2015b.

QUINA, J. N. **Futebol: referências para a organização do jogo**. Bragança (POR): Instituto Politécnico de Bragança, 2001.

RAMPININI, E. *et al.* Variation in top level soccer match performance. **Int. J. Sports Med.**, v. 28, p. 1018-1024, 2007.

REBELO, A. *et al.* Anthropometric Characteristics, Physical Fitness and Technical Performance of Under-19 Soccer Players by Competitive Level and Field Position. **International Journal of Sports and Medicine**, v. 34, n. 4, p. 312-317, 2012.

REILLY, T. Energetic of high intensity exercise (soccer), with particular reference to fatigue. **Jour. Spor. Scie.**, v. 15, p. 257-263, 1997.

REVERDITO, R.; SCAGLIA, A. gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta metocológica para o ensino dos jogos coletivos. **Motriz**, v. 13, n. 1, p. 51-63, 2007.

RIBEIRO, J. *et al.* Team Sports Performance Analysed Through the Lens of Social Network Theory: Implications for Research and Practice. **Sports Medicine**, p. 1-8, 2017.

ROBERGS, R.; LANDWEHR, R. The surprising history of the $HR_{max} = 220 - \text{age}$ equation. **Journal of Exercise Physiology**, v. 5, n. 2, 2002.

ROBINSON, G.; O'DONGHUE, P. A weighted kappa statistic for reliability testing in performance analysis of sport. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 7, n. 1, p. 12-19, 2007.

ROMÁN-QUINTANA, J. *et al.* The influence of ball-touches number on physical and physiological demands of large-sided games. **Kinesiology**, v. 45, n. 2, p. 130-138, 2013.

SCAGLIA, A.; REVERDITO, R. O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 11, supl. 4, p. 89-90, 2011.

SCHULTZER, I. R.; LIBERALI, R.; Caracterização do futebol: distância percorrida, VO₂ máx e percentual de gordura do futebolista: revisão sistemática. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, São Paulo, v. 5, n. 29, p. 442-454, 2011.

SILVA, B. **Estudos dos comportamentos táticos de jogadores de futebol em jogos reduzidos e por estatuto posicional**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Universidade do Porto, Porto, 2011.

SILVA, B. *et al.* Comparing Tactical Behaviour of Soccer Players in 3 vs. 3 and 6 vs. 6 Small-Sided Games. **Journal of Human Kinetics**, v. 41, p. 191-202, 2014.

SILVA, H. **A organização de jogo de uma equipa de futebol: uma abordagem sistêmica na construção de uma forma de jogar**. 2008. Dissertação (Licenciatura) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Universidade do Porto, Porto, 2008.

SILVA, M. **O desenvolvimento do jogar segundo a periodização tática**. Pontevedra: MC Sports, 2008.

SILVA, M.; GRECO, P. A influência dos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento no desenvolvimento da inteligência e criatividade tática em atletas de futsal. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, 2009.

SILVA, N.; BARROS, T. Motion patterns of Brazilian Young soccer players. **Med. Scie. Spor. Exer.**, v. 37, n. 5, supplement, 2005.

SILVA, P. *et al.* Practice effects on intra-team synergies in football teams. **Human Movement Science**, v. 46, p. 39-51, 2016a.

SILVA, T.; ROSE JUNIOR, D. Iniciação nas modalidades esportivas coletivas: a importância da dimensão tática. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 4. n. 4, p. 71-93, 2005.

SISTO, F.; GRECO, P. Comportamento Tático nos Jogos Esportivos Coletivos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 9, n. 1, 1995.

SOARES, V. **Análise do processo de ensino-aprendizagem-treinamento nas categorias de base do futebol:** relações com as capacidades cognitivas e motoras. 2011. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SOROKA, A.; LAGO-PEÑAS, C. The effect of a succession of matches on the physical performance of elite football players during the World Cup 2014. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 16, p. 434-441, 2016.

SOUSA, P.; GARGANTA, J.; GARGANTA, R. Estatuto posicional, força explosiva dos membros inferiores e velocidade imprimida à bola no remate em Futebol. Um estudo com jovens praticantes do escalão sub-17. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**, v. 3, n. 3, p. 27-35, 2003.

STERNBERG, R. J. **Psicologia cognitiva**. Porto Alegre: Artemed, 2000.

STOLEN, T. *et al.* Physiology of soccer: An update. **Spor. Med.**, v. 35, p. 501-536, 2005.

TABACHNICK, B.; FIDELL, L. **Using multivariate statistics**. 5 ed. New York: Harper & Row, 2007.

TAMARIT, X. **Que és la periodización táctica?** Vivenciar el juego para condicionar el juego. Madrid: MC Sports, 2007.

TAVARES, F.; CASANOVA, F. A atividade decisional do jogador nos jogos desportivos coletivos. In: TAVARES, F. (Ed.) **Jogos Desportivos Coletivos:** ensinar a jogar. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Centro de Estudos Desportivos, 2013.

TAVARES, F.; GRECO, P.; GARGANTA, J. Perceber, conhecer, decidir e agir nos jogos desportivos coletivos. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. (Ed.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 284-298.

TAYLOR, J.; MELLALIEU, S.; JAMES, N. Behavioural comparisons of positional demands in professional soccer. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 4, n. 1, p. 81-97, 2004.

TEOLDO, I.; GUILHERME, J.; GARGANTA, J. **Para um futebol jogado com ideias: concepção, treinamento e avaliação do desempenho tático de jogadores e equipes**. Curitiba: Appris, 2015a.

TEOLDO, I.; GUILHERME, J.; GARGANTA, J. Importância da cognição para o jogar de qualidade no futebol. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DOS JOGOS DESPORTIVOS, 5, 2015, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2015b. p. 169-216.

TESSITORE, A.; MEEUSEN, R.; PIACENTINI, M.F.; DEMARIE, S.; CAPRANICA L. Physiological and technical aspects of “6-aside” soccer drills. **J. Sports Med. Phys. Fitness**, v. 46, n. 1, 2006.

THOMAS, J.; NELSON, J.; SILVERMAN, S. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TUNER, A. N. PERRY, F.; Strength and Conditioning for Soccer Players. **Strength and Conditioning Journal**, v, 36, n, 4, 2014.

VARLEY, M.; FAIRWEATHER, I.; AUGHEY, R. Validity and reliability of gps for measuring instantaneous velocity during acceleration, deceleration, and constant motion. **Journal of Sports Sciences**, v. 1, p. 1-7, 2011.

VILAR, L.; DUARTE, R.; SILVA, P.; CHOW, J. Y.; DAVIDS, K. The influence of pitch dimensions on performance during small-sided and conditioned soccer games. **Journal of Sports Sciences**, p. 1-9, 2014.

WISBEY, B. *et al.* Quantifying movement demands of AFL football using GPS tracking. **Journal of Science and Medicine in Sport**, v. 13, 2010.

WONG, P. *et al.* Relationship between anthropometric and physiological characteristics in youth soccer players. **J. Strength Cond. Res.**, v. 23, p. 1204 – 1210, 2009.

YAMAMOTO, Y.; YOKOYAMA, K. Common and Unique Network Dynamics in Football Games. **PLOS ONE**, v. 6, n. 12, 2011.

ANEXO I: APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS

**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Influência do critério de composição das equipes nos comportamentos táticos, técnicos, físicos e fisiológicos de jogadores de futebol durante Pequenos Jogos

Pesquisador: Pablo Juan Greco

Versão: 2

CAAE: 51011915.9.0000.5149

Instituição Proponente: PRO REITORIA DE PESQUISA

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 116793/2015

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

ANEXO II: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE****Pequenos Jogos no Futebol****O efeito da utilização de diferentes composições da equipe baseadas no estatuto posicional no desempenho de jovens atletas**

Orientador: Prof. Dr. Pablo Juan Greco. Aluno envolvido: Marcelo Vilhena Silva

(PAIS E RESPONSÁVEIS)

Prezado senhor, convidamos seu filho a participar da pesquisa intitulada “Pequenos Jogos no Futebol: O efeito da utilização de diferentes composições da equipe baseadas no estatuto posicional de jovens atletas”. Neste estudo ele vivenciará situações de pequenos jogos de Futebol, nos quais se avaliará comportamentos táticos, técnicos, físicos e fisiológicos realizados pelos atletas.

Todas as ações realizadas pelos voluntários serão filmadas, e durante as atividades os voluntários utilizarão um equipamento de GPS capaz de registrar a movimentação corporal durante o protocolo. Não haverá nenhum procedimento invasivo de coleta de dados.

Justifica-se este estudo a partir da necessidade de um melhor entendimento da ferramenta “Pequenos Jogos” e sua consequente melhor utilização nos treinamentos de Futebol.

Durante a realização da pesquisa o senhor está autorizado a solicitar esclarecimentos sobre os protocolos éticos para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais por meio do e-mail coep@prpq.ufmg.br. Ainda, caso haja dúvidas em relação aos métodos e procedimentos que seu filho será submetido, bem como em relação aos objetivos da pesquisa e a conduta dos pesquisadores, sugerimos contato com o pesquisador principal por meio do endereço eletrônico grecoj@ufmg.br. Além disso, possíveis desconfortos como sensação calor e cansaço provenientes das atividades físicas realizadas podem ser comunicados tanto por você quanto por seu filho aos pesquisadores, os quais o (a) atenderão prontamente. Quaisquer informações, mesmo após a coleta de dados, podem ser obtidas a partir do contato com os pesquisadores (grecoj@ufmg.br) ou com o de COEP: Comitê de Ética em Pesquisa, situado na Avenida Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2º andar sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP 31270-901. Telefone 34094592. E-mail: coep@prpq@ufmg.br.

Na eventualidade da participação do seu filho neste estudo resultar em algum problema médico, inclusive tratamento de emergência, ele receberá assistência da equipe responsável pelo estudo. Entretanto, o estudo não dispõe de recursos para pagamentos de exames complementares ou quaisquer outras despesas médicas ou hospitalares, que deverão ser cobertas por seus próprios recursos ou pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Em caso de emergência, o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU / 192) será chamado.

Salienta-se a liberdade do voluntário bem como do pai/responsável em recusar, em qualquer momento e sem penalização de nenhuma ordem, a participação em uma ou mais fases do estudo, bem como retirar seu consentimento caso haja interesse.

Todos dados coletados durante o estudo têm caráter sigiloso, não podendo ser associados ao seu filho em momento algum. Desta forma, garantimos o uso apenas científico das informações coletadas, sendo sua identidade mantida em sigilo durante todo o processo.

Quaisquer danos ocasionados durante a participação na pesquisa serão de responsabilidade dos pesquisadores, os quais tomarão ainda no local de coleta as primeiras medidas e encaminharão soluções imediatamente para as situações que acontecerem.

Antes de concordar em participar desta pesquisa e assinar este termo, os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas e, se você concordar em participar do estudo, deve ser entregue uma cópia deste termo para você.

Eu discuti os riscos e benefícios da participação do meu filho no estudo com os pesquisadores responsáveis. Eu li todo o documento e tive tempo suficiente para considerar a participação do meu filho no estudo. Eu perguntei e obtive as respostas para todas as minhas dúvidas. Eu sei que nós, tanto eu quanto meu filho, podemos nos recusar a participar do estudo ou que podemos abandoná-lo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento. Eu recebi uma cópia deste documento que foi assinado em duas vias idênticas. Portanto, forneço o meu consentimento para a participação do meu filho nos experimentos do estudo “Pequenos Jogos no Futebol: O efeito da utilização de diferentes composições da equipe baseadas no estatuto posicional de jovens atletas”.

Curitiba, ____ de _____ de 20__

Nome do voluntário: _____

Assinatura do Responsável (CPF):

Pesquisador – Prof. Dr. Pablo Juan Greco

ANEXO III: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ATLETAS)**Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TCLE****Pequenos Jogos no Futebol****O efeito da utilização de diferentes composições da equipe baseadas no estatuto posicional no desempenho de jovens atletas**

Orientador: Prof. Dr. Pablo Juan Greco. Aluno envolvido: Marcelo Vilhena Silva

Prezado atleta, o convidamos a participar da pesquisa intitulada “Pequenos Jogos no Futebol: O efeito da utilização de diferentes composições da equipe baseadas no estatuto posicional de jovens atletas”. Neste estudo você vivenciará situações de Pequenos Jogos de Futebol, nos quais se avaliará comportamentos fisiológicos, físicos, táticos e técnicos realizados pelos atletas.

Justifica-se este estudo a partir da necessidade de um melhor entendimento da ferramenta “Pequenos Jogos” e sua consequente melhor utilização nos treinamentos de Futebol. Durante a pesquisa você vivenciará a prática de um treinamento no futebol que, somado às sessões de treino já cotidianas, permitirá a melhoria da sua qualidade técnica, tática e física aplicadas ao jogo de futebol

Todas as ações que você realizar serão filmadas, e durante as atividades os voluntários utilizarão um equipamento de GPS capaz de registrar a movimentação corporal durante o protocolo. Estes dados serão armazenados por cinco anos.

Durante a realização da pesquisa o senhor está autorizado a solicitar esclarecimentos sobre os protocolos éticos para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais por meio do e-mail coep@prpq.ufmg.br. Ainda, caso haja dúvidas em relação aos métodos e procedimentos que seu filho será submetido, bem como em relação aos objetivos da pesquisa e a conduta dos pesquisadores, sugerimos contato com o pesquisador principal por meio do endereço eletrônico grecoj@ufmg.br. Além disso, possíveis desconfortos como sensação calor e cansaço provenientes das atividades físicas realizadas podem ser comunicados tanto por você quanto por seu filho aos pesquisadores, os quais o (a) atenderão prontamente. Quaisquer informações, mesmo após a coleta de dados, podem ser obtidas a partir do contato com os pesquisadores (grecoj@ufmg.br) ou com o de COEP: Comitê de Ética em Pesquisa, situado na Avenida Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2º andar sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP 31270-901. Telefone 34094592. E-mail: coep@prpq@ufmg.br.

Na eventualidade da sua participação neste estudo resultar em algum problema médico, inclusive tratamento de emergência, você receberá assistência da equipe responsável pelo estudo. Entretanto, o estudo não dispõe de recursos para pagamentos de exames complementares ou quaisquer outras despesas médicas ou hospitalares, que deverão ser cobertas por seus próprios recursos ou pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Em caso de emergência, o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU / 192) será chamado.

Salienta-se a sua liberdade em recusar, em qualquer momento e sem penalização de nenhuma ordem, a participação em uma ou mais fases do estudo, bem como retirar seu consentimento caso haja interesse.

Todos dados coletados durante o estudo têm caráter sigiloso, não podendo ser associados a você em momento algum. Desta forma, garantimos o uso apenas científico das informações coletadas, sendo sua identidade mantida em sigilo durante todo o processo.

Quaisquer danos ocasionados durante a participação na pesquisa serão de responsabilidade dos pesquisadores, os quais tomarão ainda no local de coleta as primeiras medidas e encaminharão soluções imediatamente para as situações que acontecerem.

Antes de concordar em participar desta pesquisa e assinar este termo, os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas e, se você concordar em participar do estudo, deve ser entregue uma cópia deste termo para você.

Eu discuti os riscos e benefícios de minha participação no estudo com os pesquisadores responsáveis. Eu li todo o documento e tive tempo suficiente para considerar minha participação no estudo. Eu perguntei e obtive as respostas para todas as minhas dúvidas. Eu sei que posso me recusar a participar do estudo ou que posso abandoná-lo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento. Eu recebi uma cópia deste documento que foi assinado em duas vias idênticas. Portanto, forneço o meu consentimento para participar dos experimentos do estudo “Pequenos Jogos no Futebol: O efeito da utilização de diferentes composições da equipe baseadas no estatuto posicional de jovens atletas”.

Curitiba, ____ de _____ de 20__

Voluntário (CPF):

Pesquisador – Prof. Dr. Pablo Juan Greco

ANEXO IV: INDICADORES DE PERFORMANCE FUTSAT (RETIRADO DE COSTA ET AL., 2009)

Penetração

Referências Espaciais

Progressões do portador da bola em direção à baliza ou à linha de fundo adversária.

Ações Táticas

Condução de bola pelo espaço disponível (com ou sem defensores a frente).

Realização de dribles que colocam efetivamente a equipe em superioridade numérica em ações de ataque.

Condução de bola em direção à linha de fundo ou ao gol adversário.

Realização de dribles que propiciam condições favoráveis a um passe/assistência para o companheiro dar sequência ao jogo.

Indicadores de Performance

Bem sucedida (+)

a-Propiciar remate, passe ou drible

Mal sucedida (-)

a-Permite o desarme adversário / b-Dirigir jogo espaço ocupado

Descrição dos Indicadores

Bem sucedida (+)

a-Quando a movimentação do portador da bola propicia um remate, um passe ou um drible (ofensivo).

Mal sucedida (-)

a-Quando a movimentação do portador da bola permite ao adversário desarmá-lo.

b-Quando o portador da bola se dirige para um espaço já ocupado por outros jogadores, dificultando a ação ofensiva da própria equipe.

Cobertura Ofensiva

Referências Espaciais

Apoios ofensivos realizados:

-Dentro do centro de jogo;

-Fora do centro de jogo, na região demarcada pelo limite da metade menos ofensiva do centro de jogo e o corredor subsequente do sentido de jogo.

Ações Táticas

Oferecimento constante de linhas de passe ao portador da bola.

Apoios próximos ao portador da bola que permitem manter a posse de bola.

Realização de tabelas e/ou triangulações com o portador da bola. Apoios próximos ao portador da bola que permitem superioridade numérica ofensiva

Indicadores de Performance

Bem sucedida (+)

a-Garantir linha de passe / b-Reduzir pressão portador / c-Permite possibilidade de remate

Mal sucedida (-)

a-Não garantir linha de passe / b-Não reduzir pressão portador / c-Não permite possibilidade de remate

Descrição dos Indicadores

Bem sucedida (+)

a-Quando a movimentação do jogador garante linha de passe ao portador da bola.

b-Quando a movimentação do jogador propicia a redução do número de adversários sobre o portador da bola.

c-Quando a movimentação do jogador permite possibilidade de remate, a partir de ações originadas na linha de fundo.

Mal sucedida (-)

a-Quando a movimentação do jogador não garante linha de passe ao portador da bola.

b-Quando a movimentação do jogador não propicia a redução do número de adversários sobre o portador da bola.

c-Quando a movimentação do jogador não permite possibilidade de remate, a partir de ações originadas na linha de fundo.

Mobilidade

Referências Espaciais

Movimentações executadas entre a linha do último defensor e a baliza ou a linha de fundo adversária.

Ações Táticas

Movimentações em profundidade ou largura "nas costas" do último defensor em direção a linha de fundo ou ao gol adversário.

Movimentações em profundidade ou largura "nas costas" do último defensor que visem ganho de espaço ofensivo.

Movimentações em profundidade ou largura "nas costas" do último defensor que propiciem receber a bola.

Movimentações em profundidade ou largura "nas costas" do último defensor que visem a criação de oportunidades para a sequência ofensiva do jogo

Indicadores de Performance

Bem sucedida (+)

a-Possibilitar passe profundidade para colega / b- Amplia EJE nas costas da defesa

Mal sucedida (-)

a-Não possibilitar passe profundidade para colega / b-Jogador fica em impedimento

Descrição dos Indicadores

Bem sucedida (+)

a-Quando a movimentação do jogador cria ao portador da bola possibilidade de passe em profundidade para um colega em ações de ruptura em relação à defesa adversária.

b-Quando a movimentação do jogador possibilita aumento do espaço de jogo efetivo da equipe nas costas da defesa.

Mal sucedida (-)

a-Quando a movimentação do jogador não cria ao portador da bola possibilidade de passe em profundidade para um colega em ações de ruptura em relação à defesa adversária.

b-Quando a movimentação do jogador o coloca em situação de impedimento.

Espaço

Referências Espaciais

Movimentações realizadas fora do centro de jogo, entre a linha da bola e a linha do último defensor.

Movimentações do portador da bola realizadas em direção à linha lateral ou à própria baliza.

Ações Táticas

Busca por espaços não ocupados pelos adversários no campo de jogo.

Movimentações de ampliação do espaço de jogo que proporcionam superioridade numérica no ataque.

Drible ou condução para trás/linha lateral que permitem diminuir a pressão adversária sobre a bola.

Movimentações que permitem (re)iniciar o processo ofensivo em zonas distantes daquela onde houve a recuperação da posse de bola.

Indicadores de Performance

Bem sucedida (+)

a-Ampliar largura EJE / b-Ampliar profundidade EJE / c-Criar espaços para movimentação dos colegas de equipe / d-Ir para pontos menor pressão / e-Diminuir pressão (lado ou atrás do CJ) / f-Manter a posse de bola

Mal sucedida (-)

a-Não ampliar largura EJE / b-Não ampliar profundidade EJE c-Não criar espaços para movimentação dos colegas de equipe / d-Não ir para pontos de menor pressão / e-Não diminuir pressão (lado ou atrás do CJ) / f-Permitir o desarme adversário

Descrição dos Indicadores

Bem sucedida (+)

a-Quando a movimentação do jogador propicia ampliação do EJE em largura da sua equipe (amplia o limite transversal do espaço de jogo efetivo – EJE).

b-Quando a movimentação do jogador propicia ampliação do espaço de jogo em profundidade até a linha do último jogador de defesa (amplia o limite longitudinal do espaço de jogo efetivo – EJE).

c-Quando a movimentação do jogador (mesmo para zona de maior pressão) propicia criação de espaços para a movimentação de outros jogadores da sua equipe ou um passe de sucesso (o jogador recebe a bola).

d-Quando a movimentação do jogador lhe permite posicionar em pontos de menor pressão adversária (dentro do EJE).

e-Quando a movimentação do portador da bola (deslocamentos laterais ou para trás) propicia redução de pressão sobre a bola e assegura condições para dar sequência à ação ofensiva.

f-Quando a movimentação do portador da bola (deslocamentos laterais ou para trás) permite manter a equipe manter a posse de bola.

Mal sucedida (-)

a-Quando a movimentação do jogador não propicia ampliação do EJE em largura da sua equipe.

b-Quando a movimentação do jogador não propicia ampliação do espaço de jogo em profundidade até a linha do último jogador de defesa(amplia o limite longitudinal do espaço de jogo efectivo – EJE).

c-Quando a movimentação do jogador (mesmo para zona de maior pressão) não propicia criação de espaços para a movimentação de outros jogadores da sua equipe ou um passe de sucesso (o jogador recebe a bola).

d-Quando a movimentação do jogador não lhe permite posicionar em pontos de menor pressão adversária (dentro do EJE).

e-Quando a movimentação do jogador (deslocamentos laterais ou para trás) não propicia redução de pressão sobre a bola nem assegura condições para dar sequência à ação ofensiva.

f-Quando a movimentação do portador da bola permite ao adversário desarmá-lo.

Unidade Ofensiva

Referências Espaciais

Movimentações de apoio ofensivo realizadas fora do centro de jogo, tendo como referência:

- O limite da metade menos ofensiva do centro de jogo e a própria baliza;
- O limite da metade menos ofensiva do centro de jogo e a linha lateral oposta ao sentido de jogo;
- O corredor oposto ao de localização da metade menos ofensiva do centro de jogo.

Ações Táticas

Avanço da última linha de defesa, permitindo que a equipe jogue em bloco.

Saída da linha de defesa dos setores defensivos e aproximação da mesma à linha de meio campo.

Avanço dos jogadores de defesa, propiciando que mais jogadores participem das ações no centro de jogo.

Movimentação dos laterais em direção ao corredor central quando as ações do jogo são desenvolvidas no lado oposto.

Indicadores de Performance

Bem sucedida (+)

a-Aproximar equipe do CJ / b-Participar ação subsequente / c-Contribuir atrás linha da bola / d-Auxiliar equipe avançar ao MCO

Mal sucedida (-)

a-Não aproximar equipe do CJ / b-Não participar ação subsequente / c-Não contribuir atrás linha da bola / d-Não auxiliar equipe avançar ao MCO

Descrição dos Indicadores

Bem sucedida (+)

a-Quando a movimentação do jogador permite que outros jogadores participem ou se aproximem do centro de jogo.

b- Quando a movimentação do jogador lhe faculta a possibilidade de participar de uma ação ofensiva/defensiva subsequente.

c- Quando a movimentação do jogador contribui para a realização de ações ofensivas da equipa atrás da linha da bola.

d- Quando a movimentação do jogador auxilia no avanço da equipe para o meio campo ofensivo.

Mal sucedida (-)

a-Quando a movimentação do jogador não permite que outros jogadores participem ou se aproximem do centro de jogo.

b-Quando a movimentação do jogador não lhe faculta a possibilidade participar de uma ação ofensiva/defensiva subsequente.

c- Quando a movimentação do jogador não contribui para a realização de ações ofensivas da equipa atrás da linha da bola.

d- Quando a movimentação do jogador não auxilia no avanço da equipe para o meio campo ofensivo.

Contenção

Referências Espaciais

Ações de oposição do jogador de defesa ao portador da bola, realizadas entre a bola e a baliza a defender.

Ações Táticas

Marcação ao portador da bola impedindo a ação de penetração.

Ação de "proteção da bola" que impede o adversário de alcançá-la.

Realização da "dobra" defensiva ao portador da bola.

Realização de faltas técnicas para conter a progressão da equipe adversária, quando o sistema defensivo está desorganizado.

Indicadores de Performance

Bem sucedida (+)

a-Impedir o remate / b-Impedir progressão / c-Retardar ação oponente / d-Direcionar p/ zonas menor risco

Mal sucedida (-)

a-Não impedir o remate / b-Não impedir progressão / c-Não retardar a ação oponente / d-Não direcionar p/ zonas de menor risco

Descrição dos Indicadores

Bem sucedida (+)

a-Quando a movimentação/oposição do jogador impede que o portador da bola remate à baliza.

b-Quando a movimentação do jogador impede que o portador da bola progrida em direção à baliza

c-Quando a movimentação do jogador retarda a ação ofensiva adversária, permitindo que a sua equipe se organize defensivamente.

d-Quando a movimentação do jogador direciona o portador da bola para zonas de menor risco.

Mal sucedida (-)

a-Quando a movimentação/oposição do jogador não permite impedir o remate do portador da bola à baliza.

b- Quando a movimentação/oposição do jogador não permite conter a progressão do portador da bola em direção à baliza.

c- Quando a movimentação do jogador não permite retardar a ação ofensiva adversária, não permitindo que a sua equipe se organize defensivamente.

d- Quando a movimentação do jogador não permite direcionar o portador da bola para zonas de menor risco.

Cobertura Defensiva

Referências Espaciais

Apoio defensivo ao jogador de contenção realizado dentro da metade mais ofensiva do centro de jogo.

Ações Táticas

Ação de cobertura ao jogador de contenção.

Posicionamento que permite obstruir eventuais linhas de passe para jogadores adversários.

Marcação de adversário(s) que pode(m) receber a bola em situações vantajosas para o ataque.

Posicionamento adequado que permite marcar o portador da bola quando o jogador de contenção for driblado.

Indicadores de Performance

Bem sucedida (+)

a-Posicionar entre contenção ou a baliza / b-Possibilitar 2ª contenção / c-Obstruir linhas de passe

Mal sucedida (-)

a-Não posicionar entre contenção ou a baliza / b-Não possibilitar 2ª contenção / c-Não obstruir linhas de passe

Descrição dos Indicadores

Bem sucedida (+)

a- Quando a movimentação do jogador permite um posicionamento entre o jogador que realiza a contenção e a baliza na metade mais ofensiva do centro de jogo.

b- Quando a movimentação do jogador permite que ele seja um novo obstáculo ao portador da bola, caso o jogador que realiza a contenção seja ultrapassado.

c- Quando a movimentação do jogador permite obstruir ou interceptar linhas de passe do portador da bola a outro adversário.

Mal sucedida (-)

a- Quando a movimentação do jogador não permite um posicionamento entre o jogador que realiza a contenção e a baliza na metade mais ofensiva do centro de jogo.

b- Quando a movimentação do jogador não permite que ele seja um novo obstáculo ao portador da bola, caso o jogador que realiza a contenção seja ultrapassado.

c- Quando a movimentação do jogador não permite obstruir ou interceptar linhas de passe do portador da bola a outro adversário.

Equilíbrio

Referências Espaciais

Movimentações de estabilidade na relação de oposição realizadas:

-Na(s) zona(s) lateral(is) à zona de localização da metade mais ofensiva do centro de jogo, delimitada pela linha da bola e o setor subsequente;

-Na metade menos ofensiva do centro de jogo.

Ações Táticas

Movimentações que permitem assegurar estabilidade defensiva.

Movimentação de recuperação defensiva feita por trás do portador da bola.

Posicionamento que permite obstruir eventuais linhas de passe longo.

Marcação de jogadores adversários que apoiam as ações ofensivas do portador da bola.

Indicadores de Performance

Bem sucedida (+)

a-Estabilizar zonas laterais CJ / b-Obstruir linhas de passe / c-Estabilizar M-OCJ / d-Interferir no portador M-OCJ / e-Obstruir linhas de passe

Mal sucedida (-)

a-Não estabilizar zonas laterais CJ / b-Não obstruir linhas de passe / c-Não estabilizar M-OCJ / d-Não interferir portador M-OCJ / e-Não obstruir linhas de passe

Descrição dos Indicadores

Bem sucedida (+)

a-Quando a movimentação do jogador permite criar estabilidade defensiva nas zonas laterais ao centro do jogo (através da marcação de adversários que podem receber a bola ou da obstrução de linhas de passe), impedindo a progressão ofensiva adversária.

b-Quando a movimentação do jogador permite obstruir ou interceptar linhas de passe do portador da bola a outro adversário localizado nas zonas laterais ao centro de jogo.

c-Quando a movimentação do jogador permite criar estabilidade defensiva nas relações de oposição na metade menos ofensiva do centro do jogo (através da marcação de adversários que podem receber a bola ou da obstrução de linhas de passe).

d-Quando a movimentação de recuperação defensiva do jogador (metade menos ofensiva do centro de jogo) interfere na ação do portador da bola (criando dificuldades para a sequência ofensiva adversária ou facilitando a recuperação da bola por parte da sua equipe).

e-Quando a movimentação do jogador permite obstruir ou interceptar linhas de passe do portador da bola a outro adversário dentro da metade menos ofensiva do centro de jogo.

Mal sucedida (-)

a-Quando a movimentação do jogador não permite criar estabilidade defensiva nas relações de oposição nas zonas laterais ao centro do jogo (através da marcação de adversários que podem receber a bola ou da obstrução de linhas de passe), impedindo a progressão ofensiva adversária.

b- Quando a movimentação do jogador não permite obstruir ou interceptar linhas de passe do portador da bola a outro adversário localizado nas zonas laterais ao centro de jogo.

c-Quando a movimentação do jogador não permite criar estabilidade defensiva nas relações de oposição na metade menos ofensiva do centro do jogo (através da marcação de adversários que podem receber a bola ou da obstrução de linhas de passe).

d- Quando a movimentação de recuperação defensiva do jogador (metade menos ofensiva do centro de jogo) não interfere na ação do portador da bola (dificultando a recuperação da bola por parte da sua equipe).

e- Quando a movimentação do jogador não permite obstruir ou interceptar linhas de passe do portador da bola a outro adversário dentro da metade menos ofensiva do centro de jogo.

Concentração

Referências Espaciais

Movimentações de reforço defensivo na zona do campo onde se encontra a metade mais ofensiva do centro do jogo.

Ações Táticas

Movimentação que propicia reforço defensivo na zona de maior perigo para a equipe.

Marcação de jogadores adversários que buscam aumentar o espaço de jogo ofensivo.

Movimentações que propiciam aumento do número de jogadores entre a bola e o gol.

Movimentações que condicionam as ações de ataque da equipe adversária para as extremidades do campo de jogo

Indicadores de Performance

Bem sucedida (+)

a-Diminuir profundidade adversária / b-Direcionar zonas de menor risco

Mal sucedida (-)

a-Não diminuir profundidade adversária / b-Não direcionar zonas de menor risco

Descrição dos Indicadores

Bem sucedida (+)

a- Quando a movimentação do jogador auxilia a equipe a diminuir a amplitude ofensiva adversária (ou EJE adversário) na sua profundidade.

b- Quando a movimentação do jogador auxilia a equipe a direcionar as ações ofensivas adversárias ou o portador da bola para zonas do campo de jogo que representam menor perigo à baliza.

Mal sucedida (-)

a- Quando a movimentação do jogador não auxilia a equipe a diminuir a amplitude ofensiva adversária (ou EJE adversário) na sua profundidade.

b- Quando a movimentação do jogador não auxilia a equipe a direcionar as ações ofensivas adversárias ou o portador da bola para zonas do campo de jogo que representam menor perigo à baliza.

Unidade Defensiva

Referências Espaciais

Movimentações de apoio defensivo realizadas:

- Fora do centro do jogo, tendo como referência: a linha da bola e a baliza adversária;
- No(s) setor(es) subsequente(s) à zona de localização da metade mais ofensiva do centro do jogo e a baliza a defender;
- No corredor oposto à zona de localização da metade mais ofensiva do centro do jogo.

Ações Táticas

Organização dos posicionamentos após perda da posse de bola, com o objetivo de recriar as linhas de defesa.

Movimentação dos laterais em direção ao corredor central quando as ações do jogo são desenvolvidas no lado oposto.

Compactação defensiva da equipe na zona que representa perigo.

Movimentação dos jogadores que compõem as linhas transversais de defesa de forma a reduzir o campo de jogo do adversário (utilizando o recurso da lei do impedimento).

Indicadores de Performance

Bem sucedida (+)

a-Diminuir amplitude adversária / b-(Re)equilibrar a organização defensiva / c-Contribuir atrás linha da bola d-Aproximar equipe do CJ /e-Participar ação subsequente

Mal sucedida (-)

a-Não diminuir amplitude adversária / b-Não (re)equilibrar a organização defensiva / c-Não contribuir atrás linha da bola / d-Não aproximar equipe do CJ e-Não participar ação subsequente

Descrição dos Indicadores

Bem sucedida (+)

a- Quando a movimentação do jogador auxilia a equipe a diminuir a amplitude ofensiva adversária na sua largura e/ou profundidade.

b- Equilibrar ou reequilibrar constantemente a repartição de forças da organização defensiva consoante as situações momentâneas de jogo(setor subsequente à M+OCJ).

c- Quando a movimentação do jogador contribui para a realização de ações defensivas da equipe atrás da linha da bola (através da marcação de adversários que podem receber a bola ou da obstrução de linhas de passe).

d- Quando a movimentação do jogador propicia que outro jogador de defesa participe das ações no centro do jogo.

e- Quando a movimentação do jogador lhe faculta a possibilidade de participar de uma ação defensiva/ofensiva subsequente.

Mal sucedida (-)

a- Quando a movimentação do jogador não auxilia a equipe a diminuir a amplitude ofensiva adversária na sua largura e/ou profundidade.

b- Quando a movimentação do jogador não permite equilibrar ou reequilibrar constantemente a repartição de forças da organização defensiva consoante as situações momentâneas de jogo (setor subsequente à M+OCJ).

c- Quando a movimentação do jogador não contribui para a realização de ações defensivas da equipe atrás da linha da bola (através da marcação de adversários que podem receber a bola ou da obstrução de linhas de passe).

d- Quando a movimentação do jogador não propicia que outro jogador de defesa participe nas ações que ocorrem no centro do jogo.

e- Quando a movimentação do jogador não lhe faculta a possibilidade participar de uma ação defensiva/ofensiva subsequente.